



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

***O projeto foi realizado a tempo, tornando a pesquisa mais tranquila:
sobre a sintaxe e a semântica de orações gerundivas com sujeito
oracional***

Camila Parca Guaritá

Brasília

2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – DOUTORADO

Camila Parca Guaritá

*O PROJETO FOI REALIZADO A TEMPO, TORNANDO A PESQUISA MAIS
TRANQUILA: SOBRE A SINTAXE E A SEMÂNTICA DE ORAÇÕES
GERUNDIVAS COM SUJEITO ORACIONAL*

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Linguística da
Universidade de Brasília, como requisito
parcial à obtenção do título de doutora em
Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise
Linguística

Linha de pesquisa: Gramática – teoria e
análise

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eloisa
Nascimento Silva Pilati

Brasília

2019

Camila Parca Guaritá

O PROJETO FOI REALIZADO A TEMPO, TORNANDO A PESQUISA MAIS
TRANQUILA: SOBRE A SINTAXE E A SEMÂNTICA DE ORAÇÕES
GERUNDIVAS COM SUJEITO ORACIONAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Linguística da
Universidade de Brasília, como requisito
parcial à obtenção do título de doutora em
Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise
Linguística

Linha de pesquisa: Gramática- teoria e
análise

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eloisa
Nascimento Silva Pilati

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Eloisa Nascimento Silva Pilati (UnB) – orientadora

Prof^a. Dr^a. Heloisa Moreira Lima Salles (UnB) – membro interno

Prof^a. Dr^a. Alzira Neves Sandoval (SEEDF) – membro externo

Prof. Dr. Moacir Natércio Júnior (SEEDF) – membro externo

Prof^a. Dr^a Rozana Naves Reigota (UnB) - suplente

A todos que acreditam na Universidade pública e de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Capes pela bolsa de doutorado que permitiu o desenvolvimento deste trabalho e aos professores do departamento que me ensinaram muito nesses muitos anos de estudo na Universidade de Brasília.

Em especial, agradeço à Heloisa Salles pelas aulas de Sintaxe do Português, no curso de Letras noturno, pois foi assim que me apaixonei pela linguística e pela teoria gerativa.

Agradeço à minha família, que sempre me apoiou. Sou muito privilegiada por ter tido sempre a proteção de vocês nessa caminhada. Em especial, agradeço à minha irmã Paula, que é minha alma gêmea e minha pessoa favorita.

Agradeço aos colegas de departamento, principalmente às minha queridas amigas Juliana, Alzira e Stef, sem vocês eu teria ficado perdida, sou cheia de sorte!

Agradeço ao João pela paciência e contribuições inesperadas, você é um doce na minha vida.

Por fim, agradeço imensamente à minha querida orientadora Eloisa Pilati, que refletiu comigo sobre esses dados e que foi muito mais que uma orientadora de mestrado e doutorado, sou muito grata por tudo.

RESUMO

Esta tese está inserida no quadro teórico da Gramática Gerativa e investiga as propriedades sintáticas e semânticas das orações rotuladas como Orações Gerundivas com Sujeito Oracional (OGSO) (Guaritá, 2015), tal como em [*O projeto foi realizado a tempo*], (*pro*) *tornando a pesquisa mais tranquila*. Tais construções revelam uma propriedade peculiar que é o fato da referência do pronome nulo, que ocupa a posição de sujeito do verbo no gerúndio, corresponder a toda a informação contida na oração matriz. Apesar desse tipo de construção ser bastante produtiva na escrita de brasileiros e portugueses, não há menção a tais orações nas gramáticas do português (cf. Cunha & Cintra, 2008; Castilhos, 2010; Perini, 2010). Na literatura linguística, há poucas descrições sobre o fenômeno (cf. Moutella, 1995, Lopes, 2004 e Guaritá, 2015) e não há propostas teóricas para explicar as propriedades de tais construções. A proposta da tese é a de que as OGSO são formadas por verbos que selecionam eventos como argumentos (cf. Gomes & Mendes, 2018), por isso a referência de *pro* está ligada ao conteúdo semântico da oração matriz. Essas construções gerundivas possuem propriedades análogas às de preposições (cf. Gallego, 2010) e se adjungem ao TP da oração matriz.

Palavras-chave: gerúndio oracional; *pro*; argumento-evento; gerúndio preposicional.

ABSTRACT

This thesis is part of the theoretical framework of Generative Grammar and investigates the syntactic and semantic properties of sentences called Gerundive Sentences with a Clausal Subject (OGSO) (Guarita, 2015), for example: [*The project were finished in time*]_i, (*pro*)_i *making the research restful*. This type of data reveal singular properties, the reference of the empty pronoun in the subject position of the gerundive verb is the whole information contained in the matrix clause. Although these sentence are productive in brazilian portuguese and in european portuguese, there are no mention of them in portuguese grammars (Cunha & Cintra, 2008; Castilhos, 2010; Perini, 2010). In linguistics literature there are few descriptions of the phenomenon (Moutella, 1995, Lopes, 2004 e Guarita 2015) and there are no proposals to explain the properties of these clauses. This thesis states that, in OGSO, the selection of the verb include an event argument (Gomes & Mendes, 2018). For that reason, the reference of the empty category *pro* is linked to the semantic content of the matrix clause. These gerundive sentences have prepositional properties (Gallego, 2010) and are adjunct to the matrix TP.

Keywords: clausal gerund; *pro*; event-argument; prepositional gerund.

LISTA DE ABREVIACOES E CONCEITOS

OGSO: Orações Gerundivas com Sujeito Oracional.

PRO: categoria vazia, elemento lexical universal.

pro: categoria vazia, em posição de sujeito.

i – ndice.

MP ou PM: Programa Minimalista.

Língua I: Língua intencional, interna.

Língua E: Língua externa.

S-M e C-I: sistema de interface Sensório-Motor, e sistema de interface Conceitual-intencional.

PF e LF: Forma Fonética e Forma Lógica.

Numeraco: arranjo lexical, uma numeraco de elementos do Léxico.

Merge: operação básica no Programa Minimalista. Dois objetos sintticos combinados para formar uma nova unidade sinttica.

Move: operação sinttica. Certos constituintes são movidos de uma posição onde checam traços importantes para a interpretação, significa que há a possibilidade de um objeto sinttico se mover na estrutura para checagem de traços.

Spell out: estágio da derivação entre a interface sinttica e a interface fonológica.

Agree: operação de concordância.

PHON: componente fonético/fonológico.

SEM: componente semântico.

LEX: Léxico.

LA: *lexical array* = numeraco

SS: Estrutura Superficial.

DS: Estrutura Profunda.

CP: *complementizer phrase*, sintagma complementador.

vP: sintagma verbal, relacionado ao argumento externo.

TP: sintagma temporal.

Traços phi: traço semântico de pessoa, número e gênero.

PIC: *Phase Impenetrability Condition*, Condição de Impenetrabilidade da Fase. Em uma fase α com núcleo H, o domínio de H não é acessível para operações fora de α . Apenas H e sua borda são acessíveis para tais operações.

Fase: Domínio sintático que possui condições. CP e ν P.

ZP: constituinte semântico.

NS: *Narrow Syntax*.

Papel theta: Papel semântico. Representa a estrutura argumental.

EPP: *Extended Projection Principle*. Estruturas lexicais devem ser representadas categoricamente em todos os níveis sintáticos. EPP garante ainda que as sentenças tenham a posição de sujeito ocupada por nome ou determinante.

Sonda: núcleo com traços [-interpretáveis] a serem checados.

Alvo: elemento com os traços [+interpretáveis] compatíveis com a sonda.

C-comando: Comando categorial em que α c-comanda β se, e somente se, α é irmã de β , ou α é irmã de γ e γ domina β .

Spec-head: relação especificador-núcleo.

Wh – trace: vestígio de movimento-wh.

NP – trace: posição theta sem Caso.

Pro drop: sujeito nulo.

IP: sintagma flexional.

S Asp: Sintagma de Aspecto

S Comp: Sintagma Complemento.

SN: Sintagma Nominal.

Traço –D: traço de referência.

‘out of the blue’: sentença proferida sem contexto

Sumário

<i>Introdução</i>	11
<i>Capítulo 1 Fundamentos Teóricos</i>	22
1.1 Programa Minimalista	22
1.2 Sobre categorias nulas e Teoria Gerativa: o caso de <i>pro</i>	31
<i>Capítulo 2 Orações gerundivas : análises para o português brasileiro</i>	51
2.1 Histórico e descrição tradicional do gerúndio: português brasileiro- PB.....	53
2.2 Orações gerundivas adjuntas e argumentais: Moutella (1995).....	62
2.3 As orações adjetivas gerundivas: Lopes (2004).....	71
2.4 A ambiguidade das orações gerundivas argumentais: Rodrigues (2007, 2010).....	77
2.5 Tipologia das Orações de Gerúndio – OGs: Fong (2015).....	78
2.6 As orações gerundivas com sujeito oracional: Guaritá 2015	83
<i>Capítulo 3: Formas nominais e verbais</i>	90
3.1. Gerúndio em português europeu, Lobo (2003, 2006, 2014).....	90
3.2 Formas Nominais: a discussão sobre o <i>-ing</i> nominal e possessivo	101
3.3 Gerúndios TP-defectivos e Clausais: Pires (2001, 2006, 2007).....	110
3.4 Natureza preposicional do gerúndio: Gallego (2010).....	119
<i>Capítulo 4: Proposta de análise para as orações gerundivas com sujeito oracional</i> 128	
4.1 Retomando a caracterização das Orações Gerundivas com Sujeito Oracional.....	129
4.2 Identificação das propriedades sintáticas e semânticas das OGSO por meio de testes sintáticos.....	133
4.3 Sobre os tipos de verbo das OGSO: a semântica causativa e os argumentos eventos	140
4.4 Considerações sobre o pronome nulo das OGSO.....	149
4.5 Juntando as peças e propondo uma estrutura para as OGSO.....	155
<i>Considerações finais da tese</i>	161

Introdução

Esta tese investiga, sob a perspectiva gerativista e dentro do Programa Minimalista, as propriedades sintáticas e semânticas das Orações Gerundivas com Sujeito Oracional (OGSO), classificadas dessa forma de acordo com Guaritá (2015). Salles (1993) foi a primeira autora a identificar dados como os em (1), identificou que são comuns nos textos de alunos, tal fato, aliado à constatação de que, muitas vezes, tais dados são considerados problemas textuais nas produções dos estudantes, identifica-se a importância do tema.

Essas construções possuem uma propriedade singular, que é o fato da referência do pronome nulo, que ocupa a posição de sujeito do verbo no gerúndio, corresponder a toda a informação contida na oração matriz. Em outras palavras, nas OGSO, objeto de estudo desta tese, o sujeito nulo da oração no gerúndio tem como referente todo o conteúdo semântico expresso na oração matriz, e essa é uma propriedade não é considerada pelo cânone normativo.

Para evidenciar essa propriedade peculiar das OGSO, apresentamos a seguir alguns exemplos desse tipo de construção:

- (1) a. O avião caiu, **matando 150 pessoas**. (MOUTELLA, 1995)
- b. O clima está seco, **causando desidratação**. (MOUTELLA, 1995)
- c. O índice foi reduzido para zero, **tornando a lei mais eficaz**.
- d. O país tomou medidas sérias com relação à educação, **fazendo a nação crescer**.
- e. Gases são liberados subterraneamente, **danificando a qualidade dos solos**.

f. Milhares de peixes são envenenados diariamente, **prejudicando a saúde das pessoas**.

g. A empresa cumpriu todas as normas de acessibilidade, **garantindo o melhor atendimento aos passageiros**.

Consideremos o período em (1b) acima: *o clima está seco, causando desidratação*. Ao observarmos a oração encaixada, vemos que a referência do sujeito nulo do verbo *causar* está relacionada à expressão *a secura do clima* e não apenas à palavra *clima*. Em outras palavras, ao se interpretar a oração *causar desidratação* entendemos que não é o *clima* que causa desidratação, mas o fato do clima estar seco.

Em (1c) ocorre o mesmo tipo de relação. Ao observarmos a oração encaixada, vemos que a referência do sujeito nulo do verbo *tornar* está relacionada à expressão *“redução do índice para zero”* e não apenas à palavra *“índice”*. Ou seja, não foi o *índice* que tornou a lei mais eficaz, mas, o fato de *“o índice ter sido reduzido para zero”*. Em (1f) também vemos que a análise feita se aplica, pois não são os *milhares de peixes* que prejudicam a saúde das pessoas, mas o envenenamento deles.

A interpretação do referente da oração gerundiva, em certos casos, é ambígua. Analisemos, por exemplo, as orações abaixo:

- (2)
- a. O avião caiu matando 150 pessoas.
 - b. O avião matou 150 pessoas.
 - c. A queda do avião matou 150 pessoas.

Em (2), partindo de (2a), explicitamos as duas interpretações possíveis. Em (2b) a referência do sujeito nulo da oração encaixada é *o avião*, já em (2c) a referência do sujeito nulo é todo o evento *a queda do avião*.

Embora esses casos de ambiguidade sejam possíveis, esta tese é dedicada às propriedades sintáticas e semânticas das orações em que o referente da oração principal é o conteúdo semântico da oração matriz por completo.

Nas gramáticas tradicionais da língua portuguesa, a “oração reduzida de gerúndio” pode ocorrer em dois tipos de construções: em orações adjetivas e em orações adverbiais. Apresentaremos alguns exemplos dessas orações para mostrar, através de comparações, diferenças entre esses três tipos de oração: as orações gerundivas “tradicionais” - orações adverbiais e orações adjetivas reduzidas de gerúndio - e as orações gerundivas com sujeito oracional, as OGSO. Em (3) vemos períodos com orações adjetivas reduzidas de gerúndio (em negrito) citadas por Cunha & Cintra (2008):

- *Orações subordinadas adjetivas reduzidas de gerúndio*

(3) a. Virou-se e viu [a mulher] /  **dando com a mão** / **fazendo sinal** / para que ele voltasse.

b. Viu um grupo de homens /  **conversando**.

(CUNHA & CINTRA, 2008, p. 628)

Em (3a), o sujeito nulo da oração reduzida tem como referente o complemento verbal do verbo presente na oração principal (*a mulher*). Em (3b), o verbo da oração gerundiva (*conversar*) também tem como referente o termo que ocupa a posição de objeto da oração principal (*um grupo de homens*). Nesses dois exemplos, como visto acima, a referência do sujeito nulo da oração adjetiva está ligada apenas a um elemento da oração principal.

Analisemos agora períodos com orações adverbiais reduzidas de gerúndio (em negrito) retiradas de Cunha & Cintra (2008):

- *Orações subordinadas adverbiais reduzidas de gerúndio*

- (4) a. **Passando hoje pela porta do meu compadre José Amaro**, / ele me convidou para tomar conta de sua causa.
- b. **Pressentindo que as suas intenções haviam sido adivinhadas**, Macedo tentou minorar a situação.
- c. Aqui mesmo, / **ainda não sendo padre**, / se quiser florear com outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, Mana Glória.
- d. **Pensando bem**, / tudo aquilo era muito estranho.

(CUNHA & CINTRA, 2008, p. 629)

Em (4a), o sujeito nulo do verbo da oração gerundiva refere-se ao termo *me*, que faz referência ao sujeito de primeira pessoa. Logo, a interpretação da oração gerundiva é a de que *quando eu passei, ele me convidou*. Em (4b), o sujeito nulo do verbo da oração gerundiva refere-se ao sujeito da oração principal (*Macedo*), ou seja, *Macedo pressentiu que as suas intenções haviam sido adivinhadas*. Em (4c), o referente do verbo da oração gerundiva é o sujeito da oração principal (sujeito desinencial) e, em (4d), o sujeito nulo do verbo da oração gerundiva é construído discursivamente, pois não se refere a nenhum termo da oração principal, mas também não se refere à oração toda; e a oração pode ser interpretada como “*Se nós pensarmos bem*” ou “*Se eu pensar bem*”.

Caso se faça uma pesquisa sobre as orações gerundivas descritas em gramáticas linguísticas descritivas, não serão encontradas orações gerundivas com sujeito oracional. Por exemplo, Perini (2010, p.167) afirma que as orações subordinadas de gerúndio são paralelas a sintagmas adverbiais e nunca são introduzidas por conjunção. O autor apresenta os exemplos em (5).

- (5) a. Os professores chegando, podemos começar a sessão.
b. O cavalo passou correndo.

(PERINI, 2010, p.167)

Castilho (2010, p. 380) apresenta as gerundivas dentre as orações chamadas pelo autor de subordinadas não-conjuncionais, ou seja, orações subordinadas com verbos nominais, sem conjunções. Segundo Castilho, essas sentenças gramaticalizam seu estatuto de subordinadas através do morfema de gerúndio.

As ocorrências de orações gerundivas apresentadas em Castilho (2010) incluem: (i) orações gerundivas adjetivas (6a), (ii) orações gerundivas adverbiais (6b) e (iii) orações gerundivas ambíguas (6c).

- (6) a. Ouvimos os vizinhos reclamando do barulho.
b. Reclamando do barulho, acabou arranjando encrenca com o vizinho.
c. Encontrou a garota lavando roupa.

(CASTILHO, 2010, p.382)

Castilho apresenta a seguinte análise para as orações gerundivas adjetivas: (6a), corresponde a *Ouvimos os vizinhos que reclamavam do barulho* e funciona como complementador do sintagma; (6b) corresponde a *Porque reclamou do barulho, acabou*

arranjando encrenca com o vizinho; e (6c) em que a oração pode receber tanto uma interpretação adjetiva, quanto uma interpretação adverbial e corresponde a *Encontrou a garota que lavava roupa* ou *Encontrou a garota enquanto lavava roupa*.

Para explicitar as propriedades das Orações Gerundivas com Sujeito Oracional, nos parágrafos abaixo faremos comparações entre o comportamento sintático de orações adjetivas e adverbiais reduzidas de gerúndio e as orações gerundivas com sujeito oracional. O objetivo é demonstrar que as orações gerundivas com sujeito oracional apresentam propriedades sintáticas singulares no que se refere à ligação estabelecida entre o elemento nulo da oração gerundiva e seu antecedente: somente os pronomes nulos das orações gerundivas com sujeito oracional podem ter como referente todo o conteúdo semântico da oração antecedente.

- *Or. Adjetiva reduzida de gerúndio*

- (7) a. O professor flagrou/viu o [aluno_i] *pro_i* colando.
b. O professor flagrou/viu o [aluno_i] *que_i* colava.
c. Quem flagrou o aluno colando? – o professor

- *Or. Adverbial reduzida de gerúndio*

- (8) a. [Paula_i] treinou os passos de dança *pro_i* ouvindo música.
b. [Paula_i] treinou os passos de dança enquanto *pro_i* ouvia música.
c. Quem treinou os passos de dança ouvindo música? – Paula

- *Or. gerundivas com sujeito oracional*

- (9) a. [Milhares de peixes são envenenados]_i *pro*_i prejudicando a saúde das pessoas.
b. [Milhares de peixes são envenenados] o que_i prejudica a saúde das pessoas.
c. O que prejudicou a saúde das pessoas? - *Milhares de peixes/ O envenenamento dos peixes.

Os dados acima evidenciam a referência do pronome nulo em orações gerundivas adjetivas (7), em orações gerundivas adverbiais (8) e em orações gerundivas com sujeito oracional (9). Em (7) vemos que a referência do *pro* é um elemento nominal da oração anterior, no caso *o aluno*. O mesmo ocorre em (8), em que a referência da categoria vazia é um elemento nominal da oração anterior, no caso *Paula*. Já em (9) vemos que a referência de *pro* não é um elemento nominal da oração anterior.

Por meio da comparação feita nos dados acima, vemos que apenas as orações em (9) possuem pronome nulo como referência ligada a toda informação da oração matriz. Dessa forma, verifica-se que as OGSO constituem dados inovadores na língua, no sentido de não serem previstos em gramáticas e serem considerados erros nas produções textuais dos alunos.

Na literatura brasileira há escassas pesquisas que analisam as Orações Gerundivas com Sujeito Oracional. Existem três trabalhos, no âmbito da teoria formalista, que mencionam a existência desse tipo de construção, mas que não possuem as OGSO como temas principais de pesquisa e por isso não se dedicaram a investigá-las em detalhes nem a propor estruturas que expliquem suas propriedades sintáticas e semânticas. Os trabalhos em questão são as pesquisas de Salles (1993), que inaugura a descrição dos dados, Moutella (1995), que classifica os dados em orações coordenadas e Lopes (2008), que classifica os dados como orações apositivas de foco. Já a dissertação de mestrado de Guaritá (2015) dedica-se exclusivamente a investigar e descrever as propriedades

sintáticas e semânticas desse tipo de oração, mas não propõe uma estrutura sintática para explicar como são construídas as relações gramaticais estabelecidas entre as orações, nem as propriedades do pronome nulo das orações gerundivas.

As propriedades das Orações Gerundivas com Sujeito Oracional observadas por Moutella (1995), Lopes (2008) e Guaritá (2015, 2018) são as seguintes:

(i) O referente do sujeito nulo do verbo no gerúndio é toda a informação contida na oração “matriz”, como já vimos *Milhares de peixes foram envenenados, prejudicando a saúde de todos* (cf. Moutella, 1995, Lopes, 2008 e Guaritá, 2015);

(ii) Podem ser transformadas em orações relativas iniciadas por *o que*, como exemplificado em (10) abaixo (cf. Lopes, 2008 e Guaritá, 2015):

- (10) a. O índice foi reduzido para zero, *o que* tornou a lei mais eficaz.
b. O país tomou medidas sérias com relação à educação, *o que* fez a nação crescer.
c. Gases são liberados subterraneamente, *o que* danifica a qualidade dos solos.

(iii) Há uma semântica de causa e consequência, a primeira sentença descreve um evento causador que tem por consequência a segunda sentença, no caso a gerundiva (cf. Lopes, 2004 e Guaritá, 2015).

(11) **[[Oração Principal] fez/causou y, z]**

- a. [[A redução do índice para zero] *causou* maior eficácia na lei.]
b. [[A tomada de medidas sérias] *fez* a nação crescer.]

- c. [[A liberação de gases subterraneamente] *causa* a perda da qualidade dos solos.
- d. [[A seca do clima] *causa* desidratação.
- e. [O envenenamento de milhares de peixes] *causou* prejuízo à saúde das pessoas.
- f. [O cumprimento das normas de acessibilidade] *causou* a garantia de melhor atendimento.

(iv) A mudança de posição da oração gerundiva gera sentenças agramaticais ou há problemas na interpretação da sentença, como os exemplos em (12) ilustram (cf. Lopes, 2008):

- (12) a. **Tornando a lei mais eficaz*, o índice foi reduzido para zero,
- b. **Fazendo a nação crescer*, o país tomou medidas sérias com relação à educação.
- c. **Danificando a qualidade dos solos*, gases são liberados subterraneamente.
- d. **Causando desidratação*, o clima está seco.
- e. **Prejudicando a saúde das pessoas*, milhares de peixes são envenenados diariamente.
- f. **Garantindo o melhor atendimento aos passageiros*, a empresa cumpriu todas as normas de acessibilidade.

(GUARITÁ, 2015, p. 21)

Em síntese, a revisão dos trabalhos prévios nos revela que existem poucas pesquisas sobre esse tipo de fenômeno; não obstante, é perceptível um avanço no que se refere à descrição das OGSO. No entanto, ainda não há uma proposta teórica que explique o comportamento dessas orações. Considerando essa lacuna, no que se refere a pesquisas

sobre as orações gerundivas com sujeito oracional, a presente tese tem os seguintes objetivos:

a) Objetivo geral: propor uma explicação estrutural para o comportamento das orações gerundivas com sujeito oracional que capte o fato de que a oração gerundiva pode ter como referência do sujeito nulo todo o evento descrito pela oração principal. Assumimos, resumidamente, que em OGSO o verbo envolvido é causativo (ou sofreu processo de causativização) e seleciona dois argumentos, um argumento interno e um *pro*. Essa categoria vazia é [-referencial] e capaz de obter sua referência na oração principal.

b) Objetivos específicos:

- Contribuir para o desenvolvimento da Gramática Universal;
- Analisar a categoria vazia existente nessas construções e identificar que tipo de pronome nulo ocorre nos dados;
- Identificar o tipo de verbo envolvido e como ele pode ter um papel na estrutura e na interpretação das sentenças;
- Verificar a relação sintática estabelecida entre a oração matriz e a oração gerundiva.

Para isso, apresentaremos trabalhos sobre o comportamento de orações gerundivas em Português do Brasil (PB) e em outras línguas. Além disso, evidenciaremos o comportamento do *pro* nessas construções - que possui referência composicional - e realizaremos testes sintáticos e semânticos para, finalmente, propor uma estrutura adequada, suficientemente simples e explicativa para as OGSO.

Dividimos o trabalho em 4 capítulos. No primeiro será apresentado o panorama teórico desta tese e algumas ferramentas teóricas do Programa Minimalista (Chomsky,

1995, 2001). Alocam-se também discussões sobre categorias vazias e o estatuto de *pro* no PB (Chomsky & Lasnik, 1993; Holmberg, 2005 e Pilati *et al*, 2017). No segundo capítulo é feita a contextualização e a análise dos dados de Orações Gerundivas (OGs) em PB, apresentando um recorte dos estudos existentes sobre o gerúndio em português, a partir da exposição da descrição tradicional e linguística das orações gerundivas em PB (Moutella, 1995; Lopes, 2004; Rodrigues, 2007, 2010; Fong, 205 e Guaritá, 2015, 2018).

O terceiro capítulo traz a análise para gerundivas adverbiais no Português Europeu (PE). Ademais o comportamento do gerúndio em outras línguas, mais especificamente a forma *-ing* do inglês. Nota-se uma discussão sobre o comportamento [+nominal] ou [+verbal] do gerúndio, o que possui implicações para a estrutura (Lobo, 2003, 2006, 2014; Reuland, 1983; Abney, 1987; Pires, 2001, 2006, 2007; Gallego, 2010).

O quarto capítulo detalha os testes coletados nos estudos apresentados nesta tese e a aplicação desses aos dados de OGSO, com o fim de desenvolver um quadro distribucional das orações. Em seguida, proponho uma estrutura para os dados, no âmbito da Teoria Gerativa e baseada nos testes, no comportamento da categoria vazia e nas noções de causatividade verbal. Por fim, são feitas as considerações finais da tese.

Capítulo 1 Fundamentos Teóricos

Introdução

Esta tese está inserida na perspectiva da Teoria Gerativa proposta em Chomsky (1986) e no Programa Minimalista (Chomsky, 1995, 2001). Por consequência, a análise aqui desenvolvida leva em consideração a gramática universal do falante e sua capacidade inata de adquirir uma língua, ademais, temos como princípio a contribuição para o desenvolvimento da gramática universal. O objetivo deste capítulo é apresentar pressupostos teóricos que serão relevantes para investigar as questões relacionadas ao comportamento das Orações Gerundivas com Sujeito Oracional.

O presente capítulo está organizado em duas seções. A primeira apresenta os pressupostos teóricos básicos do Programa Minimalista em suas versões de 1995 e 2001. A segunda seção traz uma breve discussão acerca dos pronomes nulos, tal como concebidos dentro da teoria, e discute também o estatuto gramatical de *pro* em PB (Chomsky & Lasnik, 1993; Holmberg, 2005 e Pilati *et al*, 2017).

1.1 A Teoria Gerativa e o Programa Minimalista

A Teoria Gerativa é inaugurada por Noam Chomsky (1957) e envolve o pressuposto de que os seres humanos são dotados de uma Faculdade da Linguagem, que é um componente da mente humana geneticamente determinado. Isto é, os seres humanos, em condições normais de saúde, diferente dos outros animais, possui uma capacidade inata de adquirir língua. Nesse sentido, devemos distinguir Língua e Linguagem, as abelhas, por exemplo, possuem linguagem e são capazes de estabelecer uma comunicação

com outras para fins de descrição da distância de uma fonte de alimento, porém não possuem uma língua, visto que não são capazes de estabelecer outras informações e sentenças. Os seres humanos, pelo contrário, possuem Criatividade linguística, ou seja, podemos expressar nosso pensamento de infinitas maneiras e de forma natural.

Esta tese está inserida no Programa Minimalista, inaugurado em 1995, porém para entender certos aspectos da análise nessa perspectiva, faz-se necessário compreender o panorama da Teoria Gerativa.

A Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1986) busca entender como uma criança saudável de qualquer lugar do planeta adquire uma língua em toda sua complexidade e sem qualquer dificuldade, a partir de um *input* (estímulo) parco e desorganizado. Mais do que isso, nessa perspectiva, busca-se entender a Gramática Universal, ou seja, compreender o funcionamento das línguas humanas, suas semelhanças e diferenças. Deste modo, os Princípios são comuns a todas as línguas e os Parâmetros mudam de acordo com a língua adquirida pelo falante.

O Programa Minimalista (MP) surge em 1995, quando Chomsky apresenta o programa que busca ser um modelo de investigação linguística, a partir de uma estrutura conceitual que orienta o desenvolvimento da teoria. No minimalismo, o objetivo é entender a Língua-I, ou seja, a língua interna, a representação mental do conhecimento linguístico do falante¹.

O Programa busca examinar cada aparato teórico utilizado na caracterização das línguas a fim de determinar quais são realmente necessários e podem realmente ser em favor de um sistema computacional com condições de eficiência e de interface. Portanto,

¹ Já língua-E se refere à língua externa do falante, ou seja, o desempenho. Envolve fatores sociais e culturais.

o objetivo é determinar apenas os aspectos da estrutura e do uso da língua relacionados à faculdade da linguagem.

De acordo com Chomsky (2001), para uma língua existir, ela deve satisfazer a condição de interface: a informação das expressões geradas por uma língua deve ser acessível aos outros sistemas, como o sistema sensorio-motor (S-M) e o conceitual-intencional (C-I).

Em termos gerais, vimos até aqui que a investigação gerativista envolve a Faculdade da Linguagem, de que os seres humanos são dotados, a qual envolve um sistema computacional constituído de dois componentes da mente/cérebro: o sistema perceptual-articulatório e o sistema conceitual-intencional. Os sistemas de interface entre esses dois níveis são: Forma Fonética (PF) e Forma Lógica (LF).

A derivação envolve a ligação de som e significado. Os itens lexicais disponíveis formam uma Numeração, que seria o *input* da derivação; o *output* (o resultado) são as representações em PF e LF. O ponto em que a derivação computacional se divide é chamado de *Spell-out*. Depois dessa operação, a derivação continua até LF, porém agora sem introdução de novos elementos lexicais.

As relações entre os elementos da Numeração são explicitadas por meio da inclusão de elementos na estrutura frasal, a partir da operação chamada *Merge*, a qual consiste em juntar itens lexicais, organizando-os em estruturas sintagmáticas como *Viu + MERGE Maria* = [VP viu Maria]. Tal operação surge para eliminar pressupostos que eram convenientes apenas dentro da teoria e que não surgiram empiricamente.

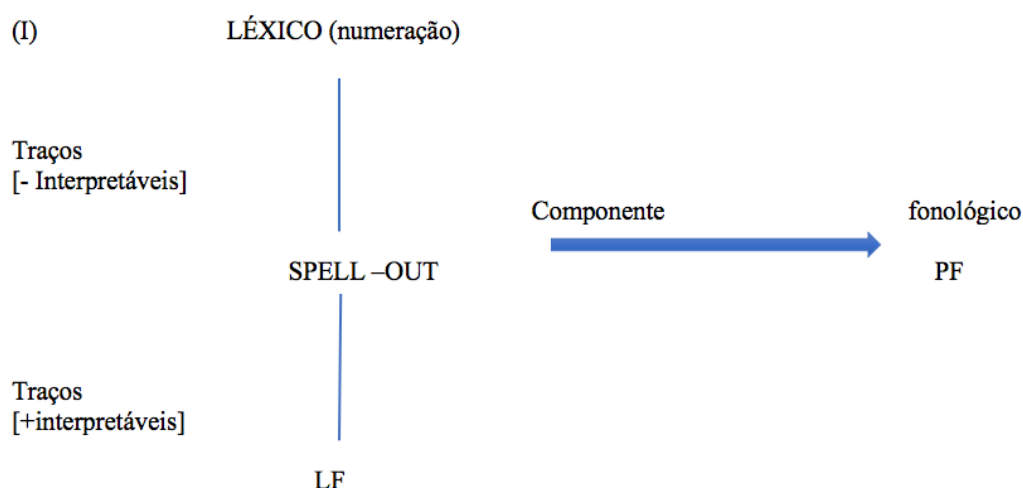
As relações relevantes são (i) temáticas (atribuição de papel- θ , predicação), que são básicas e (ii) sintáticas (atribuição de Caso e concordância), que envolvem a operação *Move*. Esta operação pode ocorrer antes de *Spell-out*, na sintaxe visível, ou depois de *Spell-out*, na sintaxe encoberta. O modelo também tem como base a ideia de economia,

ou seja, determinados movimentos só são feitos se realmente necessários e um elemento só realizará um movimento se não houver nenhum outro elemento que o possa realizar para satisfazer determinada exigência.

No Programa Minimalista, a derivação é submetida a condições de economia, o que favorece relações locais e estruturas mais simples. Ou seja, Chomsky (1995) impõe limitações na forma da teoria. Por exemplo, a noção de regência, importante operação na fase de Regência e Ligação da teoria gerativa, é excluída do Programa, pois não é um conceito unificado para as línguas. Deste modo, os casos básicos de regência, que são as relações núcleo-complemento e núcleo-especificador, são reduzidas a relações de irmandade na estrutura. Ou seja, essas relações são derivadas da noção de Domínio Mínimo, que constitui o conjunto mínimo de posições associadas ao núcleo e que se divide em domínio interno (que se refere ao complemento) e domínio de checagem (que se refere ao especificador).

A língua gera um conjunto de derivações e, sob essa ótica, a última etapa de cada derivação D é um par <PHON,SEM>, em que a parte fonética é acessada pelo sistema articulatorio perceptual e a parte semântica é acessada pelo sistema conceitual-intencional. A derivação converge apenas se PHON e SEM satisfazem as exigências da faculdade da linguagem, caso contrário a derivação fracassa.

Em síntese, a partir do Programa Minimalista, temos os traços linguísticos universais {F} determinados pela Faculdade da Linguagem. A língua seleciona um conjunto [F] gerado a partir de {F} e toma os elementos em [F] como seu léxico (LEX). Deste modo, para cada derivação, a língua seleciona os elementos do LEX que serão acessados, essa seleção é feita na matriz lexical (LA) ou numeração.



(imagem 1: ilustração da Teoria)

A assunção é a de que a Faculdade da Linguagem compreende um léxico e um sistema computacional. O léxico especifica os itens que entrarão no sistema computacional e suas propriedades idiossincráticas. O sistema computacional organiza esses itens de forma a obter o par (β, λ) , em que β é um objeto de PF e λ é um objeto de LF. Esse par está sujeito ao princípio de Interpretação Plena², que, se for satisfeito, leva a derivação a convergir em PF e LF; caso contrário, a derivação pode não convergir (*crash*).

Chomsky (2001) analisa a nova fase da teoria em que se pretende ir além de uma adequação explicativa. Por isso, postulações devem ser analisadas e/ou justificadas ou eliminadas. Ou seja, o Programa Minimalista busca, além de garantir uma teoria que seja adequada para a análise de fenômenos em várias línguas, identificar os Princípios da língua e sua arquitetura para entendermos a língua humana e seu funcionamento.

² Todos os traços devem ser legíveis na interface relevante.

Chomsky (2001), portanto, assume que uma língua L possui três componentes: (i) a *narrow syntax* (NS), que mapeia a língua em uma derivação; (ii) o componente fonológico *Q*, que mapeia derivações para PHON e (iii) o componente semântico *Z*, que mapeia a derivação para SEM. Basicamente o que vemos em (I); mas o que vemos como sintaxe visível, o autor chamou de NS no trabalho em questão. Ademais, assume-se que *Z* é uniforme em todas as línguas, o sistema sensório-motor também, se os parâmetros puderem ser restritos a LEX. Não há Estrutura Superficial (SS) ou Estrutura Profunda (DS)³, a computação mapeia a LA (a numeração) para <PHON,SEM> por partes e ciclicamente.

No minimalismo, a noção de Fase é introduzida. As Fases são as unidades proposicionais CP e *v*P; TP nunca pode ser uma Fase. As Fases são unidades nucleadas por uma categoria funcional com traços-phi, ou seja, CPs finitos e de controle e *v*Ps transitivos. Segundo a Condição de Impenetrabilidade da Fase (PIC) temos a estrutura da Fase em (1), em que a borda Fase é *a-H* e o domínio de H não é acessível para operações, apenas a borda de HP o é. Elementos de borda podem ou devem ser alçados quando convir. Essa condição, segundo o autor, garante *spell-out* de sentenças raiz e permite uma computação sintática cíclica.

(1) PH (fase) = [a [H p]]

(CHOMSKY, 2001, p.3)

³ Chomsky (1965) propõe a existência de uma forma fonética (PF), que envolve os sons e o determinado sentido estrutural da sentença, e uma forma lógica (LF), que envolve a representação abstrata da sentença, o sentido. Tem-se também a estrutura profunda (DS), que representa as relações semânticas de uma sentença e é mapeada por SS, que é a Estrutura Superficial, responsável por mediar PF e LF. É em SS que ocorre atribuição de Caso, por exemplo, nessa fase da teoria.

Chomsky (2001) afirma que se $ZP = [C [T \nu P]]$, T pode acessar o objeto dentro de νP , mas C só pode acessar a borda de νP . Assim, o movimento a partir do domínio de ν deve passar direto para escapar de um choque na borda de ν . Ou seja, uma sentença poderá ser decomposta em duas fases: CP e νP . O movimento de um constituinte para fora da fase só é permitido se o constituinte estiver na borda da fase.

A *narrow syntax* (NS) constrói uma derivação D a partir de LA (numeração), que possui uma operação chamada *Merge*, essencial para um sistema recursivo. *Merge* toma dois elementos já construídos e cria um novo elemento. Essa nova unidade criada é uma projeção de um núcleo e possui um rótulo, que é definido pelo próprio núcleo.

O primeiro elemento a sofrer *Merge* com um núcleo é seu complemento e não há maiores restrições especulativas para *Merge*. A eficiência computacional exige que *Merge* de \underline{a} com \underline{p} envolva uma busca/pesquisa por \underline{p} para determinar onde \underline{a} será introduzido.

O sistema sensorio-motor (SM) requer que PHON indique ordem, enquanto SEM envolve apenas hierarquia e não ordem. O sistema C-I requer que SEM expresse uma variedade de propriedades semânticas, as quais incluem pelo menos a estrutura argumental. A derivação em NS deve providenciar a base de atribuição para ordem na interface SM e de propriedades semânticas múltiplas na interface C-I.

A *Narrow syntax* é baseada na operação *Merge*. Uma hipótese minimalista forte garante que *Merge* de um elemento com outro é feito sem restrições, ou seja, pode ser interno ou externo. No *Merge* externo, o elemento \underline{a} e o elemento \underline{p} são objetos separados; já no *Merge* interno, um elemento é parte do outro. *Merge* interno (= *move*) deixa uma “cópia” no lugar, deste modo não há operação de reconstrução, o que há é reconstrução obrigatória na posição base. A estrutura argumental está associada ao *Merge* externo e todo o resto está associado ao *Merge* interno, o qual é livre.

Segundo Chomsky (2001), as propriedades da interface C-I determinam a aplicação de *Merge* externo de forma geral. Já o *Merge* interno é motivado por condições C-I que incluem escopo e propriedades relacionadas ao discurso. O autor ressalta que, devido PIC, *Merge* interno deve ser sucessivo e cíclico, perpassando a borda de sucessivas Fases.

Merge interno tem opção de, em determinados contextos, requerer uma posição de borda extra, que não possui papel theta. O autor afirma que essa opção é determinada por LEX, dessa forma o núcleo H deve ter traços que tornem essa posição disponível: o EPP (princípio de projeção estendida).

O traço EPP permite novas interpretações e está disponível apenas quando necessário, ou seja, quando contribui para um produto em SEM que não seria expresso de outra forma. *H* possui EPP apenas quando produz novas propriedades de escopo ou relacionadas ao discurso. Essa nova interpretação disponível é estabelecida se EPP for checado por *Merge* interno.

Como visto nos parágrafos anteriores, o sistema apresentado dentro da concepção minimalista exige que todos os traços sejam interpretáveis. Por isso é necessário que os traços não-interpretáveis sejam eliminados antes que a derivação NS seja transferida para Z (parte semântica).

Traços não-interpretáveis são eliminados quando satisfazem as seguintes condições estruturais: (i) um traço não interpretável de um determinado \underline{a} deve estar em uma relação apropriada com traços interpretáveis de um determinado \underline{p} ; (ii) esse \underline{p} deve estar completo, ou seja, com o conjunto de traços-phi completo.

Chomsky (2001) afirma que nomes são sempre completos, pois seus traços- p ou traços-phi⁴ estão sempre presentes e interpretáveis, logo, nomes checam traços-phi de

⁴ Traços-phi são os traços formais de pessoa, número, gênero e caso, além de traços nominais e verbais

categorias de concordância. Já participípios não são completos, pois não possuem traços de pessoa e não checam Caso. O T pode ser phi completo ou defectivo; neste último caso, não checa Caso.

A checagem de Caso envolve, portanto, pares de núcleos $\langle H, H' \rangle$, em que um deve ser phi-completo e um dos elementos, o núcleo da construção \underline{a} , deve estar disponível. Tem-se $a = \{H, XP\}$. Ou seja, uma sonda é um núcleo com traços não-interpretáveis e o alvo é um elemento com traços interpretáveis apropriados. A sonda, para ter seus traços checados, deve c-comandar o alvo.

O autor conclui que, além de *Merge*, há uma relação de *Agree* entre sonda e alvo que deleta os traços não-interpretáveis se houver relação apropriada para a sonda e o alvo. Essas considerações também oferecem suporte para a conclusão de que não é necessário estipular uma relação *Spec-head*.

Chomsky (2001) afirma que a versão mais simples de *Agree* é baseada em uma relação de combinação dos traços. *Agree* deleta os traços de uma sonda ou de um alvo se os elementos envolvidos forem phi-completos. Além disso, sonda e alvo devem estar ativos, pois, depois que seus traços são checados, os elementos não podem entrar mais em uma relação de *Agree*. A relação sonda-alvo deve ser local, no sentido de fases; dessa forma uma sonda pode encontrar correspondência dentro da fase.

No sistema de concordância de Caso, o T funciona apenas se selecionado por C, por isso também é phi-completo. Dessa forma, T entra em checagem de traços apenas na configuração C-T.

1.2 Sobre categorias nulas e Teoria Gerativa: o caso de *pro*

Nesta seção apresentaremos um resumo do tratamento dado pela teoria gerativa para as categorias nulas do tipo pronominal. O objetivo desta seção é trazer um pouco do histórico de análise dessas categorias no âmbito da teoria gerativa e contextualizar o tratamento dado às categorias nulas pronominais no Português brasileiro.

Uma categoria vazia (*empty category* – *EC*) é um elemento que não possui conteúdo fonológico, ou seja, não é pronunciado. Há diferentes tipos de categorias vazias, e a especificação de cada uma leva em conta violações de localidade em diferentes contextos.

Chomsky (1993), ao analisar o comportamento dos diferentes tipos de categorias vazias, defende que existem quatro tipos: *WH-trace*; *NP-trace* (vestígio), *PRO* e *pro*. Essas categorias correspondem aos 3 tipos de NPs, as anáforas, os pronomes e as Expressões-R, como vemos no quadro resumo abaixo.

NP	John _i seems [<i>t_i</i> to like linguistics very much].
Vestígio	Whom _i does Bill like <i>t_i</i> ?
<i>pro</i>	<i>pro</i> ha parlato. (Italian) 'Falou .3sg'
PRO	John _i plans [PRO _i to visit his aunt next week].

Quadro 1: resumo dos tipos de categorias vazias

Devido aos traços que apresentam, as categorias nulas são classificadas da seguinte forma:

- (2)
- a. [+ Anafórico] [- Pronominal] = vestígios de NP
 - b. [- Anafórico] [+ Pronominal] = Pronomes (*pro*)
 - c. [- Anafórico] [- Pronominal] = vestígio de Operador (expressões-R)
 - d. [+ Anafórico] [+ Pronominal] = PRO

(CHOMSKY & LASNIK, 1993, p.521)

A categoria vazia PRO é um DP (um sintagma determinante) que aparece em uma posição sem Caso. É um elemento lexical universal, que aparece nas línguas em contextos que envolvem sentenças não finitas. O PRO precisa ocupar posição de especificador da sentença não-finita encaixada e pode ser controlado ou não-controlado.

Controle envolve construções em que o sujeito do predicado é determinado por uma expressão no contexto. Os verbos de controle determinam qual dos argumentos controla o predicado encaixado. Há, porém, verbos sem controle obrigatório, nesses casos há controle no sentido de que o verbo é controlado pelo sujeito da matriz, porém não há predicado de controle presente que exija controle.

Em Chomsky & Lasnik (1993), PRO é considerado um elemento sempre controlado por seu antecedente, como em (3a), e pode ser arbitrário, como em (3b), mas é sempre controlado.

- (3)
- a. John expected [*e* to hurt himself].
 - b. It is common [*e* to hurt oneself].

(CHOMSKY & LASNIK, 1993, p.518)

Temos em (4) a demonstração da Condição de *c-comando* a que PRO está submetido. Em (4c) ele está em uma posição de se ligar a *herself*, mas a condição de *c-comando* requer que seu antecedente seja *John* e não *Mary*.

- (4) a. John expects [PRO to hurt himself].
b. *[John's mother] expects [PRO to hurt himself]
c. * John expects [PRO to tell [Mary's brother] about herself.

(CHOMSKY & LASNIK, 1993, p.521)

PRO é marcado para Caso nulo e os autores propõem que o T não-finito pode checar Caso de sentenças infinitivas e gerúndios oracionais. Para Martin (2001), tal teoria para PRO prevê que essa categoria vazia possa ser sujeito de qualquer infinitiva, o que não se aplica, como vemos em (5b), além de prever que alçamento nunca seria possível - em (5c) *seems* não possui traço de Caso acusativo para ser checado, portanto a sentença poderia convergir, o que não ocorre.

- (5) a. Tulio tried [PRO to stay onsidés]
b. *Tulio believes [PRO to have stayed onsidés]
c. *To Tulio, it seems [PRO to have stayed onsidés]

Há um debate sobre PRO ser derivado por movimento. Se esse fosse o caso, PRO não seria um pronome nulo, mas sim uma cópia. Já um PRO não-controlado, como (6), é um pronome nulo.

(6) John thinks that [PRO shaving himself] is important.

O PRO não-controlado é interpretado como ligado se houver um DP apropriado disponível; se não houver, é interpretado como arbitrário. A categoria vazia PRO não pode aparecer em posição de Caso, além de estar intimamente ligada à teoria de Controle. Já *pro*, que é outro tipo de categoria vazia, pode parecer nessa posição e está ligado a línguas de sujeito nulo. A possibilidade de uma língua ter sujeito nulo *pro*, ou não, depende da forma como o parâmetro do sujeito nulo é marcado.

Para entender essa categoria vazia, portanto, é importante conhecer a discussão sobre línguas *pro-drop* e línguas não *pro-drop*, ou línguas de sujeito nulo e línguas sem sujeito nulo. Em línguas *pro-drop* é possível que o pronome seja omitido, são as chamadas línguas de anáfora nula, pois nelas a posição nula possui propriedades referenciais, ou seja, esse pronome omitido, o *pro*, não é apenas um expletivo, possui traços-D de referência.

Para ilustrar, vemos que a categoria *pro* ocorre em línguas de sujeito nulo parcial, como é o caso do português brasileiro, conforme (7a), porém não é possível em línguas de sujeito pleno, tal como o inglês, como mostra (7b).

(7) a. *pro* Chegou ontem.

b. **pro* arrived yesterday (“he arrived yesterday”)

As línguas de sujeito nulo também são consideradas línguas de morfologia rica, pois a flexão verbal é capaz de expressar pessoa e número, não havendo assim necessidade de incluir um pronome sujeito. Outro fato importante é que, em línguas *pro-drop* o pronome vazio pode checar o traço EPP.

A categoria vazia *pro* funciona como um pronome comum, possui referência fixa pelo contexto ou por um antecedente em posição apropriada. As relações estruturais entre *pro* e seu antecedente são parecidas com as existentes entre pronome e seu antecedente, e diferentes do que ocorre em posições de controle. As propriedades dos pronomes nulos envolvem: (i) receber papel- θ , quando selecionado por um verbo; (ii) apresentar traço- ϕ e Caso e (iii) estar sujeito ao Princípio B da Teoria da Ligação⁵.



Em Chomsky & Lasnik (1993), *pro* pode servir como argumento ou como expletivo; neste último caso, não possui papel- θ . Sobre *pro* como expletivo, os autores afirmam que, em línguas de sujeito nulo, a expressão pode ocorrer como em (9), com *e* sendo o *pro* expletivo e *e'* o seu vestígio, já em inglês isso não é possível como vemos em (8).

- (8) a. *e* was stolen a book.
b. *e* seems [*e'* to be a book missing]
- (9) a. *e* foi roubado um livro.
b. *e* parece [*e'* que um livro foi roubado]

(CHOMSKY & LASNIK, 1993, p.539)

Em línguas sem sujeito nulo, *e* tem que ser substituído na Estrutura-S ou por um expletivo manifesto (*there*) ou por alçamento de *a book* para preencher a posição, como vemos em (10b) e (11b).

⁵ Um pronome deve ser livre (não ligado): **John_i saw him_i*

- (10) a. ? There was stolen a book.
 b. A book was stolen.
- (11) a. There seems [*t* to be a book missing].

 b. A book seems [*t* to be *t'* missing].


Parece, segundo os autores, que uma propriedade da Estrutura-S garante que (10) e (11) ocorram em seu domínio e não em LF. A categoria *pro* é licenciada na Estrutura Superficial, o que permite (9) em italiano e português, mas não em inglês.

Para uma discussão mais recente sobre essa categoria vazia, vamos analisar o trabalho de Holmberg (2005) na seção seguinte.

1.2.1 Holmberg (2005): discussão sobre *pro*

Com o Programa Minimalista, Chomsky (1995) propõe uma distinção entre traços interpretáveis (pessoa, número e gênero de um NP – ou um DP), que restringem a denotação da categoria, e traços não-interpretáveis (pessoa, número e gênero de um verbo, um auxiliar ou um adjetivo), que não restringem a denotação das categorias.

Os traços não-interpretáveis não restringem a denotação de suas categorias e devem ser apagados antes de LF, mas são visíveis para PF. Quando há checagem desses traços, os mesmos são deletados. Os não-interpretáveis são os traços responsáveis por

movimento, entram na derivação sem especificação e são checados por *Agree* com uma contraparte interpretável.

Segundo Holmberg (2005), essa distinção dos traços impede que se mantenha uma análise de *pro* como não-especificado para traços- ϕ e com propriedades funcionalmente determinadas por um Agr (forte).

O autor afirma que há duas hipóteses possíveis que abarcam a ideia de traços proposta por Chomsky (1995) e resumem a discussão existente sobre *pro* dentro da perspectiva minimalista.

Hipótese A: Segundo Holmberg versões dessa hipótese são defendidas por Barbosa (1995), Manzini & Roussou (1999), Manzini & Savoia (2002), dentre outros. Nesse caso não existe *pro* em construções de sujeito nulo. O conjunto de traços- ϕ de I (Agr) é interpretável e Agr é referencial, embora seja um pronome expreso por afixo. Como tal, Agr recebe papel- θ de sujeito, possivelmente por ser núcleo de uma cadeia que tem como base o vP.

Holmberg (2005) afirma que o papel de *pro* em Chomsky (1982) é carregar o papel- θ de sujeito, carregar Caso nominativo e satisfazer EPP. Se Agr é interpretável, referencial, ele mesmo pode carregar o papel- θ de sujeito. Dessa forma haveria, no máximo, um *pro* expletivo em Spec,IP e, no caso, um expletivo sem Caso. Nessa hipótese, portanto, em construções de sujeito nulo, a posição de sujeito em Spec,IP não é projetada ou é preenchida com um *pro* expletivo.

Hipótese B: Nesse caso o sujeito nulo é especificado para traços- ϕ interpretáveis, valida os traços não-interpretáveis de Agr e então se move para Spec,IP como qualquer sujeito. Aqui o sujeito nulo é um pronome não pronunciado. Na hipótese em questão, a posição

de sujeito em Spec,IP é ocupada por um pronome que checa EPP e fica indisponível para outra categoria.

O finlandês é uma língua de sujeito nulo parcial, em que pronomes de 1ª e 2ª pessoas são opcionalmente nulos em qualquer contexto (12), o que não ocorre com pronomes de 3ª pessoa, como os exemplos abaixo ilustram.

- (12) a. (Minä) pihun englantia
eu falar-1_{SG} inglês
- b. (Sinä) puhut englantia
você falar-2_{SG} inglês
- c. *(Hän) puhuu englantia
ele/ela falar-3_{SG} inglês
- d. (Me) puhumme englantia.
nós falar- 1_{PL} inglês
- e. (Te) puhutte englantia
tu falar-2_{PL} inglês
- f. *(He) pihuvat englantia
eles falar-3_{PL} inglês

(HOLMBERG, 2005, p.539)

Devido ao comportamento dos dados do finlandês apresentados em (12) acima, pronomes nulos nessa língua só são possíveis se *pro* for de 1ª ou 2ª pessoa. Pronomes de 3ª pessoa não podem ser nulos. Por esse motivo, o finlandês é considerado uma língua de morfologia de concordância forte (agreement forte), em que a terceira pessoa é menos rica que primeira e segunda pessoas.

O autor afirma que a hipótese B explica os sujeitos nulos definidos em finlandês. Nessas construções, um sujeito pronominal checa EPP e exclui a necessidade de haver *merge* com expletivo ou movimento de uma categoria para Spec,IP.

Há, portanto, um sujeito nulo apropriado em Spec,IP nas sentenças de sujeito nulo em finlandês. É um *pro* diferente daquele visto em Chomsky (1981) ou Rizzi (1986), porque é um pronome nulo especificado para traços- ϕ e que não possui D ou um pronome especificado para D.

Em finlandês, o pronome nulo se liga ou a QP e ocupa Spec,IP ou se liga ao DP da oração matriz e ocupa Spec,vP. Holmberg (2005) afirma que outras línguas de sujeito nulo parcial compartilham essas características do finlandês. A presença de D significa que o pronome sujeito pode ser interpretado. Já a ausência de D, como é o caso dessas línguas de sujeito nulo parcial, significa que *pro* deve estar ligado ou interpretado como genérico.

1.2.2 *pro* em português brasileiro

Pilati *et al* (2017) identificam alguns fatos sobre o sujeito nulo em português brasileiro (PB), o qual se diferencia do português europeu (PE).

A primeira característica identificada pelas autoras, envolve o fato de que no PB não é possível sujeito nulo de terceira pessoa em um contexto *out of the blue*, ou seja, em

uma situação em que um falante profere uma sentença sem nenhum contexto prévio, o que deveria ser possível nas línguas de sujeito nulo canônicas como o PE.

O fenômeno envolve as construções de sujeito nulo com referência arbitrária, a qual é licenciada por pronome nulo/advérbio em posição pré-verbal (13a) ou em contextos em que a referência do sujeito é determinada pela dêixis (13b).

- (13) a. Vende frutas.
b. Aqui faz concerto de roupas.

(PILATI *et al*, 2017, p. 122)

Uma interpretação genérica é possível sem o pronome *se* e a referência dêitica é necessária para a gramaticalidade de (13).

O segundo fato é sobre a ordem VS, já visto em Pilati (2006), que defende que os dados de ordem VS em PB são tipos de inversão locativa. Esse contexto é analisado como portador de uma leitura dêitica (14a) ou uma leitura simultânea (14b). Pilati & Naves (2013) afirmam que o pronome dêítico nulo tem referência ligada a um elemento locativo/temporal e pode controlar um sujeito encaixado quando em posição pré-verbal (15)

- (14) a. Entrou Dante
b. Dante entrou

- (15) a. As crianças_i dormem ali porque e_i querem.
b. *Ali dormem as crianças_i porque e_i querem.
c. Ali_i dormem as crianças porque e_i é mais quente.

(PILATI *et al*, 2017, p. 122)

O terceiro fato analisado é a construção tópico-sujeito, em que elementos não-canônicos (possessivos, locativo, benefactivos) ocupam posição pré-verbal e engatilham concordância com o verbo. É possível, portanto, elementos com interpretação possessiva (16), locativa (17) e benefactiva (18) em posição de sujeito.

- (16) a. O carro furou o pneu.
b. Os carros furaram o pneu.
- (17) a. Essa mala cabe muita roupa.
b. Essas malas cabem muita roupa.
- (18) a. O Fluminense faltou sorte no segundo tempo.
b. Os times faltaram sorte no segundo tempo. (Pilati & Naves, 2013, p.237)

(PILATI *et al*, 2017, p. 122)

O último fato envolve sentenças quasi-argumentais com a sentença locativa em posição de sujeito (19)

- (19) a. [Brasília] não chove há mais de 90 dias.
b. [Londres] tem prédios lindos.

(PILATI *et al*, 2017, p. 122)

As características apresentadas anteriormente, para as autoras, demonstram que as propriedades pronominais do sujeito não são uniformes em PB. As autoras propõem uma análise em que o sistema no PB se divide em dois: um constituído pela primeira e pela segunda pessoas, definido/referencial, e o outro constituído pela terceira pessoa, a qual é sub-especificada para o traço definido/referencial.

A análise de Pilati & Naves (2013) se baseia na classificação tipológica de Bhat (2004), em que a classe de pronomes não é uniforme, mas heterogênea. A partir dessa análise tipológica, as autoras propõem que, em PB, pronomes de 1ª e 2ª pessoas são pronomes *stricto sensu* e possuem traço de referencialidade. Já a 3ª pessoa possui propriedades diferentes, similares a outras formas pronominais como indefinidos e demonstrativos, e não possui traço de referencialidade.

A proposta das autoras é que houve uma cisão no sistema pronominal/flexional em PB. Para isso, Pilati *et al* (2017) baseiam-se na análise de Pilati (2006) para a ordem VS em PB. Neste trabalho, tem-se que a ordem VS é um tipo de inversão locativa, há *merge* do locativo (DP/pro_{LOC}) na posição de sujeito e o sujeito lógico permanece *in situ*, no domínio de vP.

Ademais, Pilati, Naves & Salles (2017) identificam o seguinte comportamento: na terceira pessoa, é possível construções de tópico-sujeito e construções meteorológicas com DP locativo pré-verbal concordando com o verbo; tem-se também a possibilidade de construções com sujeito nulo de terceira pessoa com sujeito de interpretação genérica.

São possíveis, em PB, elementos com interpretação possessiva (20), locativa (21) e benefactiva (21) em posição de sujeito, como ilustrado por Pilati & Naves (2013), com concordância.

- (20) a. O carro furou o pneu.
b. Os carros furaram o pneu.
- (21) a. A localidade não ocorreu nenhum problema.
b. As localidades não ocorreram nenhum problema.
- (22) a. O Fluminense faltou sorte no segundo tempo.
b. Os times faltaram sorte no segundo tempo.

(PILATI & NAVES, 2013, p.237)

As autoras observam que o DP pré-verbal, em construções como (23), pode controlar o sujeito da oração encaixada, o que vai de encontro com o defendido por Pilati (2006), em que há a necessidade de um elemento dêitico à esquerda nas construções de inversão locativa.

- (23) A localidade_i não ocorreu nenhum problema porque e_i é segura.

A hipótese de Pilati *et al* (2017) é que nesses casos a posição pré-verbal é preenchida ou por locativo DP (engatilhando concordância) ou por um pronome/advérbio (aqui, ali, lá). Para exemplificar essa alternância, tem-se as construções com tópico-sujeito (24), com verbos existenciais (25), com verbos meteorológicos (26) e com sujeito arbitrário/indefinido (27).

- (24) a. Cabe muita roupa nessa(s) mala(s).
b. Essa(s) mala(s) cabe(m) muita roupa.
- (25) a. Tem monumentos lindos [em Brasília/lá].

- b. [Brasília/Lá] tem monumentos lindos.
- (26) a. Chove pouco [nessa(s) cidade(s)/aqui].
 b. [Essa(s) cidade(s)] chove(m) pouco.
 c. [Aqui] chove pouco.
- (27) a. Vende CD nessa loja.
 b. Essa(s) loja(s) vende(m) CD.

(PILATI *et al*, 2017, p. 106)

Em uma análise que defende a hipótese de que há uma mudança paramétrica em curso no português, tem-se que o PB está deixando de ser uma língua *pro-drop*, como aponta os trabalhos de Duarte (1993, 1995), Galves (2001), Cyrino, Duarte & Kato (2000), dentre outros.

Nessa perspectiva é possível começar uma análise do comportamento dos pronomes em PB, porém não se explica por que é permitido sujeito nulo em certos contextos, como complemento encaixado em uma interrogativa QU- (28) e sentenças relativas (29).

- (28) a. Quem_i acha que corre rápido e_{i/*j} levanta a mão.
 b. *Quem_i acha que corre rápido ele_{i/j} levanta a mão.
- (29) Ninguém_i achou o livro que e_{i/*j} perdeu.

(PILATI *et al*, 2017, p. 120)

Outra hipótese, defendida por autores como Negrão (1999), Negrão & Viotti (2000), Modesto (2000), dentre outros, é a de que o PB é uma língua de tópico, voltada para o discurso, o que explica algumas propriedades sintáticas dos pronomes de terceira pessoa em PB. Porém, não explica por que pronomes e advérbios locativos são elementos intervenientes para controle do sujeito matriz sob o sujeito nulo encaixado (30a).

- (30) a. O João_i disse que aqui vende_{arb/*i} fruta.
b. O João_i disse que vende_i fruta.

(PILATI *et al*, 2017, p. 120)

Vemos em (30b) que, quando não há locativo, o controle do sujeito matriz sob o sujeito encaixado é gramatical.

A última hipótese recorrente, proposta em Rodrigues (2004), Duarte & Kato (2008, 2014, 2017), Costa (2010), dentre outros, defende que o PB é uma língua de sujeito nulo parcial. A descrição feita sob essa perspectiva mostra que há peculiaridades no sistema flexional no PB, em que há maior preenchimento do sujeito em determinados contextos. Porém, para Pilati *et al* (2017), não há consideração sobre a obrigatoriedades dos locativos para o licenciamento das sentenças em questão.

Pilati & Naves argumentam que essa língua permite que o traço-D seja satisfeito por (i) sintagmas não-argumentais ou que não são os sujeitos lógicos das sentenças, (ii) elementos nulos ou manifestos; (iii) de interpretação dêitica ou ainda pelo preenchimento da posição de sujeito por um pronome pleno.

Há, portanto, uma cisão no sistema flexional em PB responsável pelo comportamento da 3ª pessoa, a qual deixa de ser capaz de licenciar sujeitos definidos/referenciais. Essa propriedade inovadora na língua ocorreu, segundo a análise das autoras, pelo fato da flexão de 3ª pessoa ser incapaz de licenciar EPP. O traço EPP deve ser satisfeito via inserção de um sujeito locativo, o qual é realizado por um DP locativo ou por um pronome/advérbio locativo nulo.

A flexão de terceira pessoa, nessa perspectiva, é marcada como referencial tanto pelo DP (31a) quanto por um pronome manifesto na posição de sujeito (31b). Se não houver um DP ou pronome referencial disponível, a flexão de terceira pessoa é marcada por um pronome locativo nulo e o argumento externo é interpretado como arbitrário/genérico (31c).

- (31) a. Maria conserta roupas. [DP + terceira pessoa = leitura referencial]
b. Ela conserta roupas. [Pronome + terceira pessoa = leitura referencial]
c. Aqui conserta roupas. [Locativo ou pronome expletivo = leitura arbitrária]

(PILATI *et al*, 2017, p. 128)

Pilati *et al* (2017) apresentam uma evidência de que o locativo está em posição de sujeito: o pronome dêitico nulo tem referência ligada a um elemento locativo/temporal e pode controlar um sujeito encaixado quando em posição pré-verbal, assim como um DP lexical em posição de sujeito faz.

- (32) a. As crianças_i dormem ali porque e_i querem.
b. *Ali dormem as crianças_i porque e_i querem.

c. Ali_i dormem as crianças porque e_i é mais quente.

Como vemos em (32), tal fato foi identificado em Pilati (2006), que analisa a ordem VS em PB como instâncias de inversão locativa.

Em línguas de sujeito parcial, os sujeitos indefinidos são pronomes nulos de terceira pessoa. Segundo as autoras, é possivelmente uma categoria ϕ P aos moldes de Holmberg (2010), enquanto EPP pode ser licenciado tanto por DP quanto por um locativo em Spec,TP. Como vimos, Holmberg afirma que, em línguas de sujeito nulo parcial a ausência de D significa que *pro* deve estar ligado ou interpretado como genérico (cf.: 1.2.1).

Segundo as autoras, o finlandês possui um comportamento similar ao que ocorre em PB; em ambas as línguas houve algum tipo de perda do sistema de concordância verbal. No PB houve perda da morfologia de concordância verbal na reanálise pronominal, no finlandês há apenas um morfema que corresponde à terceira pessoa singular e plural. As autoras analisam a possibilidade de comparar tais línguas com o chinês, em que o pronome não possui concordância, mas o sujeito nulo é possível em todas as pessoas.

Em línguas com sistema de *agreement* rico, a concordância verbal dos morfemas ocorre da mesma forma em contextos de *pro* e na concordância dos morfemas verbais, pois ambos comportam-se como um pronome pessoal manifesto. Ou seja, podem obter referência independente mesmo quando nulos. Já línguas com sistema de concordância manifesto ou em línguas de sujeito nulo parcial, o morfema flexional de terceira pessoa possui propriedades especiais, pois não possuem referência independente.

As autoras seguem Huang (1984), que propõe que sujeitos nulos em chinês podem se referir tanto ao sujeito matriz (*pro*), quanto ao tópico saliente no discurso, como é possível ver em (33).

- (33) a. Zhangsan_i shuo [e_{ij} bu renshi Lisi]./ Zhangsan say not know Lisi
'Zhangsan said he didn't know Lisi.'
- b. Zhangsan_i shuo [Lisi bu renshi e_j]./ Zhangsan say Lisi not know
'Zhangsan said Lisi didn't know him.'

(PILATI *et al*, 2017, p. 129)

Na análise de Huang, em (33a) há a possibilidade de o sujeito nulo ser um *pro*, já que a sentença nominal *Zhangsan* é seu antecedente; é o caso da sentença *out of the blue*. Mas também pode ser interpretado com uma variável, já que pode se ligar a um tópico saliente gerado no discurso.

Huang (1989) assume que as categorias vazias são “versões” de uma única categoria vazia, determinada localmente, pela definição funcional apresentada a seguir (cf. Pilati *et al*, 2017).

- a) Um determinado [NP *e*] é pronominal, ou seja, é PRO ou *pro* se, e somente se, for livre ou q-ligado (ligado por um elemento com um papel temático independente). Será não pronominal (=vestigio) se, e somente se, for localmente não-q-ligado.
- b) Uma categoria vazia pronominal será um PRO se, e somente se, for não regido. E será *pro* somente se for regida.

c) Uma categoria vazia não-pronominal será uma anáfora *se*, e somente *se*, for localmente A-ligada. E será uma variável (vestígio-wh) *se*, e somente *se*, for localmente A'-ligada.

(PILATI *et al*, 2017, p. 131)

Tem-se, a partir do quadro teórico sobre línguas de sujeito nulo parcial, que nesse tipo de língua o sujeito nulo obtém sua referência quando coindexado ao sujeito da sentença matriz.

As autoras argumentam, portanto, que nessas línguas as categorias vazias comportam-se de duas formas diferentes: (i) como um *pro* em contextos *out of the blue*, quando o morfema nulo procura sua referência em uma posição c-comandante localmente ligada por um papel temático independente (34); (ii) como uma variável em contextos localmente A'-ligados, como em sentenças de pergunta e resposta ou com tópicos (35);

(34) a. O João_i disse que vem_i para a festa.

b. O João_i disse [CP que [TP pro_{[φP]i} [T' vem_{[φP]i} [vP pro_{[φP]i} [v' vem [VP vem] [para a festa]]]]]]]

(35) a. A Maria_i, o João_j disse que vem_i para a festa.

b. [CP A Maria_i [TP O João_j disse [CP que [TP vem [vP pro_{[φP]i} [v' vem [VP vem] [para a festa]]]]]]]]]

(PILATI *et al*, 2017, p. 132)

Pilati *et al* assumem que a leitura arbitrária *se* dá porque nesses contextos o traço interpretável de pessoa do locativo em posição de sujeito entra em uma relação de

concordância com os traços não-interpretáveis da terceira pessoa em T, o qual incorpora os traços-phi de *pro*.

As condições para esse contexto são: (i) a condição de perda do pronome indefinido *se*, o qual, nessa perspectiva está em distribuição complementar com o locativo e Spec,TP e (ii) a condição de identificação formal do argumento externo com o locativo, que pode ocorrer de duas formas, ou o locativo é argumento do predicado ou ele engloba o argumento externo selecionado pelo predicado.

Para as autoras, essa análise é comprovada pelo fato de que a presença de traço de número, engatilha concordância, como podemos ver em (36).

(36) a. Essas lojas venderam muitos CDs.

b. Essas cidades chovem muito.

(PILATI *et al*, 2017, p. 133)

Em resumo, as autoras argumentam que o sujeito nulo em línguas de sujeito nulo parcial, tem dois comportamentos distintos: tem-se o sujeito de 1ª e 2ª pessoas com morfologia verbal similar ao que ocorre em línguas de sujeito nulo e tem-se o sujeito de 3ª pessoa. Este último ocorre da mesma forma que o *pro* em chinês, gramatical quando consegue encontrar uma referência por meio de um DP em posição de sujeito da matriz. É estabelecida uma identificação formal com um locativo por meio de *merge*; ou ocorre se um CP for preenchido tanto por uma palavra-wh, quanto por um DP em posição de tópico, ou ainda um quantificador.

Para esta tese, é importante identificar que o *pro* em português brasileiro é [-referencial], tal fato será importante para a análise desenvolvida nesta tese, pois

consideramos que essa característica permite que, nos casos das orações gerundivas com sujeito oracional, a categoria vazia obtenha sua referência em CP da oração matriz.

Considerações finais do capítulo

Neste capítulo foram apresentados alguns princípios e algumas características da Teoria Gerativa, para tanto foram abordados alguns conceitos importantes das análises de Chomsky (1995, 2001). Sobretudo inserimos a tese nessa perspectiva de análise. Ademais, foi apresentada a discussão sobre categorias vazias nos trabalhos de Chomsky & Lasnik (1993) e Holmberg (2005), pois tal discussão é relevante para o entendimento da categoria vazia existente nos dados estudados neste trabalho. Por fim o trabalho de Pilati *et al* (2017) sobre o *pro* em português brasileiro foi analisado e identificamos as características dos pronomes nulos nessa língua, tal análise é mister para a proposta construída neste estudo, pois proporemos que a categoria nula das orações gerundivas com sujeito referencial é um *pro* [-referencial].

Capítulo 2 Análises das orações de gerúndio no português brasileiro

Introdução

O objetivo deste capítulo é situar os estudos sobre a sintaxe e a semântica do gerúndio oracional, com o fim de identificar como são feitas as descrições e quais os contextos previstos. Deve-se ficar claro que, no âmbito das pesquisas sobre as orações gerundivas no português brasileiro, em sua maioria, dois contextos são estudados para o

gerúndio oracional: oração gerundiva adjunta ou oração gerundiva em posição de argumento.

No âmbito da análise da oração gerundiva argumental, há uma discussão devido ao caráter ambíguo das construções em (1).

(1) Paula viu o João varrendo a casa.

Autoras como Moutella (1995) e Rodrigues (2007, 2010) consideram uma dupla possibilidade de estrutura, em que se tema interpretação de *João jogando vídeo game* como um argumento do verbo perceptivo e uma de que *jogando vídeo game* é modificador do nome.

As orações gerundivas adjuntas são amplamente estudadas e apresentaremos algumas análises sobre as características sintáticas e semânticas dessas construções. Alguns testes serão importantes para análise posterior desta tese.

A seção 2.1 apresenta o tratamento dado às orações de gerúndio em gramáticas tradicionais e descritivas. Na seção 2.2 discutimos a análise de Moutella (1995) para os dados de orações gerundivas no português brasileiro. A seção 2.3 detalha a análise de Lopes (2004) para as orações gerundivas adjetivas em PB e em 2.4 apresentamos, brevemente, a análise de Rodrigues (2007, 2010) para as orações gerundivas envolvendo verbos perceptivos. A tipologia para as orações de gerúndio proposta por Fong (2015) é detalhada na seção 2.5, e em 2.6 examinamos os trabalhos de Moutella (1995), Lopes (2004) e Guaritá (2015), os quais descrevem e analisam as orações gerundivas com sujeito oracional (OGSO). Por fim, apresentamos as considerações finais do capítulo em 2.7.

2.1 Histórico e descrição tradicional do gerúndio: português brasileiro - PB

Nesta seção analisaremos as descrições feitas em gramáticas tradicionais e descritivas sobre orações com gerúndio. O objetivo é identificar quais contextos são previstos e qual a classificação proposta.

Iniciaremos esta seção com a contextualização do gerúndio oracional nas línguas românicas. Campos (1972) se propõe a apresentar os principais contextos de construções de gerúndio que resultaram nos contextos vistos hoje nas línguas. Em latim, identificam-se o particípio passivo futuro (ou gerundivo) e o gerúndio, que variam dependendo da declinação nessa língua. Segundo a autora, no latim, a função do gerundivo e do gerúndio era a de complementar a flexão do infinitivo, pois este não possui flexão própria e ocorre com valor nominal no nominativo e no acusativo.

O gerundivo é usado quando se tem objeto direto na sentença, já o gerúndio ocorre em construções intransitivas. A autora afirma que, dos casos de gerúndio e gerundivo em latim, o que se conservou nas línguas românicas foi o caso ablativo do gerúndio, que deixou de ser uma forma integrante da flexão do infinitivo.

(2) a. Sufficit enim monacho duas tunicas et duas cuculas habere, propter noctes et propter *lauare* ipsas res...

‘Com efeito, basta ao monge ter duas tunicas e duas capas, por causa das noites e para levá-las...

b. ... carmom dare *ad manducare*.

‘dar carne para comer’

(CAMPOS, 1972, p.385)

Esse caso indica o meio ou instrumento com que se realiza a ação. Também ocorre ocasionalmente, no período clássico, exprimindo causa, tempo ou modo, porém com a ideia de instrumento mantida.

O participio presente é uma forma adjetiva do verbo que se refere sempre a um determinado termo na oração ou ainda pode formar construções com sujeito próprio (o ablativo absoluto). Essa forma é capaz de exprimir as circunstâncias de tempo, causa, concessão e modo da ação principal.

(3) a. Igitur Vagenses, quo Metellus initio *Iugurtha pacificante* praesidium imposuerat... principes ciuitatis se coniurant...

‘Portanto, em vaga, onde Metelo, no início havia colocado uma guarnição, *enquanto Iugurta tratava da paz...* os cidadãos mais importantes da cidade tramam uma conspiração.’

b. – At ut oculus, sic animus se non *videns alia cernit*.

‘ – Mas, como olho, assim é a alma, embora não se *vendo*, distingue as outras coisas.’

(CAMPOS, 1972, p.386)

Havia uma distinção clara entre ablativo do gerúndio e participio presente durante o período clássico, mas, com o tempo, o gerúndio passou a ser usado com as funções e valores do participio presente.

(4) a. ... quod... *in redeundo* cum idem pomerium transiret, auspicari esse oblitus...

‘... porque... *ao voltar*, como atravessasse o pomério, tinha-se esquecido de tomar os auspícios.’

b. ... quae dilii Israhel tetigerant *eundo* uel *redeundo* as montem Dei...

‘... que os filhos de Israel tocaram *quando foram* ou *quando voltaram* do monte de Deus’

(CAMPOS, 1972, p.386)

Há, basicamente, cinco tipos de gerúndio, segundo Campos (1972): o gerúndio circunstancial, o gerúndio adjetivo, o gerúndio coordenado e o gerúndio equivalente a um verbo finito. Nos parágrafos a seguir, apresentaremos cada um deles.

O gerúndio circunstancial pode apresentar as seguintes interpretações semânticas: modo, tempo, causa, concessão, consequência e finalidade, pelo menos. Quanto ao sujeito da forma gerundiva, Campos afirma que há possibilidade de o sujeito ser o mesmo da oração principal, como vemos em (5a), mas a forma gerundiva também pode ter sujeito próprio, como em (5b), ou ainda vir sem sujeito (com verbos impessoais), como vemos em (5c).

- (5) a. Ouvindo o tiro e os latidos, sinhá Vitória pegou-se à Virgem Maria e **os meninos** rolaram na cama, **chorando** alto.
- b. Concordava mesmo que de vez em quando, **ele** não **estando** em casa, evidentemente, voltasse a recebê-las, como na véspera, para um chazinho.
- c. A natureza da gente é que nem borracha... **Havendo** precisão, que jeito? dá prá tudo.

(CAMPOS, 1972, p. 388 e 389)

Sobre o gerúndio adjetivo, Campos nos diz que a função adjetiva, a qual era característica do participípio, foi expandida nas línguas românicas. A oração em (6) é um exemplo desse tipo de construção gerundiva:

- (6) Encarquilhou as pálpebras **contendo** as lágrimas, uma grande saudade espremeu o coração.

(CAMPOS, 1972, p.391)

Campos também apresenta exemplos de gerúndio adjetivo (7) que indicam qualidade permanente, os quais parecem, segundo a autora, ser exclusividade do português.

- (7) Dedé — "ABC da Mulata Esmeralda", romance completo **contendo** toda a vida de Esmeralda desde o nascimento. Ou ainda: A 15 de maio foi publicado o decreto n° 217 do Marechal Deodoro da Fonseca então presidente da República, **autorizando** a companhia a funcionar nos termos de seu estatuto.

(CAMPOS, 1972, p.392)

Há também o gerúndio coordenado, em que o gerúndio se coordena a um verbo finito para modificar todo o relacionamento do gerúndio com o verbo principal. Nesse caso, o gerúndio se justapõe ao verbo da oração principal e não se subordina a ela, tal como em (8):

- (8) O ponto alto das solenidades será um grito de carnaval em frente ao clube recreativo, iniciado às 19 horas, **seguindo-se** às 22 horas, um baile comemorativo da posse da nova diretoria.

(CAMPOS, 1972, p.392)

Por fim, a autora apresenta o gerúndio equivalente a um verbo finito, o qual é considerado por ela um caso de maior independência sintática do gerúndio. A oração em (9) ilustra esse tipo de construção:

- (9) Estiveram na escola, sim. Era uma casa tosca detrás do cais, a professora **rimando** sonetos de amor... a garotada **contando** aventuras da pesca, **falando** a língua estranha dos marítimos, **fazendo** apostas sobre corrida dos barcos.

(CAMPOS, 1972, p.393)

A autora conclui que há uniformidade no uso do gerúndio nas línguas românicas e que houve expansão no uso dessa forma nominal, devido à perda do particípio presente do latim e também porque o gerúndio passou a ser utilizado em construções que não existiam. Formado esse panorama, passamos agora a analisar as descrições tradicionais para as orações de gerúndio.

As orações gerundivas são descritas por Cunha & Cintra (2008), que conceituam as orações reduzidas da seguinte forma: “orações subordinadas que não são iniciadas por pronome relativo nem por conjunção subordinativa e têm o verbo em uma das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio)” (CUNHA & CINTRA, 2008, p.628). Os autores classificam orações reduzidas de gerúndio de acordo com o tipo de relação sintática que estabelecem com os termos da oração matriz e as dividem,

portanto, em orações *adjetivas*, que exercem papel de modificador de um termo nominal da oração matriz, e orações *adverbiais*, que exercem papel de modificador do tipo adverbial em relação à oração matriz. Nos parágrafos a seguir, apresentaremos os exemplos trazidos por Cunha & Cintra (2008) e também analisaremos a referência dos pronomes nulos das construções gerundivas. Os exemplos de Cunha & Cintra para orações adjetivas reduzidas de gerúndio são os seguintes:

- (10) a. Virou-se e viu a mulher / **dando com a mão** / **fazendo sinal** / para que ele voltasse.
- b. Viu um grupo de homens / **conversando**.

(CUNHA & CINTRA, 2008, p. 628)

No que se refere especificamente às relações semânticas estabelecidas entre o sujeito nulo da oração gerundiva, vemos que, em (10a), os verbos das orações gerundivas (*dar, fazer*) têm como referente o complemento verbal do verbo presente na oração principal (*a mulher*). Em (10b) o verbo da oração gerundiva (*conversar*) também tem como referente o termo que ocupa a posição de objeto da oração principal (*um grupo de homens*). Portanto, nesses dois exemplos, a referência do sujeito nulo da oração adjetiva está ligada a apenas um dos termos da oração principal.

Em relação às orações adverbiais gerundivas, trazemos o dado (3) repetido aqui como (11):

- (11) a. **Passando hoje pela porta do meu compadre José Amaro**, / ele me convidou para tomar conta de sua causa.
- b. **Pressentindo que as suas intenções haviam sido adivinhadas**, Macedo tentou

minorar a situação.

c. Aqui mesmo, / **ainda não sendo padre**, / se quiser florear com outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, Mana Glória.

d. **Pensando bem**, / tudo aquilo era muito estranho.

(CUNHA & CINTRA, 2008, p. 629)

Mais uma vez, no que se refere às relações semânticas estabelecidas entre o sujeito nulo da oração gerundiva e os termos da oração antecedente, vemos que nos dados em (11) é possível identificar a referência do gerúndio como um elemento nominal da oração anterior.

Em Mateus *et al* (2003), há uma análise dos tipos de orações adverbiais no capítulo sobre subordinação adverbial, escrito por Ana Maria Brito. A autora descreve as orações temporais e, ao final, mostra que são previstos casos de orações temporais reduzidas. A autora afirma que esses são casos em que orações infinitivas, gerundivas e participiais exprimem ordenação temporal.

Sobre as orações gerundivas, nesse contexto de orações temporais, a autora mostra que em (12a) a oração gerundiva exprime simultaneidade, já em (12b) temos um gerúndio composto que exprime anterioridade.

(12) a. Olhando pela janela, vi o Luís.

b. Tendo olhado pela janela, vi o Luís.

(MATEUS *et al*, 2003, p.726)

A autora também comenta a possibilidade de a oração gerundiva ter sujeito nulo. Nesse caso, ele é interpretado como co-referente ao sujeito da oração principal, como

vimos em (12) acima. Também há a possibilidade de sujeito disjunto como vemos em (13).

- (13) a. Tendo a Maria acabado o trabalho, o amigo telefonou.
b. Acabando a Maria o trabalho, vamos sair.

(MATEUS *et al*, 2003, p.726)

Por último, a autora afirma que quando houver sujeito explícito, ele aparece normalmente depois da forma verbal. Mas se a oração gerundiva permitir a preposição *em* como em (14a), a posição pré-verbal do SN sujeito é mais natural do que a posição pós-verbal, como ilustra (14b).

- (14) a. Em a Maria acabando o trabalho, vamos sair.
b. ?Em acabando a Maria o trabalho, vamos sair.

(MATEUS *et al*, 2003, p.727)

Na gramática de Castilho (2010, p.381), as orações gerundivas são analisadas como tipos de “orações subordinadas não conjuncionais”. O autor apresenta as construções gerundiais adjetivas, que têm como exemplo o dado em (15). Nesse caso, a sentença gerundiva se encaixa ao sintagma nominal *os vizinhos* e forma uma sentença que funciona como complementador do sintagma.

- (15) a. Ouvimos os vizinhos reclamando do barulho.

(CASTILHO, 2010, p.382)

Sobre as gerundiais adverbiais, o autor apresenta o exemplo em (16) sem maiores comentários e aborda, por último, as gerundivas ambíguas, em (17).

(16) Reclamando do barulho, acabou arranjando encrenca com o vizinho.

(17) Encontrou a garota lavando roupa.

(CASTILHO, 2010, p.382)

O autor comenta que a semelhança entre adjetivos e advérbios permite que se possa ter interpretação dupla, fato que para Castilho mostra a flexibilidade das classificações gramaticais.

Castilho conclui que as descrições sobre as gerundivas demonstram que, preferencialmente, o sujeito da sentença gerundiva é o mesmo da sentença matriz.

Em resumo, tanto gramáticas brasileiras quanto gramáticas portuguesas não trazem dados de OGSO (18) como tipos possíveis de construções gerundivas.

(18) O projeto foi realizado a tempo, tornando a pesquisa mais tranquila.

Um achado importante que fizemos em nossa pesquisa bibliográfica foi o texto das pesquisadoras portuguesas Sousa & Estrela (2009). Para as autoras, dados como em (18), de OGSO, são considerados como “erros” na escrita de alunos. As autoras apresentam um estudo que analisou textos de alunos da educação básica, a fim de verificar algumas construções problemáticas dessas produções.

Entre os “problemas” de escrita identificados pelas autoras, havia exemplos como (19). Sobre esses dados, as autoras afirmam que não fica claro se os verbos na forma gerundiva partilham o mesmo sujeito e que seria mais adequado que o segundo verbo (*comprometendo*) ocorresse em um outro tipo de construção não gerundiva.

- (19) a. Do mesmo modo, esses gases libertam-se também subterraneamente, fazendo com que os solos percam a sua qualidade e deixem de ser favoráveis à produção de alimentos, **comprometendo** as gerações actual e futura. [Turma 2, Texto 6]
- b. Um excerto desse mesmo artigo referia-se aos perigos que essas mesmas lixeiras representam, tanto para a vida humana, como para a fauna e a flora, **comprometendo** assim o futuro da vida na terra. [Turma 3, Texto 5]

(SOUSA & ESTRELA, 2009, p. 235)

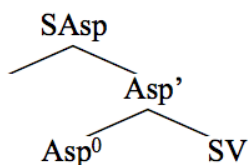
Em relação a (19a), as autoras afirmam que se os verbos gerundivos partilham o mesmo sujeito, este seria retomado a partir de uma nominalização: *a libertação de gases*; o que, segundo elas, exige muito esforço interpretativo.

Em síntese, na presente seção analisamos três gramáticas da língua portuguesa e vimos que não há menção nesses trabalhos a orações gerundivas com sujeito oracional. Vimos também que OGSO ocorrem em textos de alunos portugueses, assim como ocorrem em textos de alunos brasileiros, e são consideradas desvios da norma padrão.

2.2 Orações gerundivas adjuntas e argumentais: Moutella (1995)

Moutella (1995) estabelece um quadro distribucional dos contextos em que ocorrem orações reduzidas de gerúndio no PB. Para tanto, analisa quase todos os tipos de orações reduzidas de gerúndio em português brasileiro. Segundo a autora, o gerúndio oracional corresponde à projeção máxima SAsp, em que o morfema de gerúndio projeta um Sintagma de Aspecto, como vemos em (20).

(20)



(MOUTELLA, 1995, p. 51)

(...) a noção aspectual é inerente ao gerúndio, e, do mesmo modo que se reconhece que as formas verbais flexionadas, que apresentam morfema de tempo, modo e pessoa gramatical, projetam Sintagma de Tempo e Sintagma de Concordância, também se reconheceria que o morfema -ndo, que expressa uma noção aspectual, projeta um Sintagma de Aspecto. (MOUTELLA, 1995 p.51)

O gerúndio possui uma noção aspectual inerente e independente do Tempo da Matriz. Tal noção aspectual corresponde ao traço de [- Concluso]. O Sintagma de Aspecto deve estar em uma relação de c-comando com o Sintagma de Tempo, ou seja, sob escopo do Tempo da matriz para que o enunciado seja gramatical. O gerúndio, portanto, não ocorre em construções com um verbo auxiliar com noção aspectual de [+Concluso] dada lexicalmente, como é o caso do auxiliar *ter* em (21):

(21) a. *Ela tinha lendo esse livro.

Moutella (1995) apresenta noções gerais sobre a distribuição das orações de gerúndio para mostrar que essa forma nominal possui tanto um comportamento de fato nominal (exatamente por não aceitar qualquer tipo de flexão de pessoa ou tempo)⁶, mas também possui comportamento verbal, como em (22):

⁶ Em algumas variedades do português europeu é possível encontrar flexão de pessoa e número no gerúndio, veja o exemplo em Lobo (2001, p. 369):

(720) Tu querendos, podemos namorar às escondidas. (Monte Gordo, in Ratinho 1959)

(721) Qualquer descuido, os animais soltandem-se... (Santa Justa, ALEPG)

- (22) a. Não valorizou a sua hipótese, eliminando-a da argumentação.
b. Pedro/Ele chegando, começaremos a reunião.
c. Amanhã, eles estarão negociando com o governo.
d. Sendo aceita a proposta, iniciaremos as atividades imediatamente.

(MOUTELLA, 1995, p.63)

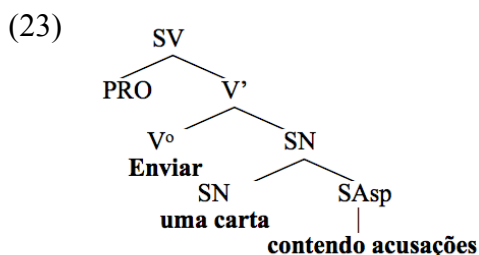
Os exemplos de (22a-d) demonstram o comportamento verbal do gerúndio. Em (22a) observa-se que orações gerundivas licenciam complementos idênticos aos das formas verbais finitas cognatas, atribuindo-lhes Caso acusativo; em (22b), demonstra-se a possibilidade de haver sujeito manifesto representado por sintagma nominal pleno ou pronome nominativo; em (22c) o gerúndio entra na constituição de locuções verbais e em (22d) o gerúndio expressa aspecto verbal e permite voz passiva.

É importante ressaltar que, pelo fato de o verbo no gerúndio possuir propriedades verbais, este sempre terá um sujeito, segundo a autora. Após apresentar as propriedades gramaticais do gerúndio, a autora apresenta uma classificação para as orações gerundivas: orações adjetivas reduzidas, orações substantivas reduzidas e orações adverbiais reduzidas.

2.2.1 As orações gerundivas adjuntas: as orações adjetivas e adverbiais reduzidas

Ao iniciar seu quadro distribucional, a autora analisa as orações adjetivas reduzidas. Moutella (1995) defende que o gerúndio, como modificador do nome, vem adjunto ao sintagma nominal que modifica e equivale, portanto, a uma oração

subordinada adjetiva restritiva. O sujeito da oração reduzida seria um PRO coindexado com a expressão nominal antecedente, tal como em (23).



(MOUTELLA, 1995. p.73)

Em relação ao antecedente ao qual PRO será coindexado, a autora afirma que nem sempre será necessariamente o sujeito da matriz, poderá ser alguma outra expressão nominal (argumento externo ou interno) existente nela, como em (24), em que o referente de PRO é *uma carta*.

(24) a. Enviou uma carta [PRO contendo acusações.]

(MOUTELLA, 1995, p.73)

Há, no entanto, situações em que há dois elementos nominais possíveis para a coindexação com o sujeito do gerúndio, e ambos satisfazem as exigências semânticas de argumento externo do verbo. Nesses casos, se não houver restrição semântica para a coindexação, seria escolhido o elemento na posição de sujeito, o que evidencia a restrição distribucional da oração de gerúndio como modificadora de sintagma nominal (25).

(25) a. O repórter mencionou um decreto_i [PRO_i regulando as operações financeiras].

b. O autor_i refuta a análise de Giusti [PRO_i propondo uma série de 5 vogais].

(MOUTELLA, 1995, p.74)

Em (25a) o sujeito da gerundiva pode estar coindexado a *O repórter* ou a *um decreto*. Nesse caso as restrições semânticas fazem com que a coindexação de PRO seja feita com *um decreto*. Já em (25b) não há restrição semântica, nesse caso a coindexação deve ser feita com o sujeito da oração principal.

Moutella (1995) afirma que essa análise da distribuição da gerundiva mostra que a coindexação do sujeito do gerúndio não se dá exclusivamente com o sujeito da matriz e é a noção de convergência dos traços semânticos e sintáticos das categorias das sentenças que pode explicar as diferentes estruturas em (25).

Outra característica distribucional do gerúndio como oração adjetiva restritiva, consiste em haver desígnio de atributos permanentes, devido a seu traço aspectual de [-Concluso]. Portanto as orações gerundivas deveriam ser compatíveis apenas com verbos de traço [+Dinâmico], porém, como a autora mostra, em (26b) abaixo, a oração gerundiva é compatível com verbos estativos de traço [-Dinâmico].

- (26) a. A primeira a ser atendida foi a moça [fazendo tricô].
b. A compra de um livro [contendo ilustrações] deixou-o feliz.
c. *A compra de um livro que está contendo ilustrações deixou-o feliz.

(MOUTELLA, 1995, p.75)

Os exemplos acima também demonstram, segundo a autora, que as orações gerundivas não são derivadas das orações relativas desenvolvidas por simples apagamento do conectivo, pois a tentativa de uma contraparte desenvolvida de (26b) não é possível, como se pode ver em (26c).

Ao abordar as orações gerundivas adverbiais, Moutella (1995) afirma que o gerúndio substitui conjunções que, nas orações desenvolvidas, possuem papel essencial para a interpretação semântica. Nesses casos, porém, o gerúndio em si não expressa uma função semântica particular e a posição dele em relação à matriz pode mudar a interpretação da sentença como um todo.

A autora afirma que as orações gerundivas adverbiais que indicam maneira ou meio vêm à direita da matriz (nesse caso há um traço aspectual de [- Concluso] e o sujeito é representado por uma categoria vazia coindexada ao sujeito da matriz, como em. Já as orações gerundivas que expressam as demais noções semânticas podem vir à direita ou à esquerda, como se atesta em (27) e (28).

(27) a. João fala [gaguejando].

(28) a. ??Gaguejando, João fala.

(MOUTELLA, 1995, p.95 e 96)

Os dados abaixo evidenciam que os traços semânticos dos verbos definem a função sintática de maneira da oração gerundiva e a mudança de posição pode ou não mudar a noção expressa. Em (29b) a noção é de maneira e quando muda-se a posição em (29b'), a noção passa a ser de simultaneidade.

(29) a. Ele mastigava a comida [falando sobre política]. (Maneira)

a'. [Falando sobre política], ele mastigava a comida. (Simultaneidade)

b. Ele mastigava a comida [fazendo barulho]. (Maneira)

b'. [Fazendo barulho], ele mastigava a comida. (Simultaneidade)

(MOUTELLA, 1995, p.96)

A semântica expressa pelo verbo gerundivo tem uma consequência para a estrutura. Quando o sintagma de aspecto expressa maneira se adjunge ao sintagma verbal, porém, quando outras noções são expressas há adjunção a TP.

2.3.2 Orações gerundivas argumentais: as orações subordinadas substantivas reduzidas

Moutella (1995) afirma que a gramática tradicional não descreve a possibilidade de existirem orações subordinadas substantivas reduzidas de gerúndio. Nas gramáticas tradicionais só existe a possibilidade de orações subordinadas adjetivas reduzidas e adverbiais reduzidas. No entanto, a autora mostra que é possível que as orações reduzidas de gerúndio ocupem a posição de objeto de verbos sensitivos. Para entender o que a autora deseja apresentar, analisemos o exemplo em (30).

(30) a. Maria viu [os meninos brincando]

(MOUTELLA, 1995, p.79)

Nesse caso, a oração gerundiva [*os meninos brincando*] pode desempenhar a função de complemento verbal (objeto direto) do verbo *ver*. Na verdade, segundo a autora, parece haver a possibilidade de uma dupla interpretação: (i) uma em que o gerúndio constitui uma oração relativa reduzida, e (ii) uma em que há uma oração gerundiva em posição de objeto.

Para Moutella (1995), a dupla interpretação consiste nas possibilidades de adjunção a SN (ou seja, o gerúndio constitui uma oração adjetiva reduzida de gerúndio)

ou de estrutura de complementação a V⁰ (ou seja, a oração de gerúndio é objeto do verbo da oração matriz).

Em seguida, Moutella apresenta os seguintes exemplos em que a oração gerundiva é complemento do verbo da matriz.

- *Orações de gerúndio como argumento interno do verbo*

- (31) a. Não aguento mais [esses garotos chegando tarde todo dia].
b. Já permitem [menores dirigindo sem carteira?].
c. Prefiro [a Paula tocando violão] a ouvir música sertaneja.
d. Prepare-se para assistir [Ana, mais uma vez, brigando com Pedro].
e. Achava uma absurdo [os doentes esperando horas] para serem atendidos.
f. Eu acredito [no ministro consertando as finanças].
g. Não quero [alunos fumando na sala de aula].
h. Você perdeu [a Juliana quase se ajoelhando] para ele voltar com ela.
i. Quero [todos os alunos entregando o trabalho até quarta-feira].

- *Orações de gerúndio como argumento externo do verbo*

- (32) a. É lamentável [você virando a casaca].
b. É uma piada [alguns políticos querendo interferir no Judiciário].
c. Não é aconselhável [os meninos saindo a essa hora sozinhos].
d. Foi fera [a banda tocando aquelas duas músicas no final].
e. Não me agrada [os meninos saindo de carro sem carteira].
f. Deve incomodar muito você [os vizinhos tocando guitarra à noite].

g. É antitelevísivo [uma pessoa falando diante das câmeras sem movimento].

(MOUTELLA, 1995, p.79)

A autora, portanto, afirma que os dados em (31) e (32) demonstram que a oração gerundiva em posição argumental tem sempre a posição de sujeito ocupada por um sintagma nominal com papel temático de agente. Para Moutella (1995, p.90), as orações de gerúndio representam um “cena” caracterizada pelo traço [+Dinâmico].

A autora ressalta que essa característica se mantém nos casos em que o argumento externo não exerce papel temático de agente, como é o caso de (33).

(33) Nós também assistimos (a) o circo pegando fogo

Para Moutella, as sentenças gerundivas argumentais possuem restrições semânticas ligadas às propriedades do verbo envolvido. Até aqui vimos que a autora propõe um AspP para o gerúndio oracional e a posição da oração tem reflexo na sintaxe da construção.

Antes de começarmos a análise de Lopes (2004) para as orações de gerúndio, é importante ressaltar que Moutella (2015) faz um breve comentário para mostrar estruturas em que o sujeito do gerúndio não está coindexado ao sujeito da matriz (as OGSO), mas se refere à situação descrita nessa oração como um todo. A autora apresenta, em seguida, os seguintes exemplos:

(34) a. O avião caiu, matando 150 pessoas.

b. O clima está seco, causando desidratação.

(MOUTELLA, 1995, p.69)

Para esta autora, essas construções aproximam-se das orações coordenadas: *Avião cai e mata 150 pessoas*. O trabalho de Moutella não traz mais nenhuma contribuição no que diz respeito a esse tipo de estrutura. Nesta tese não analisaremos os dados como tipos de orações coordenadas.

2.3 As orações adjetivas gerundivas: Lopes (2004)

Lopes (2004) tem o objetivo de identificar as propriedades sintáticas e semânticas das orações gerundivas adjetivas em português brasileiro. As orações gerundivas adjetivas restringem o significado ou adicionam informação a um nome, como ilustrado em (35).

- (35) a. Os soldados **levando armas** passaram por aqui.

A autora discute a relação entre as propriedades semânticas do predicador e a distribuição da oração adjetivas de gerúndio em contextos de leitura progressiva e não progressiva, além do licenciamento do sujeito nas sentenças.

Lopes considera que a posição sintática afetada na oração adjetiva de gerúndio é sempre a posição de sujeito, isso é demonstrado com os dados abaixo.

- (36) a. Daniel comeu o bolo quente que estava saindo do forno.

b. Daniel comeu o bolo quente saindo do forno.

- (37) a. Daniel comeu o bolo quente que a Joana estava assando.

b. *Daniel comeu o bolo quente Joana assando.

- (38) a. Comprei a blusa que Maria estava precisando.
b. *Comprei a blusa Maria precisando.

(LOPES, 2004, p.61)

O dado em (36b) é gramatical porque a posição de sujeito está sendo relativizada. Em (37) a posição relativizada é a de objeto direto, e a versão gerundiva é agramatical e em (38) a posição relativizada é a de objeto indireto e o resultado também é agramatical.

A autora verifica que verbos estativos propiciam leitura não-progressiva do gerúndio e verbos de processo propiciam leitura progressiva. A oração gerundiva adjetiva remete a um sintagma nominal da oração principal, o qual é retomado como sujeito da oração gerundiva.

A autora discute também as orações gerundivas com verbos perceptuais. Lopes afirma que Emonds (1985) e Moutella (1995) distinguem o gerúndio como complemento de verbo perceptivo do gerúndio como modificador de NP.

- (39) a. O garoto *chorando na cozinha* é meu irmão.
b. O repórter mencionou um decreto *regulando as operações financeiras*.

- (40) a. João viu a mulher *sendo insultada na rua*.
b. Maria viu *os meninos brincando*.

(LOPES, 2004, p.52)

A autora aponta que Emonds (1985) e Moutella (1995) apresentam as orações adjetivas gerundivas como sintagmas adjungidos a NPs. Para Emonds trata-se de um VP e para Moutella trata-se de um AspP e em ambos os estudos há a diferenciação de duas

estruturas para o gerúndio com verbos perceptivos: complemento de V^o ou adjunto adnominal.

Dessa forma, como aponta Lopes (2004), os exemplos em (29) apresentados por Cunha & Cintra (2008) para orações subordinadas adjetivas reduzidas de gerúndio são, na verdade, dois tipos distintos de construções.

- (41) a. Virou-se e viu a mulher / **dando com a mão** / **fazendo sinal** / para que ele voltasse.
- b. Viu um grupo de homens / **conversando**.

Em (41a) o gerúndio ocorre como modificador de NP, mas em (41b) o gerúndio pode ser modificador de NP ou complemento de V. Para Lopes, o tipo de verbo presente impõe restrições na dupla estrutura. Com verbo estativo teremos somente a possibilidade de estrutura como adjunto adnominal. Quando o verbo for perceptivo é que haverá a dupla estrutura possível.

A autora ressalta que a oração de gerúndio como complemento do verbo não é possível com o verbo *autorizar*, mas é possível com o verbo *admitir*, por exemplo. Apenas em (42b) há uma semântica de hipótese e, segundo a autora, apenas verbos que descrevem possibilidade tornam a sentença gramatical; verbos que descrevem fato concreto não funcionam.

- (42) a. *Maria e Joana autorizaram elas viajando para a Bahia.
- b. Maria e Joana admitem elas viajando para a Bahia.

Orações com verbo no infinitivo podem figurar como complemento de verbo perceptual. Abaixo vemos em (43) que tanto a gerundiva quanto a infinitiva podem ocorrer como complementos de verbos perceptivos, mas só as gerundivas podem ocorrer em estrutura adjetiva (43b).

- (43) a. Eu ouvi o bebê chorando/chorar.
b. O médico atendeu o paciente gritando/*guitar.

(LOPES, 2004, p. 53)

Acerca do sujeito de orações adjetivas e a seleção semântica dos verbos, temos que (44a) e (44b) são agramaticais porque, no primeiro caso, o PRO está na posição de sujeito, mas não pode ter como antecedente o sintagma *o carro* devido à seleção semântica do verbo, que necessita de um argumento agente. Já no segundo caso, a agramaticalidade se dá porque *O João* está na posição de sujeito, o que exclui PRO. Só em (44c) PRO e NP são correferentes e há gramaticalidade.

- (44) a. *O carro [PRO dirigindo João] é novo.
b. *O carro [PRO João dirigindo] é novo.
c. O carro [enguiçando lá na esquina] é do João.

(LOPES, 2004, p.60)

Como já foi dito, a autora considera que em orações gerundivas adjetivas apenas a posição de sujeito é afetada. A restrição está relacionada ao fato de que as orações gerundivas não possuem conectivo, ao contrário das orações relativas com conectivos, em que qualquer função sintática pode ser relativizada.

Lopes (2004) analisa, dentro de seu estudo sobre as orações gerundivas adjetivas, um outro tipo de gerundiva, as apositivas de foco, que são as orações em que o sujeito do verbo no gerúndio é toda a oração principal, como em (45), foco de estudo desta tese.

- (45) a. O avião caiu deixando vários feridos.
b. O clima está seco, causando desidratação.
c. A qualidade de vida vem crescendo a cada dia, criando oportunidades para o povo brasileiro.

(LOPES, 2004, p.69)

A autora afirma que os dados possuem uma leitura de causa/consequência e, por isso, não é possível a mudança de posição das orações como vemos em (46):

- (46) a. *Deixando vários feridos, o avião caiu.
b. *Causando desidratação, o clima está seco.
c. *Criando oportunidades para o povo brasileiro, a qualidade de vida vem crescendo a cada dia.

Para Lopes, os dados em (46) seriam análogos aos dados em (47) apresentados em Mateus et al (2003), nos quais a oração encaixada constitui um comentário acerca da proposição anterior.

- (47) a. Os amigos prepararam-me uma festa, o que muito me espantou.
b. O Porto é uma cidade essencialmente barroca, o que a aproxima de outras cidades europeias.

Em Mateus *et al* (2003), os casos de apositivas de foco iniciadas por *o que* merecem análise atenta do pronome, pois *o que* fica ambíguo entre ser uma coisa só, ou seja, um morfema relativo *o que*, ou ser um *artigo o + pronome relativo que*. Essa discussão se insere na análise das orações relativas livres, na próxima seção abordaremos esse fato.

Para Lopes (2004), a existência das relativas apositivas de foco resolve a classificação dos dados, pois existe uma relação de implicação entre as orações: a primeira descreve um evento causador que tem por consequência a segunda.

Lopes (2004) afirma que na oração apositiva de foco o pronome demonstrativo *o* retoma a oração anterior e *que* é sujeito da oração subordinada. A autora afirma que as gerundivas não possuem tais mecanismos, e a relação de causa/consequência é marcada pela posição em que elas ocorrem, por isso a impossibilidade da mudança de posição.

A autora propõe a classificação das orações em questão como orações gerundivas apositivas de foco, mas não há desenvolvimento de sua hipótese ou proposta de estrutura para os dados. A contribuição de Lopes (2004) para nossa análise, visto que são os mesmo dados, é a identificação da impossibilidade da mudança de posição, que se relaciona com a semântica envolvida, e do fato de ser possível substituir o gerúndio por *o que*, características básicas das OGSO. Vale ressaltar que a classificação dada pela autora não é suficiente porque trata as orações em questão com relativas e não explica a referência do pronome nulo envolvido.

2.4 A ambiguidade das orações gerundivas argumentais: Rodrigues (2007, 2010)

Rodrigues (2007) tem o objetivo de analisar os complementos gerundivos de verbos de percepção. Para tanto, analisa os verbos perceptivos gerundivos e a ambiguidade existente nos dados. Com a leitura em contexto concreto (ver no sentido de “enxergar”), a sentença possui três interpretações: constituinte formando um DP complexo (48a), dois constituintes distintos (48b) e constituinte único oracional (*small clause*) (48c). Já com a leitura em contexto imaginativo (ver no sentido de “imaginar”) há apenas uma interpretação (48d), a de constituinte único oracional (*small clause*).

- (48) a. Você viu [_{DP} o disco contendo canções de Natal], que tem a capa verde?
b. Pedro viu o filme [comendo pipoca].
c. Eu vi [minhas ideias impondo-se com facilidade].
d. O João viu (=imaginou) [o Pedro correndo no parque]

(RODRIGUES, 2007, p. 31, 32 e 35)

A autora acredita que essa ambiguidade estrutural indica uma relação direta entre as possíveis interpretações dos verbos de percepção e as diferenças sintáticas dos complementos. Ou seja, a seleção semântica do verbo resulta em diferentes estruturas sintáticas possíveis.

Rodrigues (2010) também analisa as propriedades sintáticas e semânticas das construções perceptivas. É possível identificar que verbos de percepção são ambíguos entre uma interpretação concreta, que se dá quando o complemento gerundivo forma um

AspP, e uma interpretação imaginativa⁷, que é obtida quando o complemento gerundivo é constituído de um TP e de mais uma projeção funcional acima de TP, permitindo alojar um tópico.

Não vamos entrar em maiores detalhes sobre os verbos perceptivos, mas é importante identificar como o tipo do verbo interfere na interpretação e na estrutura da sentença. Rodrigues (2007, 2010) argumenta que as propriedades sintáticas e semânticas dos complementos gerundivos de verbos de percepção dependem da seleção do verbo.

2.5 Tipologia das Orações de Gerúndio – OGs: Fong (2015)

Fong (2015) tem como objetivo explicar o comportamento individual de cada tipo de Oração Gerundiva (OG) e explicar a maneira como as OGs se agrupam em classes distintas, à vista disso tem-se como resultado uma tipologia para as OGs.

A autora afirma que as Orações Gerundivas podem ter pelo menos três possíveis funções. Podem ter função sintática de complemento (49), de sujeito (50) ou de adjunto (51).

- (49) a. O João quer [os filhos não soltando nenhum pio durante o jantar].
- b. Algum professor assistiu [todo aluno se apresentando na cerimônia de encerramento.]
- c. Tem [umas crianças gritando no apartamento ao lado.]
- d. O médico manteve [os pacientes esperando por várias horas.]
- e. O João imagina [a Maria jogando na seleção daqui a quinze anos.]

⁷ A autora exemplifica a ambiguidade existente entre as percepções concreta e imaginativa com o dado: *Eu posso ver meu filho ganhando uma medalha de ouro*. Se o evento em que o filho ganha uma medalha de ouro é real e se passa diante dos olhos da mãe, tem-se uma leitura concreta de ver. Já se a situação for representada só na mente do falante pode-se parafraseá-la utilizando o verbo imaginar. Tem-se nesse caso, uma leitura imaginativa do verbo.

f. O João considera [a Maria como sendo uma boa pessoa.]

g. O João adorou a Maria jogando na seleção.

(50) [A Maria assistindo] tevê no último incomoda muito a mãe.

(51) a.[O João ouvindo música no último], a Maria vai ficar brava.

b. A Maria não consegue estudar para a prova [com os irmãos fazendo bagunça].

c. [Tendo realizado todas as tarefas], a Rosa pôde ir para a casa mais cedo.

d. A Paula sempre faz a caminhada dela [ouvindo mp3.]

e. Esses meninos [jogando bola na rua] são filhos do vizinho.

(FONG, 2015, p.1)

A autora descreve as OGs de acordo com uma série de propriedades sintáticas, como licenciamento de negação sentencial e advérbio sentencial, alçamento de sujeito, ligação do sujeito e alçamento do quantificador.

Para Fong (2015), as OGs são divididas em três classes, e a diferença entre elas está na sua projeção sintática: OGs de classe 1 projetam até CP, OGs de classe 2 projetam até TP e OGs de classe 3 projetam até AspP.

(52) a. Classe 3 [_{AspP} -ndo [_{vP} V VP]]]]

b. Classe 2 [_{TP} T [_{AspP} -ndo [_{vP} V VP]]]]

c. Classe 1 [_{CP} C [_{TP} T [_{AspP} -ndo [_{vP} V VP]]]]

(FONG, 2015, p.2)

Até então, os estudos analisados sobre as orações gerundivas levaram em conta a possibilidade de termos dois grandes grupos de orações: as orações gerundivas adjuntas e as orações gerundivas argumentais. Em Fong (2015) o foco não é no tipo de estrutura externa envolvida: o parâmetro de análise é a projeção interna da oração de gerúndio (se projeta CP, TP, ou só AspP). O esquema abaixo ilustra a análise da autora.

Como já visto, a autora classifica as OGs em três classes. Essas classes vão se diferenciar de acordo com suas projeções, porém haverá propriedades comuns, como é possível identificar na imagem abaixo.

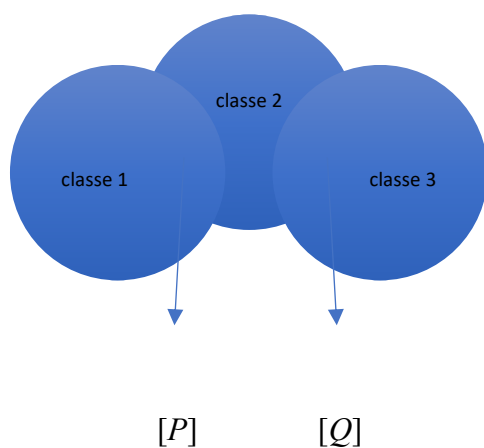


Imagem 1: ilustração das propriedades envolvidas

As propriedades $[P]$ são comuns às OGs de classe 1 e 2 e dizem respeito à presença de TP na estrutura da OG. Para a autora, possibilidade de negação sentencial e advérbio sentencial pressupõem a presença de TP na OG. Já $[Q]$ são propriedades dependentes de fase e são comuns às OGs de classe 2 e 3.

Nesta seção vamos resumir os testes aplicados por Fong e teremos um quadro mais claro sobre a relevância deles para compreender o comportamento do gerúndio

oracional. Vimos que Fong não propõe uma estrutura para orações gerundivas com sujeito oracional⁸.

Sobre as OGs completivas, a autora apresentou os testes resumidos no quadro 1 abaixo. Com relação ao primeiro teste, de negação ou advérbios sentenciais, vimos que a gramaticalidade indica projeção de TP na OG. As OGs de classe 1 e 2 são as únicas possíveis nesse contexto, pois a OG de classe 3 não projeta TP.

O segundo teste é o da possibilidade do sujeito ser alçado para a posição de sujeito da oração matriz. As OGs de classe 1 são agramaticais nesse contexto, pois são fases e dessa forma o sujeito da OG fica inativo antes de elementos da matriz serem introduzidos. Já as OGs de classe 2 e 3 são gramaticais nesse teste, as de classe 2 são TPs e o sujeito dentro da OG deve se mover para valorar Caso em Spec,TP.

O teste de anáfora correspondente resulta em sentença agramatical para OGs de classe 1, pois viola Domínio de Ligação. As OGs de classe 2 e 3 são gramaticais nesse contexto porque a menor fase que inclui a anáfora é Spec,vP e nesse domínio o sujeito anafórico da OG pode ser c-comandado pelo sujeito-matriz.

	CP	TP	AspP
	OG de classe 1	OG de classe 2	OG de classe 3
Negação ou advérbio sentenciais	O João preferiu a Maria não mexendo um dedo	O João adorou a Maria não mexendo um dedo	*O João flagrou a aeronave não sofrendo uma pane
Alçamento do sujeito	*A Maria foi preferida <i>t</i> cantando na festa	A Maria foi imaginada <i>t</i> jogando na seleção	O morro pôde ser ouvido <i>t</i> desabando a quilômetros.
Anáfora	*O João _i se _i preferiu cantando na peça	A Maria _i se _i imagina jogando na seleção	O João _i se _i flagrou cantando no chuveiro

Quadro 1: testes para orações gerundivas completivas propostos por Fong (2015)⁹

⁸ A autora afirma em nota que dados como *O avião caiu, causando a morte de todos os passageiros* são potenciais casos de OG de controle (como a OG de controle de objeto). Para a autora, o sujeito nocional de “Causar” nesse dado é provavelmente todo o evento de causar. Tal discussão não será resgatada nesta tese, pois não faremos uma proposta que envolva Controle nessa perspectiva.

⁹ Os quadros resumo apresentados nesta tese são de nossa autoria, baseados nos dados e testes dos autores em questão.

Já para as OGs adjuntas, temos o quadro resumo se seguir. O primeiro teste na verdade envolve a possibilidade de haver sujeito nulo ou manifesto nas sentenças. As OGs de classe 1 possuem alternativa entre sujeito nulo e manifesto. As OGs de classe 2 não podem ter sujeito nulo, enquanto as OGs de classe 3 possuem sujeito nulo obrigatório.

O teste de licenciamento do NPI (negação dentro da matriz) revela que as OGs de classe 1 estão adjungidas a uma porção alta demais da oração matriz para serem c-comandadas por negação sentencial, por isso são agramaticais nesse contexto. As OGs de classe 2 também são agramaticais nesse contexto, segundo a autora, porque a OG está adjungida a TP, acima de NegP. As OGs de classe 3 são as únicas gramaticais nesse contexto, pois estão adjungidas a vP e são c-comandadas pela negação.

O outro teste proposto é o de licenciamento de negação e advérbio sentenciais, o qual indica projeção de TP, segundo a autora. As OGs de classe 1 são gramaticais nesse contexto, assim como as OGs de classe 2. Já as OGs de classe 3 não possuem projeção de TP, por isso a agramaticalidade.

Os testes de alçamento, anáfora e escopo invertido também são apresentados. Vimos que OGs adjuntas possuem características mais específicas e constituem um desafio para a análise de Fong. Em OGs de classe 1, é possível anáfora, o que não é esperado, já alçamento e escopo invertido são agramaticais. Nas OGs de classe 2, não é permitida a anáfora, o que surpreende a autora. A leitura de escopo invertida também é impossibilitada nesse contexto. Para as OGs de classe 3, esses testes não fazem sentido devido à obrigatoriedade de PRO.

CP	TP	AspP
OG de classe 1	OG de classe 2	OG de classe 3

Sujeito	(i) O João chegando cedo, a firma conseguiu terminar o trabalho (ii) <i>ec</i> Chegando mais cedo, a firma vai conseguir terminar o trabalho	(i) O João estudou com os irmãos gritando. (ii) *Os irmãos estudaram com <i>ec</i> gritando	(i) *A Paula fez a caminhada, ela ouvindo música (ii) A Paula fez a caminhada <i>ec</i> ouvindo música
NPI	*O João terminando trabalho algum, a empresa não fica satisfeita.	*A Maria não estudou com o João lendo livro algum.	A Maria não correu ouvindo música alguma.
Negação ou advérbio sentenciais	(i) O João não mexendo um dedo, não dá pra passar no vestibular (ii) A aeronave provavelmente tendo sofrido uma pane, o piloto contactou a torre de controle.	(i) A Maria não consegue dar aula com os alunos não mexendo um dedo. (ii) O João quer viajar sem a aeronave provavelmente sofrendo uma pane.	(i) ???A Maria fez a meditação dela não mexendo um dedo. (ii) ???Os ladrões arrombaram a porta provavelmente ouvindo música. ¹⁰
Alçamento	Tendo batido o recorde de velocidade, a Maria foi recebida com aplausos pela torcida.	*Tendo gritado os irmãos, o João estudou	Não se aplica
Anáfora (Ligação)	*Se, cantando, o João, foi às lágrimas	*A Maria, não consegue estudar se, checando o celular toda hora.	Não se aplica

Quadro 2: testes propostos por Fong (2015) para orações gerundivas adjuntas

2.6 As orações gerundivas com sujeito oracional: Guaritá 2015

As orações gerundivas com sujeito oracional foram identificadas por Salles (1993), porém, como vimos, a autora não chega a analisar as sentenças em detalhes, tão pouco Moutella (1995) chega a discorrer com maiores detalhes sobre os dados. Em Lopes (2004) também há a identificação desse tipo de oração e a autora classifica os dados como

¹⁰ Consideramos que os dados em (i) *A Maria fez a meditação dela não mexendo um dedo* e (ii) *Os ladrões arrombaram a porta provavelmente ouvindo* são gramaticais.

orações gerundivas apositivas de foco, porém o trabalho não envolve somente esse tipo de dado e não há proposta de estrutura.

Guarita (2015) é a primeira pesquisadora a analisar exclusivamente as orações gerundivas com sujeito oracional, a descreve os dados e suas características sintáticas, além de classificá-los como um tipo de orações relativas livres, em virtude da falta de referência clara do verbo gerundivo. A autora descreve as características das OGSO a partir das análises de Moutella (1995) e Lopes (2004).

Guarita (2015) tem como objetivo fazer uma descrição detalhada do comportamento das orações gerundivas com sujeito oracional. Para além do que foi dito pelas autoras analisadas anteriormente, Guarita (2015) defende a hipótese de que as orações gerundivas reduzidas de gerúndio com sujeito oracional são orações cujas características sintáticas e semânticas são comparáveis às de orações relativas livres (cf. Moia 1992), iniciadas por *o que*.

As características das orações gerundivas com sujeito oracional, identificadas pela autora, foram: (i) o sujeito de tais orações reduzidas não é um elemento nominal da oração principal, mas sim toda a informação contida nela; (ii) as sentenças ocorrem em posição final, pois a mudança de posição não é possível e (iii) a oração gerundiva é substituível por uma relativa iniciadas por “*o que*” sistematicamente.

Tanto nas gramáticas tradicionais, quanto nos estudos de Moutella (1995) e Lopes (2004), há consenso em considerar que a principal propriedade das orações relativas é o fato de a oração subordinada relativa modificar algum termo da oração principal. Devido a esse fato, Guarita (2015) passa a analisar a possibilidade das orações gerundivas com sujeito oracional serem tipos de orações relativas livres, fato que não será mantido nesta tese, como veremos a seguir.

A autora apresenta a análise de Mória (1992), que afirma que a diferença entre orações relativas e orações relativas livres reside no fato de que, nas primeiras, o pronome relativo possui um referente expresso na oração anterior (oração principal), já na segunda, a oração relativa não está associada a um antecedente nominal realizado.

Para entender a diferença entre relativas com antecedente e as relativas livres, vejamos os exemplos apresentados pelo autor.

(53) a. Quem conhece o Luís sabe *que ele é um rapaz sensato*.

b. As pessoas que conhecem o Luís sabem *que ele é um rapaz sensato*.

(MÓIA, 1992, p.1)

Em (53a) temos uma oração relativa livre, ou seja, não há qualquer antecedente nominal realizado associado à oração relativa. Já em (53b) existe o antecedente *As pessoas*.

Com relação à análise estrutural desse tipo de estrutura de relativas livres, Mória defende a hipótese de que existe um antecedente nulo. Sendo assim, a oração relativa seria um SCOMP encaixado num SN, que tem por núcleo uma categoria vazia, como ocorre em (42) abaixo.

(54) O professor [sv [v elogiou] [sn [] [scomp quem leu o livro]]]

(MÓIA, 1992, p.3)

O símbolo [] no SN representa o elemento nulo de tipo não especificado. Portanto existe um antecedente nominal na estrutura, porém ele não é realizado lexicalmente.

As orações relativas livres comportam-se de forma diferente das orações relativas com antecedente expresso no que diz respeito às restrições relacionadas aos morfemas que podem surgir e aos requisitos de conformidade a que elas estão sujeitas.

As orações sem antecedente podem ser encabeçadas por *quem, o que, quanto, onde, como e quando*. Como as orações gerundivas com sujeito oracional são equivalentes a orações relativas encabeçadas por “*o que*”, devemos ressaltar que o autor afirma que tal morfema tem traço [- Humano] e considera “*o que*” como um morfema relativo e não, como por vezes é sugerido, uma sequência artigo e demonstrativo.

O autor distingue as ocorrências de *o que*, sendo que o caso a ser estudado é a ocorrência de *o que* como morfema relativo. Vejamos a diferença de ocorrência dos exemplos abaixo.

(55) Este livro não é meu. **O que** te emprestei tinha a capa vermelha.

(56) Deves devolver-me **o que** te emprestei.

(MÓIA, 1992, p.10)

Em (55) temos uma oração relativa com antecedente expresso, introduzida por “*que*” e o artigo masculino singular antecedente não faz parte do morfema relativo, e “*o que*”, nesse caso, é variável, como atestado em (57) abaixo. Já o exemplo em (56) apresenta uma forma invariável de “*o que*”, que pode ocorrer, nesse caso, no mesmo contexto que o demonstrativo *aquilo*, como mostrado em (58), e é nesse caso que temos um exemplo de relativa livre.

(57) Estes livros não são meus. Os que te emprestei tinham a capa vermelha.

(58) Deves devolver-me aquilo que eu te emprestei.

Em um teste preliminar, Guaritá (2015) submete as orações gerundivas com sujeito oracional, já transformadas em orações relativas iniciadas por *o que*, ao teste proposto por Mória (1995) para verificar o morfema relativo.

- (59) a. O índice foi reduzido para zero, **o que** tornou a lei mais eficaz.
a'. Os índices foram reduzidos para zero, ***os que/ isso** tornou a lei mais eficaz.
b. O estado interviu na forma de conscientizar as pessoas por meio de uma lei rigorosa, **o que** caminha para um país desenvolvido.
b'. O estado interviu na forma de conscientizar as pessoas por meio de leis rigorosas, ***os que/ isso** caminha para um país desenvolvido.
c. A conscientização da população só veio com a diminuição do número de mortes em acidentes de trânsito, **o que** mostra os efeitos positivos dessa lei.
C'. As conscientizações das populações só vieram com a diminuição do número de mortes em acidentes, ***os que/ isso** mostra os efeitos positivos dessa lei.
e. Começou a gargalhar ***os que/ isso** chamou a atenção dos outros feirantes.

(GUARITÁ, 2015, p.56)

O teste em (59) é utilizado pela autora como argumento para classificar as orações gerundivas com sujeito oracional em orações relativas livres. Isso seria possível porque *o que*, nesse caso, é invariável, ou seja, é um morfema relativo e não uma sequência de artigo *o* mais pronome relativo *que*.

O problema dessa análise e das demais análises para as orações gerundivas com sujeito oracional é tentar prever uma estrutura para os dados a partir da forma

desenvolvida da oração reduzida de gerúndio. O fato de a oração poder ser substituída por uma oração iniciada por *o que* comprova a semântica de causa e consequência existente, mas não pode ser levada em consideração na proposta de estrutura desenvolvida aqui. Precisamos analisar as sentenças gerundivas como tais, ou seja, analisar a forma iniciada por *o que* não garante a análise correta das OGSO, que são iniciadas por verbos na forma nominal *-ndo*.

2.7 Considerações finais

O capítulo foi iniciado com a apresentação das descrições gramaticais das orações de gerúndio em português e ficou clara a inexistência desse tipo de dado em que a referência da oração gerundiva é toda a oração principal, que é o foco desta tese.

Ademais, vimos que os estudos sobre as orações gerundivas em português brasileiro envolvem uma discussão sobre as orações gerundivas adverbiais, as quais possuem uma semântica específica relacionada ao conectivo que é apagado com a inclusão do gerúndio. Já com relação às orações gerundivas adjetivas, há uma discussão sobre a questão dos verbos perceptivos e a ambiguidade estrutural existente em alguns casos. Tal ambiguidade envolve a possibilidade de haver orações gerundivas substantivas (argumentais).

No que diz respeito ao tratamento dado às OGSO, vimos que Guaritá (2015) descreve as características dos dados e propõe a classificação dos dados como tipos de orações adjetivas livres, fato que não será mantido nesta tese. Conforme Guaritá (2017), é necessário propor uma estrutura que relacione o fato de as orações serem gerundivas, pois identificar o comportamento das estruturas iniciadas por *o que* não é o mesmo que analisar as estruturas que incluem um verbo no gerúndio.

Capítulo 3 Formas nominais e verbais

Introdução

Neste capítulo apresentaremos estudos sobre o gerúndio em português europeu, inglês e espanhol. O objetivo da revisão bibliográfica a ser apresentada é o de construir um panorama de pesquisas sobre o gerúndio a fim de compreender as linhas de argumentação que têm sido adotadas e os testes utilizados na literatura internacional para explicar as diferentes propriedades dos gerúndios nas línguas naturais. Não iremos discutir o mérito das propostas teóricas, pois não encontramos análises sobre orações gerundivas com sujeitos oracionais em outras línguas, mas usaremos os achados das diferentes pesquisas como fundamentos norteadores da análise que apresentaremos no capítulo 4.

A seção 3.1 traz os trabalhos de Lobo (2003, 2006, 2014), que analisam orações gerundivas do português europeu. A seção 3.2 apresenta as análises de Reuland (1983) e Abney (1987) para o gerúndio nominal e o possessivo do inglês. A seção 3.3 resume os trabalhos de Pires (2001, 2006, 2007) sobre gerúndios TP-defectivos e sentenciais. Em seguida, a seção 3.4 aborda o trabalho de Gallego (2010), que fará parte da proposta a ser defendida no capítulo 4. Por fim, as considerações finais do capítulo são apresentadas.

3.1. Gerúndio em português europeu, Lobo (2003, 2006, 2014)

Vimos no capítulo anterior o comportamento das orações gerundivas em português brasileiro. A presente seção será dedicada a apresentar resultados de pesquisas sobre as orações gerundivas no português europeu. A opção pela apresentação de orações

gerundivas em sessões distintas (trabalhos sobre o PB no capítulo anterior e sobre o PE no presente capítulo), deve-se ao fato de que os estudos sobre o gerúndio a serem apresentados neste capítulo não compreenderem as orações gerundivas com sujeito oracional, apesar de trazerem alguns testes que serão relevantes para análise feita nesta tese.

Lobo (2006, p. 2) explica que o gerúndio do português é formado pelo tema verbal e pelo sufixo *-ndo*, e é uma construção tradicionalmente integrada no grupo das formas verbais não finitas, assim como o infinitivo e o particípio.

(1) Come + *-ndo*; dormi + *-ndo*

A autora apresenta algumas diferenças entre as orações gerundivas em português e em inglês, são elas: em PE o gerúndio é invariável e não pode ocorrer em posição de complemento de verbo, tal como em (2b), ou em posição de preposição, tal como em (3b). Ademais, o gerúndio não dá origem a nominalizações, como se vê em (4b), diferentemente do que ocorre em inglês, como as comparações abaixo exemplificam.¹¹

(2) a. John enjoyed writing the book.

b. *O João apreciou escrevendo o livro.

(3) a. After washing his car, John read his newspaper.

b. *Após lavando o carro, o João leu o jornal.

¹¹ Observamos que, em (2b), poderíamos ter um dado gramatical caso a oração encaixada tenha sujeito, como *O João apreciou a Maria escrevendo o livro*. Tal fato não é foco desta tese, mas vale ressaltar essa característica, pois pode ser relevante para um trabalho futuro.

- (4) a. the breaking of bread.
b. *o partindo do pão.

Lobo (2002) afirma que há casos em que a oração gerundiva parece ocorrer em posição argumental, porém, para a autora, essa não seria a análise correta. Lobo considera que, nos casos como o das orações em (5), em que a gerundiva ocorre na posição de sujeito de verbos predicativos (5a) e na posição de complemento de verbos perceptivos (5b), são, na verdade, casos de orações gerundivas predicativas.

- (5) a. [a Ana dançando o fandango] era um espetáculo digno de se ver.
b. O Rui viu [a Ana dançando o fandango].

(LOBO, 2006, p. 2)

Ainda sobre orações gerundivas em português europeu, Lobo afirma que elas não podem ser introduzidas por conectores que típicos de domínios finitos, ou seja, por conjunções do tipo *como* e *quando*, ou por conectivos preposicionais, e que orações gerundivas com verbos perceptivos são orações predicativas, em que a oração de gerúndio se comporta como predicado secundário¹², como em (6).

- (6) O João viu os ladrões arrombando (/a arrombar(em)) a porta.

(LOBO, 2003, p.251)

¹² Um predicado secundário é uma expressão predicativa que oferece informação sobre o sujeito ou objeto, mas não é o predicado principal da sentença.

Ademais, orações gerundivas selecionadas por verbos perceptivos possuem restrições aspectuais ao predicado e não podem ocorrer em predicados estativos, que não sejam recategorizáveis como processos, tal como em (7a).

- (7) a. *O João viu o Zé estando a viver em Paris. (LOBO, 2003, p. 251)

Lobo (2003) afirma que há quatro contextos sintáticos em que o gerúndio predicativo pode ocorrer: (i) como predicativo do sujeito, (8a); (ii) como predicativo do objeto, (8b); como orações independentes – de caráter exclamativo ou descritivo, (8c); ou inseridas num DP – com uma função gramatical qualquer (8d):¹³

- (8) a. O Zé entrou em casa cantando.
b. O Zé ouviu o Paulo cantando.
c. Figo chutando a bola para Zacarias.
d. [A cara da Ana olhando para José] não engana ninguém.

(LOBO, 2003, p.248)

Dando sequência à proposta de Lobo, além das orações gerundivas predicativas, a autora apresenta também as orações gerundivas adjuntas, denominadas pela autora como orações adverbiais. Lobo (2006) mostra que existem dois tipos de orações gerundivas adverbiais: as gerundivas integradas, (9a) e as gerundivas periféricas, (9b).

- (9) a. Os ladrões arrombaram a porta usando um maçarico.

¹³ Como visto acima, para Lobo (2003, 2006), não existem orações gerundivas em posição argumental. Mas a análise para orações como as em (8) acima não é consensual, pois, como visto no capítulo anterior, o tratamento dado a esse tipo de construção em PB é diferente. Para Moutella (1995), esse tipo de dado é analisado como orações gerundivas substantivas que estão em posição argumental.

b. Chegando atrasado, o Zé só encontrou lugar na última fila.

A autora realiza uma série de testes para identificar o comportamento das sentenças gerundivas com relação à oração principal. A autora demonstra que as orações gerundivas integradas podem ser clivadas, como em (10), já as orações gerundivas periféricas geram sentenças agramaticais quando clivadas, (11):

(10) a. Os ladrões conseguiram entrar arrombando a porta com um maçarico.

b. Foi arrombando a porta com um maçarico que os ladrões conseguiram entrar.

(11) a. Estando doente, o Zé faltou à aula.

b. *Foi estando doente que o Zé faltou à aula.

(LOBO, 2006, p.8)

As orações gerundivas integradas podem ser foco de negação (13a) e de advérbios focalizadores (12b), já as gerundivas periféricas são agramaticais em tais situações, como se atesta em (13).

(12) a. O Zé não ligou o aparelho seguindo as instruções. (Ligou-o de qualquer maneira).

b. O Zé só ligou o aparelho seguindo as instruções.

(13) a. O Zé não foi ao cinema, estando triste (*mas sim estando muito interessado no filme).

b.*O Zé só foi ao cinema estando triste

(LOBO, 2006, p.8)

Outra característica das gerundivas integradas, divergente das gerundivas periféricas, consiste na gramaticalidade em contexto de resposta a interrogativa QU-. As orações integradas são gramaticais nesse contexto, tal como em (14), já as periféricas são agramaticais, vide (15).

(14) – Como é que os ladrões entraram em casa?

– *Arrombando a porta com um maçarico.*

(15) – Por que é que o Zé faltou à aula?

– *Estando doente.

(LOBO, 2006, p. 9)

Por fim, as gerundivas integradas podem ocorrer em contextos de foco alternativo de negação ou interrogação (16), já as gerundivas periféricas não são licenciadas em tal contexto (17).

(16) Os ladrões arrombaram a porta batendo com um martelo ou usando um maçarico?

(17) *O Zé chegou atrasado tendo adormecido ou tendo apanhado um engarrafamento?

(LOBO, 2006, p.9)

Com relação à possibilidade de se apresentarem sujeitos expressos, Lobo (2006) atesta que as orações gerundivas integradas não permitem sujeito exposto (18a), enquanto as gerundivas periféricas permitem tanto sujeitos expressos, (19a), quanto sujeitos nulos, (19b).

(18) *Só consegui entrar em casa arrombando os bombeiros a porta.

(19) a. Estando o Zé a trabalhar como guarda noturno, os filhos raramente o veem.

b. Estando [-] a trabalhar como guarda noturno, o Zé raramente vê os filhos.

(LOBO, 2013, p. 2051)

Sobre a possibilidade de haver gerúndio composto, Lobo mostra que as orações gerundivas integradas não permitem tal contexto (20), enquanto as gerundivas periféricas o permitem (21).

(20) ?? O cozinheiro só fez o bolo tendo misturado o chocolate com as nozes.

(21) Tendo terminado o projeto, o Rui foi-se deitar.

(LOBO, 2013, p. 2052)

Por último, quanto à possibilidade da gerundiva apresentar valores temporais distintos da matriz, Lobo mostra que as gerundivas integradas não permitem tal distinção (22), enquanto as gerundivas periféricas permitem (23)¹⁴.

¹⁴ Para Pires (2001), advérbios temporais são elementos que se adjugem a TPs, se esses gerúndios não projetam TPs, não existe posição onde o advérbio temporal possa ser colocado. Se na oração gerundiva há advérbio temporal distinto do da oração matriz este é um indicio de projeção pelo menos até TP.

(22) O Zé fez hoje o bolo misturando o chocolate com as nozes ontem.

(23) Recebendo hoje a confirmação

(LOBO, 2013, p. 2052)

A fim de apresentar de forma mais didática as diferenças de comportamento sintático entre as orações gerundivas periféricas e integradas elaboramos os quadros abaixo. O primeiro mostra os testes e resultados para as propriedades externas, ou seja, propriedades que dizem respeito à relação entre oração principal e oração gerundiva. Já o segundo quadro traz os testes que revelam as propriedades internas das gerundivas, ou seja, propriedades das orações gerundiva em si e suas projeções internas.

	GERUNDIVAS PERIFÉRICAS	GERUNDIVAS INTEGRADAS
Clivagem	i. Estando doente, o Zé faltou à aula. ii. * Foi estando doente que o Zé faltou à aula.	i. Os ladrões conseguiram entrar arrombando a porta com um maçarico. ii. Foi arrombando a porta com um maçarico que os ladrões conseguiram entrar.
Foco de Negação	i. ?Estando triste, o Zé não foi ao cinema (não é possível obter a interpretação em que o Zé foi ao cinema, mas não por estar triste) ii. O Zé não foi ao cinema, estando triste (*mas sim estando muito interessado no filme).	i. O Zé não ligou o aparelho seguindo as instruções. (Ligou-o de qualquer maneira).
Foco de Advérbios	i.*O Zé só foi ao cinema estando triste	i. O Zé só ligou o aparelho seguindo as instruções.
Resposta à Interrogativa QU-	– Por que é que o Zé faltou à aula? – * Estando doente	– Como é que os ladrões entraram em casa? – Arrombando a porta com um maçarico.

Foco Alternativo de Negação ou Interrogação	i. *O Zé chegou atrasado tendo adormecido ou tendo apanhado um engarramento?	i. Os ladrões arrombaram a porta batendo com um martelo ou usando um maçarico?
---	---	---

Quadro 1: Testes de Lobo (2006) sobre comportamento sintático das sentenças gerundivas periféricas e integradas.

	GERUNDIVAS PERIFÉRICAS	GERUNDIVAS INTEGRADAS
Sujeito Expresso	i. <i>pro</i> Estando a trabalhar como guarda noturno, o Zé raramente vê os filhos. ii. Estando o Zé a trabalhar como guarda noturno, os filhos raramente o veem.	i. Só consegui entrar <i>pro</i> arrombando a porta. ii. *Só consegui entrar na casa arrombando os bombeiros a porta.
Gerúndio Composto	i. <i>pro</i> Tendo terminado o projeto, o Rui foi deitar-se.	i. ??O cozinheiro só fez o bolo tendo cozinhado o chocolate com as nozes. ¹⁵
Tempo Distinto da Matriz	i. <i>pro</i> Recebendo hoje a confirmação, <i>pro</i> entrego-lhe o documento amanhã . ii. Chegando a tua mãe amanhã , <i>pro</i> comecei hoje a arranjar o quarto de visitas.	i. *O Zé fez hoje o bolo misturando o chocolate com as nozes amanhã . ¹⁶

Quadro 2: Testes de Lobo (2006) para as propriedades internas das orações gerundivas.

Sobre as características sintáticas das orações gerundivas, vemos nos trabalhos de Lobo (2006) que é possível identificar algumas restrições diferentes quando comparamos as gerundivas integradas e as gerundivas periféricas. As restrições se dão pela relação estabelecida entre oração de gerúndio e oração principal.

Pudemos ver que Lobo (2003, 2006, 2014) apresenta uma série de testes, principalmente para as gerundivas adjuntas, e o objetivo da autora foi entender o

¹⁵ A oração fica aceitável, segundo a autora, se transformada em periférica: “O cozinheiro fez o bolo, tendo (por isso) misturado o chocolate com as nozes.”

¹⁶ Também fica gramatical como uma periférica posposta: “O Zé fez hoje o bolo, misturando o chocolate com as nozes ontem.”

comportamento do gerúndio em diversos contextos, vamos analisar aqui os contextos mais importantes e relevantes para a análise desta tese.

O teste de clivagem, para Lobo (2001), revela que os constituintes “periféricos” não podem ser clivados e um constituinte, quando clivado, é interpretado como foco. Para Lobo (2006), as gerundivas integradas poderem ser clivadas e também poderem ser resposta a interrogativas-QU mostra que tais sentenças ocupam posição interna ao domínio de IP, o que, para a autora, significa posição de adjunção a vP ou VP.

Ainda sobre o teste de clivagem, vimos que ele oferece pistas para a estrutura da construção com a forma gerundiva, Lobo (2003, p.8) afirma que esse teste é usado para verificar o estatuto de foco ou não foco de um constituinte, “Constituintes que ocupam posições periféricas (e aos quais está frequentemente associada uma leitura pressuposicional) não podem ocorrer como resposta a interrogativas-QU.” Por isso as gerundivas periféricas ocupam posições funcionais mais altas, como CP ou IP.

Sobre o teste de foco de negação ou foco de advérbio, Lobo (2003) assume que, em português, o mesmo elemento pode desempenhar duas funções e a negação corresponde a um nó funcional acima de VP. Deste modo, o teste revela uma posição estrutural baixa para gerundivas integradas, pois estas estão sob escopo de negação e advérbio, ou seja, estão sob o domínio de c-comando de negação e advérbio.

Considerando os diferentes comportamentos das construções gerundivas nos diferentes testes, Lobo defende que as gerundivas periféricas parecem estar adjungidas a categorias mais altas (CP) e as gerundivas integradas a categorias mais baixas (VP). Lobo (2006) aponta que as gerundivas periféricas podem aparecer em constituintes interrogativos na oração matriz, que ocupam posição de Spec,CP, como em (24a), e que podem ocorrer também em orações subordinadas depois do complementador em C, como

em (24b). Por isso, Lobo (2006) propõe adjunção a CP na gerundivas periféricas, e não a IP.

(24) a. Ficando o João em casa, quem toma conta dele?

b. O Pedro disse que, ficando o João em casa, a Ana tomaria conta dele.

(LOBO, 2006, p.16)

Sobre os testes das propriedades internas, vimos que as gerundivas periféricas possuem a opção de sujeito expreso ou não, enquanto as gerundivas integradas só podem ter sujeito manifesto e, para Lobo (2003), o sujeito nulo das gerundivas periféricas, por ser opcional, assemelha-se a um *pro*. Para as gerundivas integradas, Lobo (2003, p.15) afirma que “Nestas orações, o controle pelo sujeito é francamente preferido, sendo marginais em português frases em que o sujeito da gerundiva de predicado é um expletivo ou em que não existe antecedente na matriz.”

Para Lobo (2006) há uma dependência entre o T da gerundiva integrada e o T da oração matriz e isso explica a restrição de especificação temporal distinta da matriz, a impossibilidade de sujeito composto e a necessidade de sujeito pleno.

Para explicar o comportamento do Quadro 2, a autora propõe que as gerundivas integradas são mais dependentes do predicado matriz, por isso há maiores restrições internas nesses casos. Elas estão adjuntas a C, o qual é dependente do T da matriz e é estabelecida também uma relação de dependência entre Agr e o sujeito da oração matriz, dessa forma, as gerundivas integradas possuem estrutura análoga a estruturas de controle.

Já nas gerundivas periféricas, segundo a autora, são orações sem um Operador temporal, por isso o T do gerúndio, que é defectivo e não ligado por T em C, possui valor

aspectual. As restrições externas nesse caso são maiores, pois essas sentenças estão adjungidas a posições mais baixas.

Ademais, sobre as gerundivas predicativas mencionadas no início da seção, que são as gerundivas aparentemente argumentais, não há um operador temporal, deste modo o T do gerúndio é defectivo e não ligado por T em C, por isso tem um valor aspectual.

Os testes propostos pela autora e a análise de cada um serão retomados no último capítulo desta tese, pois podem demonstrar as projeções existentes e os reflexos disso para a pesquisa.

3.2 Formas Nominais: a discussão sobre o *-ing* nominal e possessivo

Nesta seção, apresentaremos alguns estudos feitos sobre orações gerundivas no inglês. Apesar de termos ciência de que não há orações gerundivas com sujeito oracional no inglês, a revisão da literatura sobre o tema será útil para que possamos entender de forma mais ampla as propriedades sintáticas e semânticas das orações gerundivas nas diferentes línguas.

A discussão sobre o gerúndio no inglês envolve a análise de dois contextos básicos: Os NP-*ing*, que incluem os *Acc-ing*, (25a), que é o gerúndio acusativo, e PRO-*ing*, (25b), que é basicamente o gerúndio acusativo sem sujeito expreso; há também o gerúndio possessivo *Poss-ing*, (25c), que possui características verbais e nominais.

- (25) a. I disapprove of him **baking** the special cake.
b. I disapprove of **baking** cakes.
c. I disapprove of his baking cakes.

Reuland (1983) propõe que construções NP-ing¹⁷ (Acc-ing e PRO-ing) são sentenças finitas defectivas, ou seja, sentenças em que há um elemento sintaticamente presente que funciona como marcador de concordância e permite a atribuição de Caso ao sujeito.

Os gerúndios acusativos possuem as seguintes propriedades:

- (i) Permitem sujeito lexical (26a) ou PRO (26b);
 - (ii) A oração matriz rege a posição de sujeito do NP, por isso *them* em (26b) não pode ser correferente a *the architects*, mas *each other* pode fazer a ligação, tal como em (27);
 - (iii) O movimento WH- longo é permitido tanto pra fora de da posição de sujeito, quanto da posição de objeto, como ilustrado em (28);
 - (iv) O movimento WH- curto é restrito, a sentença gerundiva não pode ocorrer como pergunta indireta (29);
 - (v) O sujeito não aceita movimento de NP (30); e,
 - (vi) A interpretação de escopo estreito ocorre quando há um quantificador na posição de sujeito (31).
- (26) a. *the architects favored [PRO being placed upon the investigations committee].*
'os arquitetos favoreceram sendo colocados sob investigação'
- b. *the architects favored [them being placed upon the investigations committee].*
'os arquitetos favoreceram eles sendo colocados sob investigação.'
- (27) *the architects favored [each other being placed upon the investigations committee].*
'os arquitetos favoreceram um ao outro sendo colocado sob investigação.'

¹⁷ As sentenças NP-*ing* podem ser absolutivas, sujeitos de sentenças, complementos de verbo e de preposição.

- (28) a. linguistics is what we'd favor him studying t.
 'linguística é o que nós somos a favor dele estudando'
- b. the only one who we'd favor t studying linguistics is John.
 'o único que nós seríamos a favor estudando linguística é o João.'
- (29) *Rudy didn't remember [what PRO doing t]].
 'Rudy não se lembra o que fazendo'
- (30) *the boys were hated [t eating the fish].
 'os garotos foram odiados comendo o peixe.'
- (31) a. Cindy hated [everyone eating the fish].
 'Cindy odiou todo mundo comendo o peixe'
- b. Gloria hated [no one coming to her party].
 'Gloria odiou ninguém vindo para sua festa.'

(REULAND, 1983, p.112)

As propriedades já listadas anteriormente dos gerúndios *Acc-ing* foram resumidas na tabela abaixo, o autor analisa cada propriedade e seu efeito para a análise.

Propriedades	Exemplos
(i) sujeito lexical ou PRO	a. the architects favored [PRO being placed upon the investigations committee]. b. the architects favored [them being placed upon the investigations committee].
(ii) matriz rege a posição de sujeito da encaixada	a. *[the architects] _i favored them _i being placed upon the investigations committee. b. The architects favored [each other being placed upon the investigations committee].
(iii) movimento-wh longo	a. linguistics is what we'd favor him studying t. b. the only one who we'd favor t studying linguistics is John.
(iv) movimento-wh curto	*Rudy didn't remember [what PRO doing t]].

(v) Movimento de NP	*the boys were hated [t eating the fish].
(vi) escopo estreito	a. Cindy hated [everyone eating the fish]. b. Gloria hated [no one coming to her party].

Quadro 3: resumo dos testes de Reuland (1983) para os gerúndios acusativos.

A propriedade (i) se dá porque existe a opção do *-ing* participar de Affix Hopping¹⁸ (salto de afixo), deste modo PRO surge. Existe também opção do *-ing* atribuir o Caso recebido pelo verbo ao sujeito do complemento, e por isso o sujeito é lexical.

A propriedade (ii) diferencia, segundo Reuland (1983), uma oração finita [-Tempo] de uma sentença *Acc-ing*. Em sentenças finitas, a categoria regente do sujeito X é o S mínimo que contenha X e sua categoria regente, o sujeito é acessível a X. Já nas *Acc-ing* vemos no quadro que *them* não pode ser correferencial a *the architects* em (iia) porque a categoria que rege NP na posição de sujeito é a oração matriz. Já *each other* é capaz de satisfazer os requerimentos de ligação e pode ser abrigado por *the architects*.

Na propriedade (iii) as construções NP-*ing* são analisadas como orações verbais, a gramaticalidade do movimento-QU se dá porque o vestígio é regido apropriadamente por *studying* e não há violação de subjacência.

A agramaticalidade com movimento-QU curto (pergunta indireta) atestada na propriedade (iv) se dá porque *What* representa um elemento-wh Comp na Estrutura Profunda e por isso as estruturas profunda e superficial não podem “lembrar” de reger a flexão de seu complemento. Dessa forma, a construção viola o princípio proposto pelo autor de que o *-ing* pode ser nominal apenas em posição de Caso. O princípio de que o morfema de gerúndio é participial apenas se seu domínio for regido por NP ou VP também é violado devido a presença de *what*.

¹⁸ Operação morfológica em que um afixo não afixado em T é rebaixado para um verbo. A ligação é feita pela Forma Fonética (PF) na Teoria de Regência e Ligação.

Sobre a propriedade (v), o autor argumenta que gerúndios *Acc-ing* não podem ser passivizados, ou seja, não participam de movimento de NP, como ilustrado em (32b). Isso ocorre porque a atribuição de Caso ao sujeito do complemento nesses casos é diferente do que ocorre nos casos de marcação excepcional de Caso. A agramaticalidade se dá porque o verbo matriz está na passiva e o *-ing* não recebe Caso nessa configuração, por consequência não transmite Caso ao sujeito e a derivação fracassa. Já em (32a), *John* recebe Caso de *understand*, como se trata de uma passiva, *John* se move e deixa um vestígio.

- (32) a. John is understood [*t* to depart tomorrow].
'John é entendido por partir amanhã'
b. *John is understood [*t* departing tomorrow].
'John é entendido partindo amanhã.'

(REULAND, 1983, p.119)

Reuland conclui, a partir dos testes realizados, que *-ing* funciona como marcador de flexão, de forma similar ao que ocorre com marcadores de concordância em sentenças finitas (AGree)

Resumindo, o autor propõe que o morfema *-ing* é um elemento nominal, similar ao marcador de concordância AG, e é capaz de atribuir Caso ao sujeito por transmissão, ou seja, é capaz de checar Caso. O autor explica, deste modo, a possibilidade de sujeito nulo ou expresso nas sentenças em questão: o *-ing* pode descer na sintaxe para chegar ao verbo, desta maneira não há Caso para atribuir ao sujeito, portanto a posição do sujeito fica disponível e PRO aparece. Pode também não haver descida do *-ing* antes de PF, deste modo o PRO é excluído e o sujeito recebe Caso acusativo.

Em síntese, para Reuland (1983), explicação para o comportamento das construções gerundivas apresentadas nos exemplos acima está diretamente relacionada ao fato de a forma do gerúndio (*-ing*) ser considerada um marcador de flexão, similar ao marcador de concordância (AGree) em sentenças finitas.

A proposta de Reuland (1983) se restringe aos casos de NP-*ing*, vejamos agora a análise de Abney (1987), para construções *Poss-ing* do inglês.

Sobre as características nominais do gerúndio *Poss-ing*, Abney (1987) usa os seguintes testes para identificar as propriedades sintáticas dessa construção. O autor argumenta que as construções gerundivas do tipo *Poss-ing* apresentam características tanto de elemento nominais quanto de elementos verbais. O autor usa os seguintes testes para argumentar a favor de seu ponto de vista:

Comportamento Nominal de orações *Poss-ing*

- (i) Orações com gerúndio ocorrem em posição de objeto de preposição (33a);
- (ii) Ocorrem em posição de sujeito de sentença com inversão verbo-auxiliar (33b),
- (iii) Ocorrem em posição de sujeito de sentença encaixada (33c);
- (iv) Licenciam sujeito de sentença seguida por uma sentença adverbial (33d);
- (v) licenciam posição de tópico (33e), clivagem (33f) e extração não é possível (33g)

(33) a. I learned about **John's smoking for stogies**.

‘Eu aprendi sobre o João fumando por charutos.’

b. Would **John's smoking stogies** bother you?

‘João fumando charutos te incomoda?’

c. I believe that **John's smoking stogies** would bother you.

‘Eu acredito que o João fumando charutos te incomodaria.’

d. Perhaps **John's smoking stogies** would bother you.

‘Talvez o João fumando charutos te incomodaria.’

e. **John's smoking** stogies I can't abide.

‘O João fumando charutos eu não posso respeitar.’

f. **It's John's smoking** stogies that I can't abide.

‘É o João fumando charutos que eu não posso respeitar.’

g. ***The cake** that we remember his baking.

‘O bolo que não lembramos ele assando’

(ABNEY, 1987, p.173)

Para Abney, esses testes expressam as propriedades nominais dos gerúndios *Poss-ing*. Já sobre as características verbais, Abney apresenta os seguintes testes:

Comportamento Verbal de orações *Poss-ing*

(i) o gerúndio checa o Caso acusativo de seu objeto, (34a);

(ii) pode ser modificado por advérbio, (34b);

(iii) aceita verbos auxiliares – gerúndio composto, (34c) e

(iv) aceitam complemento duplo (34d).

(34) a. John's **discovering** a thesis-writing algorithm.

‘O João descobrindo um algoritmo de escrita de tese.’

b. John's **carefully baking** the special cake.

‘O João cuidadosamente assando o bolo especial’

c. **Guineve's having presented** a golden cup to Bertrand.

‘Guineve tendo apresentado um taça de ouro para Bertrand.’

d. Ilana's giving **Marc a kiss in public**.

‘A Ilana dando Marc um beijo em público.’

(ABNEY, 1987, p.183)

Sobre as características de concordância, os *Poss-ing* s admitem concordância, ou seja, se houver dois gerúndios combinados, eles desencadearão a concordância plural com o verbo, como vemos em (35a).

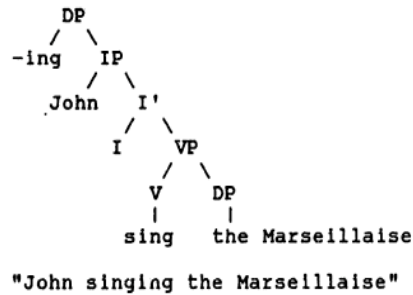
(35) a John's coming so often and Mary's leaving *bothers/bother me.

b. That John came and that Mary left bothers/*bother me.

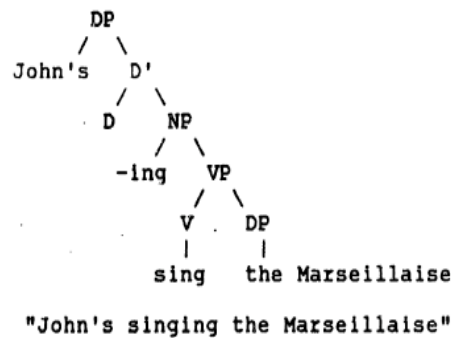
(ABNEY, 1987, p.175)

Abney defende uma estrutura para a oração nominal para o gerúndio possessivo, a análise envolve as diferenças de estrutura entre os tipos de gerúndio em inglês, os quais dependem do escopo do nominalizador *-ing*. O morfema de gerúndio tem basicamente a mesma propriedade em todos os contextos: aceita uma projeção verbal e a converte em uma categoria nominal. O que difere os tipos oração gerundiva, segundo a hipótese do autor, é o momento na derivação em que a conversão ocorre: em V^o, VP ou IP. Dessa forma temos as seguintes possíveis estruturas:

(36) a. **Acc-ing:**



b. **Poss-ing:**



(ABNEY, 1987, p.223)

O autor propõe que a oração gerundiva é considerada um DP externo. O se a forma gerundiva *-ing* se adjunge à projeção de VP, tem-se uma forma *Poss-ing*. Já em estruturas *Acc-ing*, o *-ing* anexa-se a IP e o converte em DP.

A partir dos trabalhos de Reuland (1983) e Abney (1987) vemos principalmente que a discussão sobre o gerúndio oracional em inglês inclui uma discussão ainda em aberto tanto sobre a tipologia, quanto sobre qual estrutura é capaz de abarcar todos os contextos possíveis de orações gerundivas na língua.

Para o trabalho desenvolvido nesta tese, os estudos sobre orações gerundivas em inglês ressalta a necessidade de identificar as características verbais e nominais do gerúndio em OGSO, para tanto temos o quadro resumo dos testes para propriedades verbais e nominais abaixo.

PROPRIEDADE VERBAL	Extração
	Movimento-QU
	Anáfora
	Modificação por advérbio
	Gerúndio compost
	*Clivagem
	Negação

Quadro 4: resumo das propriedades verbais

PROPRIEDADE NOMINAL	*Extração
	Objeto de preposição
	Sujeito de inversão
	Sujeito de sentença encaixada
	Posição de tópico
	Clivagem

Quadro 5: resumo das propriedades nominais

Ademais, vimos que Reuland considera o *-ing* um elemento nominal, similar ao marcador de concordância AGree, capaz de atribuir Caso ao sujeito por transmissão, ou seja, é capaz de checar Caso. Tal fato será resgatado posteriormente nesta tese.

3.3 Gerúndios TP-defectivos e Clausais: Pires (2001, 2006, 2007)

Para além dos gerúndios acusativos e possessivos analisados acima, Pires (2001, 2006, 2007) analisa outros contextos de orações gerundivas: os gerúndios TP-defectivos e os gerúndios clausais. Em Pires (2001), os gerúndios complementos chamados de TP-defectivos são explorados. O contexto desse tipo de oração envolve verbos de aspecto (37a) ou verbos como *try* e *avoid* (37b,c).

(37) a. Mary **started/finished/continued reading** the newspaper.

‘Mary começou/terminou/continuou lendo o jornal.’

b. Bill_j tried [e_j **talking to his boss**].

‘Bill tentou conversando com seu chefe.’

c. Philip_j avoids [e_j **driving in the freeway**].

‘Philip evita dirigindo na estrada.’

(PIRES, 2001, p.2)

O autor compara os gerúndios TP-defectivos com os gerúndios *Acc-ing* e mostra que são construções com comportamento distinto. O primeiro comportamento divergente envolve a possibilidade de ocorrer um adverbial temporal encaixado distinto da matriz. As construções gerundivas do tipo TP-defectivos são agramaticais nesse contexto (38), enquanto gerúndios *Acc-ing* são gramaticais, como em (39).

(38) a. *Bill_j tried today [e_j talking to his boss tomorrow].

‘Bill tentou hoje, falando com seu chefe amanhã.’

b. *Philip_j avoided last night [e_j driving in the freeway this morning].

‘Philip evitou ontem a noite dirigindo na estrada essa manhã.’

(39) Mary_j worried (yesterday) about Paul/him/e_j coming to dinner (tonight).

‘Mary se preocupou ontem com o Paul vindo jantar hoje.’

(PIRES, 2001, p.2)

Para o autor, as orações TP-defectivas são agramaticais nesses contextos devido à ausência de TP nessas gerundivas. Como não há TP, não há onde o advérbio se encaixar.

O segundo comportamento divergente entre esses dois tipos de orações diz respeito à morfologia perfectiva: os gerúndios TP-defectivos não aceitam morfologia perfectiva, (40), já *Acc-ing* permite tal contexto facilmente, (41).

- (40) a. *Mark tried [having convinced his friends].
b. *John will avoid [having talked to Mary].

- (41) a. Mark counted on [having convinced his friends].
b. John will remember [having talked to Mary].

(PIRES, 2001, p.3)

O primeiro argumento para o autor defender a hipótese de que gerúndios TP-defectivos são uma classe distinta e não projetam TP é o de que tais orações não possuem tempo e aspecto independentes da sentença matriz, como os teste acima revelaram.

O segundo argumento que Pires traz para defender a hipótese de que gerúndios TP-defectivos não projetam TP é baseado no fato de que gerúndios TP-defectivos não permitirem sujeito lexical (DP ou expletivo), como demonstrado em (42), fato que é possível em gerúndios *Acc-ing* (43).

- (42) a. *Clark tried [Mary taking care of the finances].
b. *Mary avoided [*there* being too many people in the party].

- (43) a. David prefers [Mary taking care of the finances].
b. Paul insists on [*there* being many people interested in his inventions].

(PIRES, 2001, p.3)

Dentro da hipótese defendida pelo autor, a agramaticalidade em (64) é resultado da ausência da projeção de TP, o que impede atribuição de Caso ao seu sujeito. Além

disso, as sentenças TP-defectivas só permitem sujeito nulo, como atestado em (44), porém sentenças *Acc-ing* podem ter tanto sujeito nulo quanto sujeito expresso (45).

- (44) a. John tried [PRO swimming].
b. * I tried [John swimming].

- (45) a. I prefer [PRO staying at home].
b. I prefer [Mary staying at home].

(PIRES, 2001, p.9)

Para explicar o comportamento das orações geruntivas com TP defectivo, Pires (2001) assume uma análise de controle por movimento (seguindo Hornstein 1999, 2000). Sob essa perspectiva, o sujeito da oração matriz em (46) realiza *merge* na posição de papel theta externo da gerundiva TP-defectiva, porém não pode ser marcado para Caso na oração encaixada, pois não há projeção de TP.

- (46) [CP [TP Mary [VP Mary [VP tried [VP Mary [VP calling [DP her friends]]]

(PIRES, 2001, p.9)

O DP-sujeito da oração encaixada pode se mover para a oração matriz para checar Caso, ele se move através da posição de papel-theta externo da matriz, onde recebe um segundo papel-theta e se fixa em [Spec, TP], checa Caso e congela nesse lugar.¹⁹ Essa abordagem, segundo o autor, explica a impossibilidade de licenciamento de um sujeito encaixado manifesto, nas construções com TP defectivo (47), pois a sentença encaixada

¹⁹ A hipótese de recebimento de dois papéis temáticos não é amplamente aceita na literatura gerativista. No entanto, não discutiremos a adequação teórica ou não da proposta do autor.

não possui posição de Caso para o argumento externo encaixado, assim *John* não tem seu traço de Caso checado.

(47) *I tried [John leaving early].

(PIRES, 2001, p.9)

Em resumo, temos o quadro abaixo com as informações encontradas no estudo de Pires (2001) que são relevantes para esta tese. Não vamos discutir a tese do autor em detalhes, pois as orações OGSO comportam-se de maneira diferente do que o visto para gerundivas em inglês. O gerúndio complemento em inglês não possui TP, já o gerúndio complemento estudado nesta tese parece ter essa projeção, por isso a importância de utilizar os testes encontrados para analisar as OGSO.

TP-defectivas	Característica	Exemplificação
(i): ausência de TP	Não podem ter T independente do T da oração matriz, pois não há TP para o advérbio estar.	a. *Bill _j tried today [e _j talking to his boss tomorrow]. b. *Philip _j avoided last night [e _j driving in the freeway this morning].
(ii): ausência de TP	Não aceitam morfologia perfectiva.	a.*Mark tried [having convinced his friends]. b.*John will avoid [having talked to Mary].
(iii): ausência de TP	Agramaticais com sujeito lexical (DP ou expletivo)	a. *Clark tried [Mary taking care of the finances]. b. *Mary avoided [<i>there</i> being too many people in the party].

Quadro 6: testes de Pires (2006) para o gerúndio TP-defectivo

Pires (2006) analisa outro contexto de oração de gerúndio inovadora no inglês, os gerúndios clausais (CGs). O autor compara orações com gerúndios clausais com construções com DPs/NPs simples. Para o autor, CGs possuem características similares a *Poss-ing*: podem ser modificados por advérbios (48a), o que não é possível para complementos-NP; selecionam um complemento diretamente (49a), o que permite que

satisfaçam o requerimento de Caso sem a necessidade de preposições, o que é necessário para complementos-NP (49b-c).

(48) a. John's/John **quickly** leaving surprised everybody.

‘John rapidamente saindo surpreendeu todo mundo.’

b. *John's quickly departure surprised everybody.

‘A saída rápida de John surpreendeu todo mundo.’

(49) a. Mary's/Mary **revising the book** surprised everybody.

‘Mary revisando o livro surpreendeu todo mundo.’

b. Mary's revision of the book surprised everybody.

‘Mary revisando o livro surpreendeu todo mundo.’

c. *Mary's revision the book surprised everybody

‘A revisão do livro por Mary surpreendeu todo mundo.’

(PIRES, 2006, p.17-18)

Apesar dessas propriedades similares a *Poss-ing*, as CGs se diferenciam dessas gerundivas e aproximam-se de orações verbais em muitos aspectos:

(i) CGs aceitam certos advérbios sentencias, o que é agramatical para *Poss-ing* e DPs, (50);

(ii) Complementos de CGs permitem extração QU-, já os complementos de *Poss-ing* não permitem, (51);

(iii) A posição de sujeito de CGs pode ser preenchida por expletivo, porém construções gerundivas do tipo *Poss-ing* não permitem, (52), e

(iv) CGs não recebem Caso genitivo, mas, sim, Caso acusativo - (53), já gerundivas *Poss-ing* e DPs atribuem Caso genitivo a seus sujeitos.

(50) Mary(*'s) probably being responsible for the accident was considered by DA.

‘Mary provavelmente sendo responsável pelo acidente foi considerado pela promotoria’

(51) a. What did everyone imagine Fred(*'s) singing?

‘O que todo mundo imagina o Fred cantando?’

b. Who did you defend Bill(*'s) inviting?

‘Quem você defendeu o Bill convidando.’

(52) You may count on there(*'s) being a lot of trouble tonight.

‘Você pode contar em tendo muito trabalho hoje’

(53) Mary worries about him being tired of the trip.

‘Mary se preocupa com ele estando cansado da viagem.’

(PIRES, 2007, p.18-19)

Pires conclui que esses são indícios de que as CGs devem ser tratadas como DPs, isto é, para o autor, as CGs comportam-se como orações verbais e projetam pelo menos até TP. As características das CGs apresentadas nos parágrafos acima foram resumidas no quadro abaixo.

CGs	Característica	Exemplificação
(i)	O sujeito pode ser tanto uma categoria vazia (PRO) quanto um DP manifesto	a. The manager preferred [PRO being considered for the position] b. The manager preferred [Mary being considered for the position]
(ii)	CGs precisam satisfazer requerimento de Caso	a. *John preferred reading the book. b. [John Reading the book] was preferred c. I prefer [John Reading the book]

(iii)	CGs não se comportam como complementos-ECM, pois não ocorrem como complementos de verbos ECM (a) e não permitem alçamento do sujeito em passivas (b)	a. *Mary believes [John being smart] b. *Paul is preferred [swimming in the morning].
(iv)	CGs nunca ocorrem como complemento do sujeito de verbos de alçamento	a. *There seems [being a man in the room]. b. *John appears [liking Mary]
(v)	A posição de sujeito precisa ser preenchida ou por um DP lexical (a) ou por um expletivo (b)	a. Mary prefers [Paul swimming in the morning]. b. Bill enjoys [there being many people in the party].

Quadro 7: testes de Pires (2007) para CGs

A proposta de Pires, para explicar as características apontadas na tabela acima, envolve determinadas propriedades, as quais permitem alternância entre sujeito nulo e manifesto em CGs, como visto na característica (i) do quadro acima.

A primeira propriedade (P1), abordada pelo autor, envolve o núcleo flexional *-ing* em CGs, o qual carrega uma especificação de traços que força as CGs de ocorrerem em posições acessíveis para atribuição de Caso.

As propriedades 2 e 3 (P2 e P3) dizem respeito às possibilidades de se ter sujeito manifesto ou sujeito nulo, tal como novamente ilustrado em (54).

(54) a. Sue prefers [John/him swimming].

‘Sue prefere o João/ele nadando.’

b. John prefers [swimming].

‘John prefere nadando.’

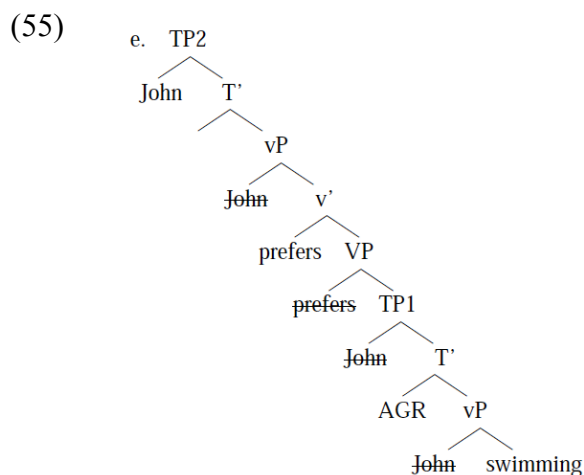
(PIRES, 2007, p.24)

A P2 prevê que traço de Caso do argumento externo seja checado dentro da própria CG, como em (54a). E P3 prevê que o argumento externo possa se mover para fora da CG antes que o Caso seja checado, isso gera CGs de sujeito nulo, com sujeito PRO de controle, como em (54b).

Para explicar essas propriedades, o autor propõe que além do argumento externo (DP) da CG, o nó raiz (núcleo de Tempo) também pode carregar um traço de Caso não-interpretável que precisa ser checado. Dessa forma, o núcleo T da CG será o alvo para atribuição de Caso. Assim, P1 continua sendo verdade e é explicada na análise do autor.

O autor explica que, para uma construção com PRO ser licenciada, o DP-sujeito deve poder se mover para fora da CG antes do traço de Caso do núcleo de T da CG seja atribuído, gerando (54b).

A partir disso, Pires (2007, p.25) apresenta a condição de Caso para CGs: “O núcleo Tempo (T^0) de CGs carrega um traço de Caso não interpretável que precisa ser checado”, essa condição formaliza a propriedade 1. A estrutura que Pires (2006) apresenta a para as CGs está representada em (55):



(PIRES, 2006, p.45)

Nessa estrutura, TP2 e TP1 correspondem à sentença matriz e à OG. O sujeito *John* é gerado em Spec, vP na OG e recebe papel theta. O traço de Caso em AGR, que é núcleo de TP1, é validado pelo *v* matriz e Caso acusativo é atribuído a AGR, pois a CG tem traço não-interpretável a ser validado. *John* se move (ou realiza *merge* interno) para

Spec de TP1 para satisfazer EPP em AGR de T1. Posteriormente a isso se move para Spec, TP2 via Spec, *v*P na sentença matriz, satisfazendo EPP. Quando passa por Spec, *v*P na oração matriz, recebe um segundo papel-theta.

Além disso, o autor propõe uma condição que bloqueia checagem de traços durante *Agree*: “Uma sonda não pode checar um traço não-interpretável de seu alvo enquanto o próprio alvo tiver traços não-interpretáveis de mesma natureza”. Essa condição é explicada pela análise de Pires porque T em CGs pode validar traço de Caso de DP somente depois de seu próprio traço de Caso ser valorado por uma sonda apropriada (*v* ou T da matriz).

Em resumo, Pires (2006 e 2007) oferece uma proposta de análise para CGs que visa explicar a possibilidade de dois tipos de sujeito, para tanto o autor considera que há interação similar ao que ocorre em checagem de Caso e concordância. Vimos que o autor utilizou de muitas condições teóricas para a estrutura, ou seja, para cada tipo de contexto o gerúndio são apresentas propriedades distintas.

Vemos, deste modo, que parece ainda existir a necessidade de buscar uma teoria que unifique os contextos de gerúndio. Das análises apresentadas, vamos utilizar principalmente os testes para identificar propriedades do gerúndio nas construções gerundivas com sujeito oracional. Antes de passarmos para a próxima análise, ressaltamos a utilidade dos testes apresentados na literatura vista até o momento para que possamos verificar as propriedades das construções em que as formas gerundivas ocorrem. Retomaremos esses testes no capítulo 4 desta tese.

3.4 Natureza preposicional do gerúndio: Gallego (2010)

Gallego (2010) tem como objetivo investigar a natureza preposicional de verbos não-finitos do espanhol. O autor analisa as propriedades do infinitivo, do gerúndio e do particípio passado em espanhol e defende que as formas no gerúndio e no particípio incorporam um tipo de preposição, a qual corresponde ao morfema *-ing* e ao morfema *-ed*.

Em espanhol, os verbos não finitos possuem um status categorial híbrido, por isso, nas gramáticas, as formas nominais são consideradas: nomes verbais – no caso do infinitivo, advérbios verbais – no caso do gerúndio, e adjetivos verbais – no caso do particípio, como podemos ver em (56).

- (56) a. [CP Leer a Cervantes] / [DP Ese libro] } me gusta.
 read-INF to Cervantes that book CL-to.me like-3.SG
 ‘Ler Cervantes / Esse livro me agrada’ INFINITIVE = DP
- b. Ese es un libro { [CP premiado por la crítica] / [AP interesante] }
 that be-3.SG a book awarded-PART by the critics interesting
 ‘Esse é um *premiado* pela crítica / *interesante*’ PARTICIPLE= AP
- c. Luis disfruta { [CP leyendo a Cervantes] / [AdvP así] }
 Luis enjoy-3.SG read-GER to Cervantes this-way
 ‘Luis aproveita *lendo* Cervantes / *assim*’ GERUND = AdvP
 (GALLEGO, 2010, p.81)

A análise do autor para os dados em (56) envolve a hipótese de que a categoria complementador C das construções nas formas nominais pode se manifestar de duas formas: como um D (como um nome), no caso das construções com infinitivo, ou como um P (não-nominal), no caso das construções gerundivas e participiais. A proposta básica do autor está ilustrada em (57).

- (57) INFINITIVO = [CP C [TP T [v*P v* ...]]]
 PARTICÍPIO = [P-CP P-C [TP T [vP v ...]]]

GERÚNDIO = [P-CP P-C [TP T [_v*P v* ...]]]

(GALLEGO, 2010, p.82)

Em gerúndio e em participio, o complementador é de natureza híbrida, tratado como um complexo preposição/complementador (P-C). O autor segue Pesetsky & Torrego (2004), que defendem que C apresenta propriedades similares a D. A representação abaixo mostra as relações de equivalência entre C e D, conforme Pesetsky & Torrego (2004):

- (58) a. [CP C [TP T [VP v . . .]]]
b. [DP D [PP (P) [NP N . . .]]]

Gallego (2010) argumenta que C é, na verdade, uma projeção que tem propriedades parecidas com as de D. A argumentação empírica para essa afirmação consiste no comportamento de C, tal como em (81) abaixo, em que a oração matriz pode ser recuperada por um pronome na oração encaixada (cf. Picallo, 2007):

- (59) [CP Que F10 seja um pouco lento]_i preocupa a Alonso... mas (pro _i) alegra Vettel.

No que se refere, às formas não finitas especificamente, Gallego afirma que, em geral, os trabalhos concordam que as formas nominais do verbo são defectivas de algum modo (há ausência de alguma projeção). Mesmo apresentando certa defectividade, gerúndios e infinitivos podem atribuir Caso acusativo e podem ocorrer com advérbios de negação, por isso são considerados pelo autor como formas que apresentam traços φ -completos em v , como representado em (60).

- (60) a. [CP Recogido (*Juan) el dinero], nos iremos. (**participio**)
 ‘Recolhido (*João) o dinheiro, não haverá problemas.
- b. [CP Recogiendo Juan el dinero], no habrá problemas. (**gerúndio**)
 ‘Recolhendo João o dinheiro, não haverá problemas.’
- c. Quiere [CP recoger Juan el dinero] (**infinitivo**)
 ‘João quer recolher o dinheiro’
- (61) a. [CP (?*No) recogido el dinero], nos iremos. (**participio**)
 ‘Não recolhido o dinheiro, nós iremos.’
- b. [CP (No) recogiendo Juan el dinero], no habrá problemas. (**gerúndio**)
 ‘Não recolhendo João o dinheiro, não haverá problemas.’
- c. Juan decidió [CP no venir] (**infinitivo**)
 ‘João decidiu não vir’
- (GALLEGO, 2010, p.85)

Como as glosas abaixo dos exemplos nos revelam, é possível afirmar que as formas nominais do português apresentam propriedades bastante similares às do espanhol.

Em relação à presença ou ausência da categoria C nas formas nominais, Gallego defende que as três categorias apresentam C, mas que há diferenças entre as suas propriedades: o gerúndio e o participio passado têm C defectivo, daí orações em (62) serem agramaticais. Já os infinitivos permitem preposição os introduzindo-a em posição de complementador ou não apresentam esse tipo de restrição, daí a gramaticalidade de (63).

- (62) a. (*Por) habiendo demostrado el domador su valentía . . .
 ‘(Por) havendo demonstrado o domador a sua Valentia...’
- b. (*Sin) leída la sentencia, el juez se retiró.
 ‘(*Sem) lida a sentença, o juiz se retirou.’
- (63) a. Le amonestaron por mentir. (Spanish)

‘Ele foi avisado por mentir’

b. Credo di apprezzare molto il tuo libro. (Italian)

‘Acredito que aprecio muito o seu livro’

c. És interessant de fer notar aquest contrast. (Catalan)

‘É interessante apontar esse contraste.’

(GALLEGO, 2010, p.86)

O comportamento demonstrado em (62) e (63), para o autor, indica que participio passado e gerúndio são equivalentes a uma construção que apresente *infinitivo + preposição* (da mesma forma que Lobo (2003), como vimos anteriormente). Para Gallego (2010), participios e gerúndios falham em licenciar construções com preposições porque essas formas já contêm preposições.

De acordo com Mateu (2002, *apud* Gallego), gerúndios são *spelled-out* como uma construção que contém uma “preposição + uma estrutura nominal” em muitas línguas. Os exemplos em (64) são mais uma evidência a confirmar o caráter preposicional das construções gerundivas.²⁰

(64) a. He is **at** work – He is working.
‘Ele está **no** trabalho – Ele está trabalhando’

b. They went **on** a hike – They went hiking.
‘Eles estão **em** uma caminhada – Eles estão caminhando.

c. **em** circulación – circulando
‘**em** circulação – circulando’


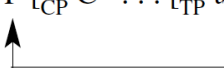
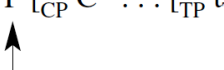
d. **em** crecimiento – creciendo
‘**em** crescimento – crescendo’

(GALLEGO, 2010, p.88)

²⁰ Lobo (2008) mostra que o gerúndio é equivalente à forma *a + infinitivo*, portanto *A menina está dançando = A menina está a dançar*. Deste modo, fica clara essa cristalização e o caráter preposicional existente em gerúndio. Também vale ressaltar que o uso da preposição antes do gerúndio é possível em contextos adverbiais principalmente e nem toda preposição pode ser utilizada, por exemplo **com circulando*.

Em (64), por meio das traduções dos exemplos do espanhol, vemos, mais uma vez, que as mesmas correlações entre formas não finitas se dão no português. Devido a todas as similaridades apresentadas entre as formas gerundivas no espanhol e em português, adotaremos a proposta de Gallego sobre o caráter preposicional das construções gerundivas como parte da explicação do comportamento das orações gerundivas com sujeito oracional.

O autor, depois de atestar esse caráter preposicional do gerúndio, que consideramos também se aplicar ao português, explica como a categoria P se manifesta nos gerúndios e participios. Gallego segue a proposta de Pesetsky & Torrego (2001, 2004) e assume que existe uma dependência sintática entre C e T, manifestada por Agree de longa distância, no caso das infinitivas (65a), e Merge interno, no caso de gerúndios (65b) e participio (65c).

- (65) a. $[_{CP} C^* \dots [_{TP} T \dots [_{v*P} v^* \dots]]]$ INFINITIVE Agree (C, T)

- b. $[_{PP} P [_{CP} C^* \dots [_{TP} t_T \dots [_{v*P} v^* \dots]]]]$ GERUND Internal Merge (C, T)

- c. $[_{PP} P [_{CP} C^* \dots [_{TP} t_T \dots [_{v*P} v \dots]]]]$ PARTICIPLE Internal Merge (C, T)


(GALLEGO, 2010, p.90)

No caso do gerúndio, o T se move para C e se projeta como um PP. Isso se dá porque T se manifesta com um P em contextos não finitos, mas em contextos finitos ocorre como um morfema flexionado. Esse fenômeno ocorre apenas em gerúndios e participios, tal fato se dá devido às propriedades lexicais dos morfemas dessas duas

formas nominais. No caso do gerúndio, o morfema *-ndo* é um núcleo preposicional por natureza²¹.

A estrutura básica do gerúndio para Gallego está em (65b) acima, em que se tem uma projeção de CP defectiva. O gerúndio em T se move (merge interno) para C e projeta um PP. Tal fato se dá devido a defectividade de C e do caráter preposicional do morfema de gerúndio.

Como dito anteriormente, devido às semelhanças apresentadas entre as construções gerundivas do espanhol e do português brasileiro, consideramos a proposta de Gallego interessante para explicar as propriedades das construções gerundivas. Vejamos se é possível estabelecer esse tipo de correlação. Em exemplos como os em (66) abaixo, vemos que PPs, adjetivos, advérbios e formas gerundivas podem ocupar posições semelhantes na oração:

- (66) a. O gato está [no quarto/ doente/ aqui/ dormindo].
b. Eu deixei João [no quarto/ doente/ aqui/ dormindo].

Vejamos agora se o mesmo tipo de relação se estabelece com as OGSO, como em (67):

- (67) O índice foi reduzido para zero [ontem/ rapidamente/ em pleno domingo/tornando a lei mais eficaz].

Como a gramaticalidade da oração em (67) revela e feitas as devidas ressalvas relacionadas aos tipos de predicados em (66) e (67), vemos que é possível propor que as

²¹ O autor argumenta a favor de sua hipótese de T dos gerúndios e participios se projetar como P, da seguinte forma:

“Building on ideas by Demirdache & Uribe-Etxebarria (2000) and Pesetsky & Torrego (2004), I assume that T manifests itself as a P in non-finite contexts, but as a tense morpheme in finite ones. Importantly, this T → P conversion only holds for gerunds and past participles. Why? The answer must lie on the morphological properties of these non-finite forms. Tentatively, I propose that *-ndo* and *-do/a(s)* are prepositional heads in nature, which would explain why an extra P cannot show up in C.”

OGSO se comportam como PPs no que se refere à relação sintática estabelecida com a oração matriz.

Considerações finais do capítulo

Neste capítulo analisamos o gerúndio *-ndo* em português europeu, em inglês e em espanhol. Vimos que, no caso do *-ndo*, a discussão abrange basicamente três tipos de gerúndio, o gerúndio nominal, o gerúndio possessivo e o gerúndio sentencial. As análises envolvem principalmente as características verbais e nominais das orações gerundivas e não há consenso nas análises.

O trabalho de Lobo (2003, 2006, 2014) analisa os contextos de orações gerundivas em português europeu. A autora propõe a separação de dois grandes tipos de oração gerundivas: as orações gerundivas predicativas e as adjuntas. Vimos que nas orações de gerúndio predicativas com verbo perceptivo, a OG se comporta como um predicado secundário, segundo a autora. Ademais, identificamos diversos testes que serão importantes para a identificação das estruturas dos dados estudados nesta tese.

Vale ressaltar que Lopes (2004) apresenta o dado em (96) para mostrar o comportamento do gerúndio em inglês e português. Vemos que somente o gerúndio absoluto tem um correspondente em português, nos outros casos usa-se o infinitivo flexionado ou uma preposição.

- (96) a. Mary favored Bill taking care of her land
a'. Mary deu preferência a Bill para cuidar dela.
b. Susan worried about John being late for dinner.
b'. Susan preocupou-se por John estar atrasado para o jantar.

- c. Sylvia wants to find a new house without Mark helping her.
- c'. Sylvia quer achar uma casa nova sem Mark ajudá-la.
- d. Mike expected to win the game, he/him being the best athlete in the school.
- d'. Mike esperava ganhar o jogo, sendo ele o melhor atleta da escola.

(LOPES, 2004, p. 62)

Identificamos o tratamento dado ao gerúndio em inglês, a partir dos trabalhos de Reuland (1983) e Abney (1987), o que tornou possível traçar um panorama de como geralmente são feitas as análises desse contexto. As características nominais e verbais, para não dizer, mistas, do gerúndio é o foco da argumentação. Reuland propõe que o morfema *-ing* é um marcador de flexão e é capaz de atribuir Caso. Abney propõe que gerúndios são DPs, que se adjungem ou a VPs ou a TPs. Vimos ainda que Pires (2001, 2006, 2007) analisa os gerúndios TP-defectivos, que não projetam TP e os gerúndios sentenciais (CGs), que possuem traço de Caso não-interpretável e são DPs que projetam TP.

Resumidamente, dos trabalhos de Reuland (1983), Abney (1987), Pires (2001, 2006, 2007) e Lobo (2003, 2006, 2014), utilizaremos os testes propostos e analisados (clivagem, negação, advérbio, preposição, pergunta QU-, elemento QU-, tempos distintos, pronome na posição de sujeito, *pro* [-referencial]) que serão importantes para entendermos o comportamento das orações gerundivas com sujeito oracional.

A análise de Gallego (2010) será resgatada na proposta desta teste, o autor supõe uma natureza preposicional do gerúndio. Nessa perspectiva, a forma *-ing* ou *-ndo* são TPs, em que o T (*-ndo*) se move para um C defectivo, em virtude da relação de C e T existente, e projeta um PP.

Capítulo 4 Proposta de análise para as orações gerundivas com sujeito oracional

Introdução

Este capítulo traz a proposta desta tese para explicar as propriedades sintáticas e semânticas das Orações Gerundivas com Sujeito Oracional. Conforme observado na introdução deste estudo, apesar de haver alguns trabalhos prévios que atestam a existência desse tipo de construção gerundiva (Moutella, 1995, Lopes, 2008, e Guaritá, 2015, 2017), ainda não há uma proposta teórica que explique o comportamento dessas orações. A fim de organizar a proposta que será defendida nesta tese, este capítulo traz as questões mencionadas na introdução desta tese que pretendemos responder:

- a.* Que tipo de relações sintáticas são estabelecidas entre oração matriz e oração gerundiva?
- b.* Quais são os tipos de verbo mais frequentes nesse tipo de construção gerundiva? É possível identificar uma classe verbal específica? Qual o papel desse tipo de verbo no licenciamento dessas construções?
- c.* Quais as propriedades sintáticas e semânticas da categoria nula, existente nessas orações? E por que as orações gerundivas nunca podem ocorrer antes da oração matriz?
- d.* Que tipo de estrutura sintática é capaz de representar as relações estabelecidas entre os diferentes elementos que compõem as orações gerundivas com sujeito oracional e mencionados nas questões (a), (b) e (c) acima.

Considerando as questões a serem respondidas, este capítulo será organizado em quatro seções. A seção 4.1 retoma, de forma sintética, as principais propriedades das Orações Gerundivas com Sujeito Oracional, segundo a literatura previamente apresentada. A seção 4.2 reúne um conjunto de testes sobre o gerúndio, os quais serão usados como diagnósticos da estrutura interna das orações gerundivas e da relação com a oração principal. A seção 4.3 investiga as características dos verbos das orações gerundivas e mostra que a noção de causatividade é relevante para que a sentença seja do tipo OGSO e também apresenta estudos que defendem a existência de verbos que selecionam eventos como argumentos. A seção 4.4 analisa a categoria vazia presente na posição de sujeito das estruturas gerundivas. Já a seção 4.5 traz a estrutura sintática capaz de captar as propriedades listadas acima e, por fim, são apresentadas as considerações parciais do capítulo.

4.1 Retomando a caracterização das Orações Gerundivas com Sujeito Oracional

De forma resumida, é possível afirmar que os trabalhos prévios sobre as propriedades das Orações Gerundivas com Sujeito Oracional, tais como os de Moutella (1995), Lopes (2008) e Guaritá (2015, 2017), consideram que são propriedades dessas orações:

- (i) O referente do sujeito nulo do verbo no gerúndio é toda a informação contida na oração “matriz”.
- (1) O índice foi reduzido para zero, tornando a lei mais eficaz.

(ii) OGSO podem ser transformadas em orações relativas iniciadas por *o que*, como exemplificado em (2) abaixo (cf. Lopes, 2008):

- (2)
- a. O índice foi reduzido para zero, *o que* tornou a lei mais eficaz.
 - b. O país tomou medidas sérias com relação à educação, *o que* fez a nação crescer.
 - c. Gases são liberados subterraneamente, *o que* danifica a qualidade dos solos.

Apesar de Lopes (2008) e Guaritá (2015) analisarem as OGSO como tipos de orações relativas, Guaritá (2017) mostrou que essas análises não se sustentam conforme discutido anteriormente nesta tese.

(iii) A mudança de posição da oração gerundiva para o início da sentença ou gera sentenças agramaticais, ou acarreta mudança na interpretação da sentença. Essa característica das OGSO envolve o *pro* das orações gerundivas. Ao nosso ver, a relação entre *pro* e o elemento em CP ao qual ele se relaciona explica a impossibilidade de mudança de ordem entre a oração gerundiva e a oração matriz, como vemos em (3).

- (3)
- d. **pro* **causando desidratação**, o clima está seco.
 - e. **pro* **prejudicando a saúde das pessoas**, milhares de peixes são envenenados diariamente.
 - f. **pro* **garantindo o melhor atendimento aos passageiros**, a empresa cumpriu todas as normas de acessibilidade.

(iv) Há uma semântica de causa e consequência entre a oração matriz e a oração gerundiva. A primeira sentença descreve um evento causador, o qual traz a consequência do evento causado, como o quadro abaixo procura revelar.

[Oração Principal]	<i>fez/causou</i>	[y,z]
[A redução do índice para zero]	<i>causou</i>	[maior eficácia na lei.]
[A tomada de medidas sérias]	<i>fez</i>	[a nação crescer]
[A liberação de gases subterraneamente]	<i>causa</i>	[a perda da qualidade dos solos]
[A secura do clima]	<i>causa</i>	[desidratação]
[O envenenamento de milhares de peixes]	<i>causou</i>	[prejuízo à saúde das pessoas]
[O cumprimento das normas de acessibilidade]	<i>causou</i>	[a garantia de melhor atendimento]
CAUSA		CONSEQUÊNCIA

Quadro 1: semântica causativa

Utilizamos no quadro acima os verbos *fazer* e *causar* porque, como visto em Arrais (1985), esses são verbos com interpretação tipicamente causativa. Vemos, a partir do arranjo exposto no quadro 1, que há semântica de CAUSA nas OGSO. Para tornar ainda mais clara a existência dessa relação de causa e consequência entre oração matriz e oração gerundiva, analisamos o comportamento dos dados em (4) abaixo.

- (4) a. A Índia está dividida em 28 estados e 7 territórios, **possuindo** mais de mil milhões de habitantes. (gerúndio neutro)
- b. A Índia está dividida em 28 estados e 7 territórios, **tornando** sua análise sociológica mais interessante. (OGSO)

Em (4a) temos uma oração gerundiva apresentada no trabalho de Mória & Viotti (2004), como exemplo de gerúndio neutro. Os autores apresentam esse contexto em que

há oração de gerúndio e não oferecem maiores análises sobre o dado. Em (4a), a oração gerundiva identifica uma situação que nem se relaciona temporalmente com a situação inserida na oração principal, e também não envolve implicação ou contraste, segundo os autores. Quando mudamos o verbo no gerúndio e incluímos, na oração, um verbo com semântica causativa, o gerúndio causativo transforma a oração neutra em uma oração gerundiva com sujeito oracional, tal como em (4b). Vemos que em (4a) a referência do verbo gerundivo *possuindo* é o sujeito da oração anterior, *A Índia*. Já em (4b) a referência do verbo gerundivo é toda a informação da oração anterior.

A existência de uma semântica causativa em OGSO fica mais clara com as diferenças no comportamento de orações gerundivas neutras e OGSO, como demonstram os testes aplicados em (5) e (6).

- (5)
- a. A Índia está dividida em 28 estados e 7 territórios, possuindo mais de mil milhões de habitantes.
 - b. *A Índia está dividida em 28 estados e 7 territórios, **o que** possui mais de mil...
 - c. [Possuindo mais de mil milhões de habitante], a Índia está dividida em 28 estados...
 - d. **A divisão da Índia em 28 estados e 7 territórios* possui mais de mil milhões de habitantes.
- (6)
- a. A Índia está dividida em 28 estados e 7 territórios, tornando sua análise sociológica mais interessante.
 - b. A Índia está dividida em 28 estados e 7 territórios, **o que** torna a sua análise sociológica mais interessante.

c. *[Tornando sua análise sociológica mais interessante], a Índia está dividida em 28 territórios...

d. *A divisão da Índia em 28 estados e 7 territórios* torna a sua análise mais interessante.

4.2 Identificação das propriedades sintáticas e semânticas das OGSO por meio de testes sintáticos

Vimos nos capítulos anteriores, por meio da revisão bibliográfica, que a fim de identificar as propriedades sintáticas e semânticas das construções gerundivas, os autores têm proposto diferentes testes. Nesta seção, retomaremos os testes que consideramos mais relevantes, a fim de demonstrarmos de que forma as OGSO se estruturam.

Serão apresentados os seguintes testes:

- a) Teste da clivagem
- b) Teste da negação
- c) Teste de advérbios do campo do TP
- d) Teste da preposição
- e) Teste de pergunta QU-
- f) Teste de elemento QU-
- g) Teste dos tempos distintos
- h) Teste dos pronomes na posição de sujeito
- i) *pro* [- Referencial]

Vale ressaltar, primeiramente, que vamos analisar apenas os testes para os dados de orações gerundivas com sujeito oracional, a comparação com as orações gerundivas canônicas não será feita aqui, mas poderá ser ressaltada em trabalho posterior.

Teste da clivagem

O primeiro teste que apresentaremos é o da clivagem, o qual foi utilizado em Abney (1983) como um indício para a identificação das características nominais das orações gerundivas estudadas. De acordo com o autor, estruturas com clivagem revelam uma propriedade nominal do sintagma gerundivo. Aplicaremos a seguir o teste da clivagem a OGSO:

- (7) a. Milhares de peixes são envenenados, prejudicando a saúde das pessoas.
b. *Foi **prejudicando a saúde das pessoas** que os milhares de peixes são envenenados.

Como é possível ver em (7), o dado de OGSO é agramatical nesse contexto, portanto, é um indício para uma classificação [+verbal] do gerúndio. Para Lobo (2006), a possibilidade de clivagem demonstra que a sentença ocupa uma posição interna ao domínio de IP, que, para a autora, significa posição de adjunção a vP ou VP. A agramaticalidade do dado em (7), portanto, demonstra que a oração gerundiva não ocupa uma posição interna ao domínio de IP, nem se comporta como um elemento nominal.

Teste da negação

Lobo (2008) e Fong (2015) usam o teste da negação para testar a existência da projeção de TP na OG. A inserção da negação sentencial temporal pressupõe a existência de um TP na oração, pois estamos assumindo, seguindo Fong (2015) e Panagiotidis (2010) que negação é adjungida a TP.²²

²² Há uma discussão sobre esse teste de negação, a presença dela e sua posição, além da relação com o Tema. Negação se adjunge à Tema (cf. Sportiche, 1993), porém, infelizmente, não pudemos analisar mais profundamente o teste, no entanto devemos ressaltar a importância e relevância dessa análise para trabalhos futuros.

- (8) a. Milhares de peixes são criados em cativeiro, prejudicando a saúde das pessoas.
b. Milhares de peixes são criados em cativeiro, **não** prejudicando a saúde das pessoas.

Como o comportamento da oração gerundiva em (8b) revela, as OGSO licenciam a negação sentencial. Esse comportamento revela que tais orações possuem a projeção TP.

Teste dos advérbios do campo de TP

O próximo teste que apresentaremos é o do uso de advérbios do campo de TP nas orações gerundivas. Isto é, advérbios que ficam adjungidos a TP.

- (9) a. Milhares de peixes são envenenados, prejudicando a saúde das pessoas.
b. Milhares de peixes são envenenados, prejudicando **somente** a saúde das pessoas.

Como se pode atestar, em (9b), a OGSO admite advérbios ligados a TP. O licenciamento de construções com advérbio sentencial também revela a presença de TP nas construções em que o gerúndio ocorre. Considerando esse teste, iremos postular que OGSO apresentam a projeção TP.

Ainda sobre o comportamento dos TPs das orações gerundivas com sujeito oracional, vale ressaltar que é possível incluir diversos advérbios ou PPs às orações gerundivas:

(10) a. Milhares de peixes foram envenenados, (*imediatamente*) prejudicando (*imediatamente*) a saúde das pessoas (*imediatamente*).

b. Milhares de peixes foram envenenados, prejudicando a saúde das pessoas (*no último ano*), (*só nessa cidade*).

Teste de preposição

Gallego (2010) propõe o teste de preposição para a análise do gerúndio, o qual é composto por *infinitivo + preposição*. Lobo (2006) afirma que as orações gerundivas predicativas não podem ser introduzidas por conectores que introduzem domínios finitos (como, as conjunções *como* e *quando*) ou por conectivos preposicionais. Nesses casos, a oração de gerúndio é equivalente a um infinitivo preposicionado. A agramaticalidade da oração gerundiva em (11), após a inserção da preposição, demonstra o caráter preposicional do gerúndio.

(11) a. *Milhares de peixes foram envenenados **em** prejudicando a saúde das pessoas.

Tal teste gera sentenças gramaticais em outros contextos de orações gerundivas adverbiais, por exemplo, como atestado em (12).

(12) a. Em sendo feita a análise, o caso será concluído.

Teste de Pergunta QU-

Esse teste é apresentado em Lobo (2001) e em Pires (2001), e a gramaticalidade do teste é indício de característica verbal e projeção de TP na oração, além de indicar

características adverbiais das orações gerundivas. Vejamos como as OGSO se comportam em relação a este teste.

- (13) a. Milhares de peixes são envenenados, prejudicando a saúde das pessoas.
b. Por que é que milhares de peixes são envenenados? – *prejudicando a saúde das pessoas.
c. Como é que os peixes são envenenados? – *prejudicando a saúde das pessoas

Como visto em (13b, c), esse teste revela que as OGSO não são gramaticais nesse tipo de contexto.

Se aplicarmos outro tipo de pergunta QU-, do tipo que revela o sujeito da oração, vemos que o teste fica bom com as OGSO, tal como em (14c):

- (14) a. Milhares de peixes são envenenados, prejudicando a saúde das pessoas.
b. O que envenenou milhares de peixes? – *prejudicando a saúde das pessoas.
c. Quem/ o que prejudicou a saúde das pessoas? – os milhares de peixes envenenados.

A gramaticalidade do teste acima, em (14c), revela a relação existente entre o conteúdo semântico do pronome nulo na posição de sujeito e a referência da oração matriz, que, conforme temos defendido nesta tese, é o referente do pronome nulo na posição de sujeito.

Teste de elemento QU-

O teste com elementos QU- revela que não é possível elemento Qu- na estrutura interna da OG, como vemos em (15). Tal fato revela a inexistência da projeção de CP nas estruturas gerundivas. É interessante notar que pode haver elemento Qu- no CP da oração principal (16a', b'), e tal fato leva a crer que a oração matriz possui um CP que a OGSO não possui ou, se possuir, é defectivo.

- (15) a. *Milhares de peixes foram envenenados **quando** prejudicando a saúde das pessoas.
- b. *O clima está seco **quando** causando desidratação.
- (16) a. Milhares de peixes foram envenenados, prejudicando a saúde das pessoas, no último ano.
- a'. **Quando** milhares de peixes foram envenenados, prejudicando a saúde das pessoas?
- b. O clima está seco, causando desidratação nessa época do ano.
- b'. **Quando** o clima está seco, causando desidratação?

Teste dos tempos distintos da matriz e da gerundiva

O teste de tempos distintos entre oração gerundiva e oração matriz indica projeção e riqueza de traços em TPe foi abordado em Pires (2001, 2006, 2007). Para esse autor, a impossibilidade de independência é explicada pela ausência de traços de tempo em TP nessas gerundivas, e sem essa posição não há onde o advérbio temporal se encaixar. Segundo Lobo (2008), esse teste indica o nível de dependência do T da oração matriz e do T da oração gerundiva. Se as orações licenciarem advérbios distintos, significa que seus T são independentes.

- (17) a. Milhares de peixes são envenenados **hoje**, prejudicando a saúde das pessoas **amanhã**.

Como pode ser observado no texto acima, as OGSO licenciam advérbios distintos da oração matriz. Esse comportamento revela que o T da oração gerundiva contém traços de tempo e não é completamente esvaziado.

Teste sobre a possibilidade de pronomes na posição de sujeito

Esse teste releva a existência da projeção Spec de TP do verbo no gerúndio. Como se pode atestar em (18a, b) existe a possibilidade de haver sujeito expreso ou sujeito pronominal. No entanto, é importante observar que a única forma de haver sujeito expreso em OGSO é quando o pronome retoma toda a oração principal, vide a diferença entre (18b) e (18d).

- (18) a. [Milhares de peixes são envenenados]_i, *ec*_i prejudicando a saúde das pessoas.
b. [Milhares de peixes são envenenados]_i, *isso*_i prejudicando a saúde das pessoas.²³
c. *[Milhares de peixes são envenenados]_i, *eles*_i prejudicando a saúde das pessoas.
d. *[Milhares de peixes são envenenados]_i, *Maria* prejudicando a saúde das pessoas.

Em resumo, o comportamento das OGSO revela que essas construções gerundivas projetam TP, que podem, inclusive, ser modificados por PPs e negação. Outra constatação

²³ Podemos obter *Milhares de peixes são envenenados, assim prejudicando a saúde das pessoas*. O *assim* explicita uma noção adverbial, o predicado de evento pode constituir, deste modo, um adjunto adverbial. Descreve um modo, especialmente dentro dessa estrutura estudada nesta tese.

feita por meio dos testes é que os CPs das construções gerundivas ou não são projetados ou são defectivos, pois não licenciam elementos QU- em sua posição.

4.3 Sobre os tipos de verbo das OGSO: a semântica causativa e os argumentos eventos

Nesta seção analisaremos, com mais detalhes, os verbos que ocorrem nas construções gerundivas. Iniciaremos nossa discussão apresentando alguns trabalhos que discutem predicados causativos e, posteriormente, discutiremos as propriedades de verbos que selecionam eventos como argumentos. A opção por esses dois temas se dá precisamente porque, desde Lopes (2004), a relação de causa e consequência tem sido apontada como relevante para a caracterização das OGSO. A temática dos verbos que selecionam eventos como argumento será apresentada na seção seguinte, uma vez que se mostra como um argumento chave para explicar o comportamento sintático e semântico de tais orações.

4.3.1 Sobre a causatividade verbal

Tipologicamente, causatividade verbal envolve verbos que se referem a uma situação causativa, ou seja, uma relação causal entre dois eventos, em que um é causado pelo outro. Kulikov (2001) define verbos causativos como verbos ou construções verbais com a interpretação “*cause to V_o*” (Causar V_o), em que V_o é o verbo base da oração encaixada. Os verbos em (20) são exemplos de verbos causativos:

(20) a. John opened the door.

‘João abriu a porta’.

b. Peter made John go.

‘Pedro fez o João ir embora.’

(KULIKOV, 2001, p.886)

O autor apresenta os tipos formais de causativas, que se diferenciam de acordo com a forma como a “causa” é expressa na língua. O primeiro tipo são as causativas morfológicas, nesse caso, o morfema causativo é um afixo aplicado à base de um verbo (o verbo não é causativo, fica causativo quando o afixo é incluído).

O segundo tipo são as causativas sintáticas. Nesses casos, o morfema causativo é uma forma livre, normalmente um verbo. O terceiro tipo é o das causativas lexicais, que são verbos com a interpretação ‘Causar V_o’, mas que não possuem qualquer marcador causativo. Este último tipo se relaciona com as causativas morfológicas. Existem casos, por exemplo, em que uma causativa morfológica se transforma em causativa lexical e casos em que ambas as formas permanecem.

Para entendermos a causativa lexical, Kulicov (2001) apresenta exemplos como *kill*, o qual possui interpretação diferente de ‘*cause to die*’. No primeiro caso, tem-se uma causativa lexical e no segundo caso uma causativa morfológica. Outro exemplo é o caso de línguas como Quechua, que possuem tanto a causativa lexical *wañu* – ‘morrer’ quanto a causativa morfológica *wañu-chi* – ‘causar morte’. No caso do português, como veremos em breve, temos causativas lexicais e morfológicas, em OGSO temos verbos causativos lexicais.

Sobre os tipos de interpretação semântica disponíveis para causativas, Kulikov apresenta primeiro a diferença entre causativas diretas e indiretas, depois apresenta as causativas permissivas, seguidas das assistidas (cooperativas) e declarativas.

De forma resumida, as causativas diretas possuem interpretação em que o agente manipula o paciente para realizar o evento causado; nesse caso a causativa manipula é controlada pelo agente. Já as causativas indiretas não possuem a mesma interpretação, o agente não controla o evento causado (=João derrubou a mesa X João pediu para que sentassem).

As causativas permissivas expressam uma situação em que o agente permite que o paciente realize evento, sem de fato causar o paciente a fazer tal coisa (*permitiu que dormissem ≠ fez as crianças estarem acordadas*).

As causativas cooperativas possuem a interpretação de “assistir um paciente a realizar tal evento”. O autor comenta que muitas vezes esse tipo de causativas possuem um tratamento diferenciado, pois esses dados não incorporam Causa. Por último, as causativas declarativas que, segundo o autor, possuem uma interpretação como “falar sobre o paciente como se este tivesse causando um evento”.

A partir do trabalho do autor vimos o contexto em que ocorrem sentenças causativas e algumas interpretações semânticas disponíveis. Temos um primeiro panorama do que é uma semântica causativa, que será apresentado a seguir.

4.3.2 Causatividade em português

Arrais (1985) descreve os padrões morfológicos e sintáticos existentes em português para expressar causatividade, além disso busca estabelecer parâmetros sintáticos/semânticos para definir as relações entre os elementos nessas construções e verifica os aspectos semântico-pragmáticos de causatividade.

O autor ressalta que causatividade é um fenômeno comum a diversas línguas, porém a maneira que é expressa varia entre procedimentos morfológicos, sintáticos e morfossintáticos. Por isso, muitos autores (Givón, 1975; Shibatani, 1976) buscam definir

uma situação causativa em termos de relação entre dois eventos, um evento-causa e um evento-efeito, em que a ocorrência do evento-efeito depende do evento-causa.

A dependência entre o evento-efeito e o evento-causa é comprovada em (22), pois o acréscimo da adversativa negando o efeito acarreta sentenças contraditórias ou agramaticais.

- (21) a. Eu fiz João sair.
b. João abriu a porta.
- (22) a. ?Eu fiz João sair, mas ele não saiu.
b. ?João abriu a porta, mas ela não abriu.

(ARRAIS, 1985, p.42)

A diferença entre causatividade e transitividade reside no fato de que nestas últimas há um termo afetado e um agente/experienciador que compreendem uma única proposição. Já nas causativas, há um argumento causativo (agente, instrumento ou causa) que ocorre em causativas transitivas e compreendem duas proposições: proposição-causa e proposição-efeito.

A derivação da noção de causatividade em português se dá tanto pelo emprego de um verbo como *fazer* ou *causar*, quanto por uma lexicalização, ou seja, emprego de um lexema verbal que tenha traço [+causativo]. Os exemplos em (23) ilustram orações causativas com os verbos considerados causativos típicos no PB:

- (23) a. O aluno fez o livro cair.
b. O aluno causou a queda do livro.
c. O aluno derrubou o livro.

Vemos que em (23 a,b) a causatividade se deu pela semântica verbal dos verbos escolhidos, já em (23c) houve lexicalização da noção de *fazer cair* em *derrubar*. Como já observamos anteriormente, os verbos envolvidos nas OGSO são causativos lexicais, pois há casos com os verbos *causar* e *fazer*, além de verbos que possuem traço [+causativo].

Segundo o autor, o PB exhibe as seguintes construções causativas: (i) com verbos transitivos ou intransitivos, uma construção causativa perifrástica com os verbos *fazer* ou *causar*, como vimos já em (23a,b); (ii) com verbos causativos implícitos, com sufixos, comuns em outras línguas; (iii) com verbos ergativos, com acréscimo de um nome causativo na função de sujeito; e (iv) com transformações de lexicalização, com uma forma verbal de traço [+causativo] (*cair* = *fazer cair*).

Arrais (1985) conclui que podem haver expressões de causatividade fora desses quatro padrões apresentados. Podem existir casos em que verbos transitivos podem ser interpretados como causativos como em (24a), que apresenta um sujeito tipicamente causativo (X é responsável por Y). A interpretação possível da sentença pode ser o que vemos em (24b), dessa forma, a frase em (24a), sem marca de causalidade tradicional, pode ser considerada uma derivação da frase em (24b).

- (24) a. A velhinha do 5º andar pintou todo o apartamento.
b. A velhinha do 5º andar fez com que o apartamento fosse pintado.

Pode ter ocorrido, segundo o autor, uma supressão ou apagamento do auxiliar causativo e do SN agente, que tem como indício a presença do SN sujeito com relação tipicamente causativa com o verbo transitivo.

Vimos, portanto, que as construções causativas constituem um argumento causativo e envolvem duas proposições: a proposição-causa e a proposição-efeito. A derivação da noção de causatividade em português se dá tanto pelo emprego dos verbos tipicamente causativos *fazer/ causar*, quanto por lexicalização por traço [+causativo]. Nas OGSO, alvo de estudo desta tese, é possível a ocorrência de verbos tipicamente causativos e os lexicais com traço de causatividade. Como já apontado em trabalhos anteriores, como Lopes (2004), é possível que se ateste a relação causativa nas OGSO. Podemos observar a oração (25), em que esse tipo de relação se estabelece, e, por isso, temos a proposição-causa como sendo a oração principal e a proposição-efeito como sendo a proposição-efeito.

(25) [O clima está seco]_{P-causa}, [causando desidratação.]_{P-efeito}

Em razão disso, seguimos a ideia de Lopes (2004) de que nessas construções existe uma interpretação de causa e consequência, mas não consideramos a semântica causativa como a única explicação para o licenciamento das OGSO. Na seção seguinte, iremos argumentar que os verbos causativos das OGSO selecionam eventos como argumentos e essa composição de fatores sintáticos e semânticos (verbos com semântica causativa e que selecionam eventos com argumentos) é responsável pela ocorrência dessas construções.

4.3.3 Sobre os verbos que selecionam eventos como argumentos

Nesta seção apresentaremos argumentos a favor da hipótese de que há verbos que selecionam eventos como argumentos e esse tipo de verbo está presente nas OGSO estudadas nesta tese. Essa hipótese, que não é muito difundida na literatura sobre a estrutura argumental dos predicados, será crucial para a hipótese a ser defendida nesta tese acerca da organização das OGSO. Também servirá para dar um passo adiante no que se refere à delimitação das propriedades dos verbos que ocorrem nesse tipo de construção.

A definição de argumento-evento, em Gomes & Mendes (2018), baseia-se no princípio de que domínio verbal inclui não apenas argumentos, mas também as eventualidades. O primeiro argumento das autoras em defesa dessa proposta apresentada consiste no fato de que podemos falar explicitamente sobre um acontecimento, e no fato de que é possível nomeá-lo.

Em (26b) e (27b), por exemplo, os DPs *o nascimento* e *a chegada* se referem ao mesmo evento denotado pelos verbos em (26a) e (27a). Os exemplos em (28) mostram que é possível pronominalizar eventos.

(26) a. Maria nasceu em 1999.

b. O nascimento de Maria foi em 1999.

(27) a. Pedro chegou.

b. A chegada de Pedro foi festejada.

(28) a. Pedro perdeu o emprego. Isso o traumatizou.

b. Lia subiu as escadas. Ela fez isso bem depressa.

(GOMES & MENDES, 2018, p.112)

O segundo argumento apresentado pelas autoras envolve acarretamento, que se relaciona com a noção de recursividade. Tal como se pode atestar, nos exemplos em (29) abaixo, tem-se que, se uma proposição for verdadeira, todas elas o são, afinal a informação de que “há uma bruxa passando manteiga no pão” está sempre presente.

- (29) a. À meia-noite, num castelo mal-assombrado, uma bruxa, com uma faca na mão...
passava manteiga no pão.
- b. Num castelo mal-assombrado, uma bruxa, com uma faca na mão... passava manteiga no pão.
- c. Uma bruxa, com uma faca na mão... passava manteiga no pão.
- d. Uma bruxa passava manteiga no pão.

(GOMES & MENDES, 2018, p.114)

As autoras afirmam que, segundo a assunção de argumento-evento, explicam-se os dados em (29) apenas dizendo-se que são todas descrições diferentes de um mesmo evento. Vemos que (29d) é o caso em que há menos modificadores do argumento evento.

Gomes & Mendes (2018) apresentam, entre as consequências de se assumir argumento-evento, a necessária reflexão sobre a seleção de argumentos. Caso se assumam argumentos como eventos, deve-se aceitar também que verbos são predicados de eventualidade e o tipo de eventualidade determina o número e o tipo de participantes necessários. Por consequência, a semântica dos sintagmas verbais, segundo essa perspectiva, deve considerar que:

- (i) Modificadores adverbiais estão coordenados com o predicado que modificam; (ii) além dos adjuntos de tempo, lugar, maneira etc. de que falam

as gramáticas tradicionais, o próprio verbo é um predicado do evento; (iii) o argumento-evento (que é implícito, nulo, não pronunciado, representado uma eventualidade) é argumento tanto do verbo quanto dos advérbios. (GOMES & MENDES, 2018, p.116)

Os predicados, portanto, introduzem um argumento de evento, tal fato envolve a Teoria dos Eventos. De acordo com Kratzer (1996, 2003) apresenta evidências para a proposta de que argumentos externos são conectados, na derivação sintática, por meio de argumentos eventos. No caso das OGSO, temos uma estrutura que se caracteriza por ter uma posição nula que tem a sua referência ligada por um argumento de evento.

No caso das OGSO, adotaremos a noção de argumentos eventos e iremos considerar que os verbos nas formas gerundivas selecionam tais argumentos. Analisemos os exemplos em (30) abaixo:

- (30) a. [O índice foi reduzido para zero]_i, *pro*_i **tornando a lei mais eficaz.**
b. [O país tomou medidas sérias com relação à educação]_i, *pro*_i **fazendo a nação crescer.**

Como temos argumentado em várias partes dessa tese, consideramos que foi o “fato de o índice ter sido reduzido para zero” que “tornou a lei mais eficaz”. Da mesma forma, foram “as medidas sérias com relação à educação” que fizeram a nação crescer. Nos exemplos analisados acima, são os eventos como um todo que preenchem a grade temática do verbo da oração gerundiva.

Em suma, considerando a argumentação exposta nas seções anteriores, vemos que parece haver uma relação causativa entre a oração matriz e a oração gerundiva e que,

além disso, os verbos das orações gerundivas são verbos causativos que selecionam orações (argumentos eventos).

4.4 Considerações sobre o pronome nulo das OGSO

Nesta seção, apresentaremos uma proposta para o comportamento do pronome nulo nas OGSO. Como visto no primeiro capítulo desta tese, o Português Brasileiro tem sido considerado uma Língua de sujeito nulo parcial, por vários autores. Essa classificação se deve em grande parte às propriedades sintáticas e semânticas que o pronome nulo tem apresentado na língua.

Em relação ao pronome nulo das orações gerundivas estudadas nessa tese, o aspecto que consideramos mais intrigante é o fato de um pronome nulo de uma oração encaixada apresentar como referente todo o conteúdo semântico da oração matriz, tal como já discutido na introdução desta tese e como os exemplos abaixo revelam:

- (31) d. O clima está seco, *pro* **causando desidratação.**
- e. Milhares de peixes são envenenados diariamente, *pro* **prejudicando a saúde das pessoas.**
- f. A empresa cumpriu todas as normas de acessibilidade, *pro* **garantindo o melhor atendimento aos passageiros.**

Para explicar essa propriedade, o ponto de partida é a proposta de Pilati, Naves e Salles (2017) para os pronomes nulos de terceira pessoa no PB. A hipótese das autoras é de que, em PB, pronomes de 1ª e 2ª pessoas são pronomes *stricto sensu* e possuem traço

de referencialidade. Já a 3ª pessoa possui propriedades diferentes, similar a outras formas pronominais como indefinidos e demonstrativos e não possui traço de referencialidade.

Pilati & Naves (2013) argumentam que o PB permite que o traço-D de *pro* seja satisfeito por (i) sintagmas não-argumentais ou que não são os sujeitos lógicos das sentenças, (ii) elementos nulos ou manifestos; (iii) de interpretação dêitica ou ainda pelo preenchimento da posição de sujeito por um pronome pleno.

Há, portanto, uma cisão no sistema flexional em PB responsável pelo comportamento da 3ª pessoa, a qual deixa de ser capaz de licenciar sujeitos definidos/referenciais. Essa propriedade inovadora na língua ocorreu, segundo a análise das autoras, pelo fato da flexão de 3ª pessoa ser incapaz de licenciar EPP. O traço de EPP deve ser satisfeito via inserção de um sujeito locativo, o qual é realizado por um DP locativo ou por um pronome/advérbio locativo nulo.

A flexão de terceira pessoa, nessa perspectiva, é marcada como referencial tanto pelo DP (32a), quanto por um pronome manifesto na posição de sujeito (32b). Se não houver um DP ou pronome referencial disponível, a flexão de terceira pessoa é marcada por um pronome locativo nulo e o argumento externo é interpretado como arbitrário/genérico (32c).

- (32) a. Maria conserta roupas. [DP + terceira pessoa = leitura referencial]
b. Ela conserta roupas. [Pronome + terceira pessoa = leitura referencial]
c. Aqui conserta roupas. [Locativo ou pronome expletivo = leitura arbitrária]

(PILATI *et al.*, 2017, p. 128)

Em línguas de sujeito nulo parcial, os sujeitos indefinidos são pronomes nulos de terceira pessoa e, segundo as autoras, é possivelmente uma categoria ϕ P aos moldes de

Holmberg (2010), enquanto EPP pode ser licenciado tanto por DP quanto por um locativo em Spec, TP.

Um ponto importante da argumentação das autoras, já apresentado no capítulo 1, mas que será retomado novamente por o considerarmos crucial para a argumentação desta tese, consiste nas possibilidades de relações de ligação entre pronomes nulos em línguas de sujeito nulo total, como o chinês, e línguas de sujeito nulo parcial, como o português.

Pilati, Naves & Salles (2017) seguem Huang (1984), no que se refere à proposta de que sujeitos nulos em chinês podem se referir tanto ao sujeito matriz (*pro*), quanto ao tópico saliente no discurso, como é possível ver em (33).

(33) a. Zhangsan_i shuo [e_{i/j} bu renshi Lisi].

Zhangsan say not know Lisi

‘Zhangsan disse que não conhecia Lisi’

b. Zhangsan_i shuo [Lisi bu renshi e_j].

Zhangsan say Lisi not know

‘Zhangsan said Lisi didn’t know him.’

‘Zhangsan disse que Lisi não o conhecia.’

(PILATI *et al.*, 2017, p. 129)

Na análise de Huang, em (33a) há a possibilidade de o sujeito nulo ser um *pro*, já que a sentença nominal *Zhangsan* é seu antecedente; é o caso da sentença *out of the blue*. Pode também ser interpretado com uma variável, já que pode se ligar a um tópico saliente gerado no discurso. O que queremos ressaltar, em relação a esta análise, é o fato de, na

hipótese das autoras para o comportamento de *pro* em PB, o pronome nulo poder se ligar ou a um argumento em Spec,TP ou a um elemento na posição de CP.

A ideia original de Huang (1989), que é assumida pelas autoras, é a de que as categorias vazias são “versões” de uma única categoria vazia, determinada localmente, pela definição funcional apresentada a seguir (cf. Pilati *et al*, 2017).

- Um determinado [NP e] é pronominal, ou seja, é PRO ou *pro* se, e somente se, for livre ou -ligado (ligado por um elemento com um papel temático independente). Será não pronominal (=vestígio) se, e somente se, for localmente não--ligado.
- Uma categoria vazia pronominal será um PRO se, e somente se, for não regido. E será *pro* somente se for regida.
- Uma categoria vazia não-pronominal será uma anáfora se, e somente se, for localmente A-ligado. E será uma variável (vestígio-wh) se, e somente se, for localmente A'-ligado.

(PILATI *et al*, 2017, p. 131)

As autoras argumentam que nessas línguas as categorias vazias comportam-se de duas formas diferentes: (i) como um *pro* em contextos *out of the blue*, quando o morfema nulo procura sua referência em uma posição c-comandante localmente ligada por um papel temático independente (34); (ii) como uma variável em contextos localmente A'-ligados, como em sentenças de pergunta e resposta e com tópicos (35);

(34) a. O João_i disse que vem_i para a festa.

b. O João_i disse [CP que [TP pro_{[φP]i} [T' vem_{[φP]i} [vP pro_{[φP]i} [v' ~~vem~~ [VP ~~vem~~ [para a festa]]]]]]]]

- (35) a. A Maria_i, o João_j disse que vem_i para a festa.
- b. [_{CP} A Maria_i [_{TP} O João_j disse [_{CP} que [_{TP} vem [_{VP} pro_{φP}_j [_{v'} vem [_{VP} vem] [para a festa]]]]]]]]]

(PILATI *et al*, 2017, p. 132)

Pilati *et al* assumem que a leitura de uma oração como (34a), em que a interpretação da categoria nula na posição de sujeito está ligada ao DP na posição de tópico e não ao DP na posição de sujeito, se dá devido ao comportamento de *pro* explicitado acima. Em casos como (35a), *pro* se comporta como uma variável; se liga ao elemento que ocupa a posição de tópico, ou seja, Spec CP.

Em resumo, as autoras argumentam que o sujeito nulo em línguas de sujeito nulo parcial tem dois comportamentos distintos: tem-se 1^a e 2^a pessoas com morfologia verbal e traço de referencialidade similar ao que ocorre em línguas de sujeito nulo e tem-se 3^a pessoa sem traços de referencialidade. Este último ocorre da mesma forma que o *pro* em chinês: é gramatical quando consegue encontrar uma referência por meio de um DP em posição de sujeito da matriz, dessa forma estabelece identificação formal; ou se comporta como uma variável, quando se liga a um elemento em CP, que pode ser tanto por uma palavra-wh, quanto por um DP em posição de tópico, ou ainda um quantificador.

A argumentação sobre *pro* [- referencial] em português brasileiro é feita nesta tese sob o seguinte raciocínio: se a hipótese das autoras estiver correta, há em português europeu dois tipos de *pro*, um [+referencial] e um [- referencial]. Já em PB, há apenas um *pro* [- referencial]. Em PE temos dados como (36), (cf.2.1) abaixo. O fato das autoras considerarem esse tipo de dado um problema textual, indica que são dados menos frequentes em português europeu do que em português brasileiro.

- (36) a. Do mesmo modo, esses gases libertam-se também subterraneamente, fazendo com que os solos percam a sua qualidade e deixem de ser favoráveis à produção de alimentos, **comprometendo** as gerações actual e futura. [Turma 2, Texto 6]
- b. Um excerto desse mesmo artigo referia-se aos perigos que essas mesmas lixeiras representam, tanto para a vida humana, como para a fauna e a flora, **comprometendo** assim o futuro da vida na terra. [Turma 3, Texto 5]

(SOUSA & ESTRELA, 2009, p. 235)

Em OGSO, o *pro* busca referência no evento descrito na oração principal. Ainda sobre as orações gerundivas com sujeito oracional, vemos que é possível estabelecer que o *pro* das orações gerundivas, se ligue a um elemento que ocorre na posição de CP; no caso, esse elemento em CP consiste em uma outra oração.

4.5 Juntando as peças e propondo uma estrutura para as OGSO

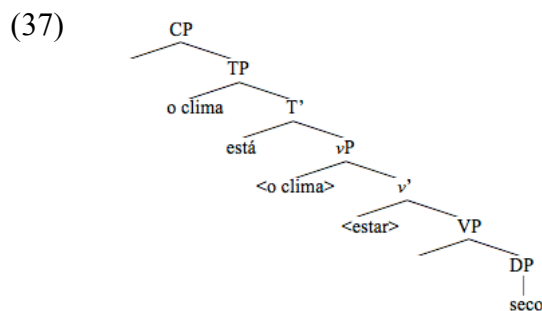
Nesta seção apresentaremos a estrutura sintática que consideramos capaz de explicar as propriedades das construções gerundivas com sujeito oracional. A partir dos testes realizados, foi possível identificar que as OGSO:

- Projetam TPs relativamente independentes da matriz;
- Apresentam posições de CP defectivas;
- Apresentam semântica causativa;
- Apresentam verbos que selecionam eventos como argumento;
- Apresentam propriedades equivalentes a PPs;
- Licenciam *pro* [- referencial] na posição de sujeito.

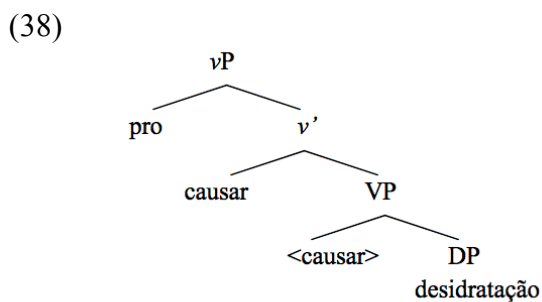
As estruturas gerundivas com sujeito oracional são TPs, como vimos no decorrer da argumentação deste capítulo. Seguimos Gallego (2010) e propomos uma análise do gerúndio levando em consideração a natureza preposicional do morfema. O *-ndo* em T, ao se mover para o C defectivo das OGSO, projeta PP e forma um P-CP. Essa proposta leva em consideração os testes feitos para OGSO e que comprovaram a inexistência de CP nas orações gerundivas com sujeito oracional ou existência de um CP defectivo, no caso um C amalgamado em P. Em nossa perspectiva, portanto, há uma preposição nula no gerúndio, a qual é capaz de atribuir Caso ao *pro* da oração.

Além de termos o gerúndio, temos um verbo que seleciona dois argumentos, um argumento interno e um argumento externo que é um *pro*. Propomos que essa categoria vazia é [- referencial], como vimos em Pilati *et al* (2017), e busca sua referência (traços-D) no CP matriz.

Vamos agora entender como ocorre a derivação. A oração principal é formada pelas operações usuais (cf. Programa Minimalista). Há *merge* dos argumentos interno e externo e atribuição dos papéis temáticos e checagem de traços na fase *vP*. Em seguida, há *Agree* de T com o verbo e projeção de TP. O sujeito *o clima* se move para Spec, TP para checar traço EPP e temos o resultado em (37).

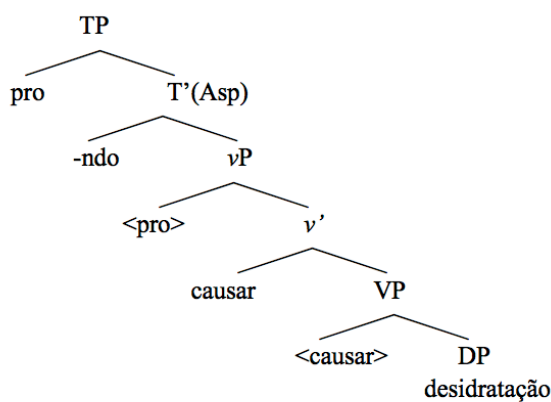


A oração gerundiva é formada inicialmente também pelas operações usuais da teoria. O verbo *causar* é inserido na oração, como o núcleo de V. Esse verbo seleciona dois argumentos – um DP e um argumento do tipo evento. No contexto abaixo (38), o argumento interno é *desidratação* e o argumento externo é um *pro*. O verbo preenche sua grade lexical e temos a atribuição dos papéis temáticos na Fase *vP*.

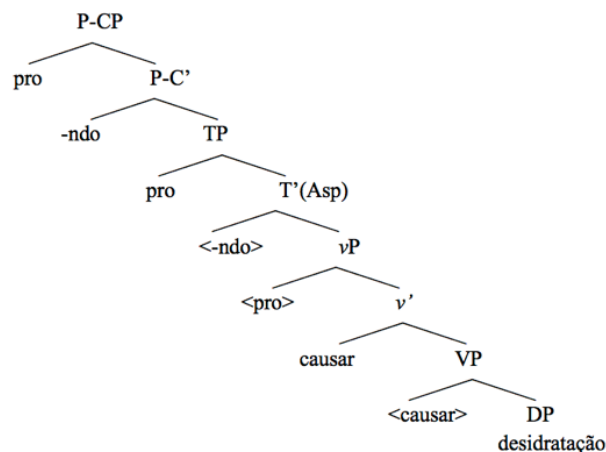


Em seguida, há *merge* de T e *Agree* é estabelecido entre *v* e T resultando na checagem de traços não-interpretáveis do gerúndio. O *pro* vai para Spec,TP, mas não pode checar EPP, pois é [- referencial]. Devido à relação sintática de dependência entre C-T, o T, ao se mover para C, projeta um PP (este fato é ilustrado no amálgama P-CP em (40)), pois esse C é defectivo. Deste modo, o gerúndio passa a ser capaz de transmitir Caso a *pro*, o qual agora pode obter referência no evento da oração principal.

(39)

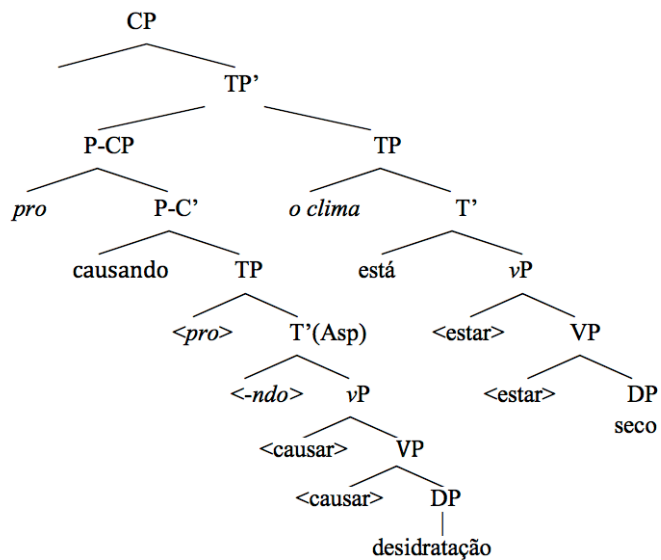


(40)

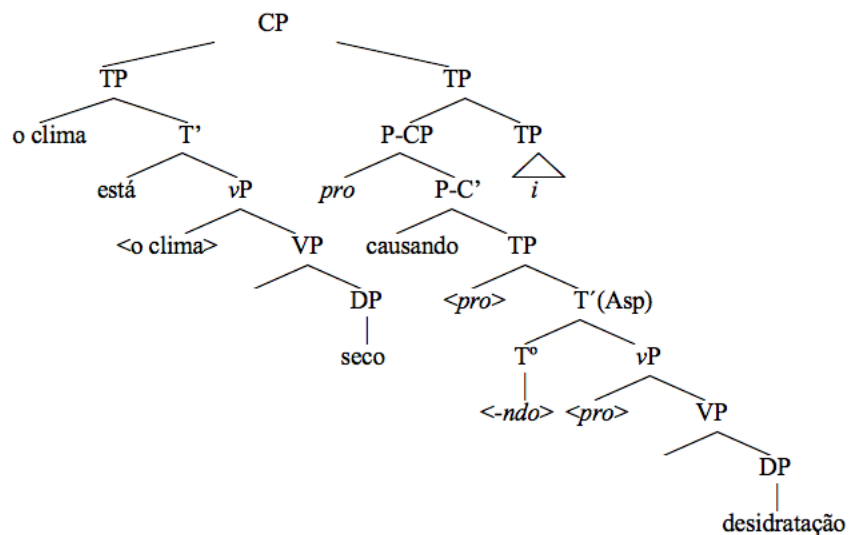


A adjunção ocorre em TP da oração principal como vemos em (41) e, por fim, o TP matriz se move para CP e temos a estrutura em (42) já com todas as referências estabelecidas e os traços checados.

(41)



(42)



Em (42) temos a estrutura linearizada, o movimento do TP adjunto é deslocado para conseguir estabelecer relação de c-comando e obter referência no evento da oração principal.

Resumidamente, as orações gerundivas com sujeito oracional são PPs adjungidos a TP da oração matriz. O verbo da oração gerundiva seleciona um evento e há uma relação

de causa e consequência entre oração principal e OGSO. O *pro* da oração de gerúndio é [- referencial] (Huang, 1989 e Pilati *et al*, 2017) e busca referência por c-comando.

Considerações finais do capítulo

Iniciamos este capítulo apresentando quatro perguntas relevantes para a explicação das propriedades sintáticas e semânticas das OGSO. Foram elas:

- a) Que tipo de relações sintáticas são estabelecidas entre oração matriz e oração gerundiva?
- b) Quais são os tipos de verbo mais frequentes nesse tipo de construção gerundiva? É possível identificar uma classe verbal específica? Qual o papel desse tipo de verbo no licenciamento dessas construções?
- c) Quais as propriedades sintáticas e semânticas da categoria nula, *pro*, existente nessas construções? E por que as orações gerundivas nunca podem ocorrer antes da oração matriz?
- d) Que tipo de estrutura sintática é capaz de representar as relações estabelecidas entre os diferentes elementos que compõem as orações gerundivas com sujeito oracional.

A resposta que trouxemos para cada uma dessas perguntas foi a seguinte:

A questão (a) envolve os testes realizados, a partir dos quais identificamos que a oração OGSO se comporta como um PP e por isso que se adjunge a TP da oração matriz.

Sobre os tipos de verbos presentes em OGSO, identificamos que apresentam semântica causativa e podem ser frequentemente substituídas por verbos típicos causativos como *fazer* e *causar*. O envolvimento desse tipo de verbo permite a interpretação de causa e consequência das sentenças e há uma proposição-causa e uma proposição-efeito envolvidas.

O pronome nulo da oração gerundiva que permite a coindexação do pronome a um evento, no caso, a oração principal por c-comando. Isto posto, temos uma oração gerundiva, que é um PP e possui um *pro* ligado ao evento descrito na oração principal. O *-ndo* em PP atribui Caso ao pronome e a OG se adjunge ao TP da oração matriz.

Considerações finais

Esta tese investigou as propriedades sintáticas e semânticas das orações rotuladas por Guaritá (2015) como Orações Gerundivas com Sujeito Oracional (OGSO). Como visto, tais construções exibem uma propriedade peculiar, que é o fato de a referência do pronome nulo, que ocupa a posição de sujeito do verbo no gerúndio, corresponder a toda a informação contida na oração matriz.

Dividimos o trabalho em 4 capítulos. No primeiro apresentamos o quadro teórico desta tese e algumas ferramentas teóricas do Programa Minimalista. Além disso, analisamos as discussões sobre categorias vazias e o estatuto de *pro* no PB. No segundo capítulo foi apresentada a contextualização e a análise dos dados de Orações Gerundivas (OGs) em PB. Apresentamos um recorte dos estudos existentes sobre o gerúndio em português, a partir da exposição da descrição tradicional e linguística das orações gerundivas em PB. No terceiro capítulo trouxemos estudos sobre o gerúndio em outras línguas, mais especificamente a forma *ing* do inglês e as formas nominais em outras línguas. No quarto capítulo usamos os testes coletados no capítulo anterior e aplicamos aos dados de OGSO do PB, dessa forma, desenvolvemos um quadro distribucional das orações. Em seguida fizemos a proposta de uma estrutura para os dados, baseada nos testes, no comportamento da categoria vazia e nas noções de causatividade verbal.

Em síntese, a revisão dos trabalhos prévios nos revelou que há poucas pesquisas sobre esse tipo de fenômeno, não obstante já haver alguns avanços no que se refere à descrição das OGSO. No entanto, ainda não havia uma proposta teórica para explicar o comportamento dessas orações.

O objetivo geral da pesquisa foi propor uma explicação estrutural para o comportamento das orações gerundivas com sujeito oracional que pudesse captar o fato

da oração de gerúndio poder ter como referência do sujeito nulo todo o evento descrito pela oração principal. Para tanto, analisamos a categoria vazia das construções e identificamos que é um *pro* [- referencial] que obtém referência na oração anterior. Ademais, reconhecemos que o verbo envolvido nas construções possui semântica causativa, e que tal fato garante a semântica de causa e consequência subjacente nos dados, ou seja, temos uma proposição Causa e uma proposição Efeito. Por fim, verificamos que o verbo no gerúndio seleciona dois argumentos, um DP e um evento. A oração gerundiva projeta TP e um C defectivo em P. Tal fato está relacionado aos testes feitos nesta tese que mostram projeção de TP na gerundiva e indícios de CP defectivo ou ausente.

Referências

ABNEY, Steven P. *The English noun phrase in its sentential aspect*. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology, 1987.

ARRAIS, Telmo Correia. *As construções causativas em português*. ALFA: Revista de linguística, v. 29. São Paulo, 1985.

CAMPOS, Odette G. L. Altmann. *O gerúndio românico: estudo histórico-descritivo*. ALFA: Revista de Linguística, v. 18. São Paulo, 1972.

CASTILHO, Ataliba T. *Nova gramática do português brasileiro*. Editora Contexto. São Paulo, 2010.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic structure*. Mouton, 1957.

_____. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.

_____. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. Greenwood Publishing Group. New York: Praeger, 1986.

_____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1995.

_____. *Beyond Explanatory Adequacy*. MIT Occasional papers in linguistics, Vol. 20. MITWPL, 2001.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lexikon Editora Digital. Rio de Janeiro, 2008.

FONG, Suzana. *Construindo um domínio não finito: a sintaxe de orações de gerúndio em português brasileiro*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2015.

GALLEGO, Ángel J. *On the prepositional nature of non-finite verbs*. Catalan Journal of Linguistics 9, 79-102, 2010.

GOMES, Ana Quadros & MENDES, Luciana Sanchez. *Para conhecer semântica*. Editora Contexto. São Paulo, 2018.

Guarità, Camila Parca. *Sobre orações gerundivas com sujeito oracional em português brasileiro*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

_____. *O índice foi reduzido para zero, tornando a lei mais eficaz: Sobre as propriedades sintáticas e semânticas das orações gerundivas cujo sujeito tem sua referência construída com base no conceito apresentado na oração precedente*. In: Pereira & Pilati (org.). *Estudos formalistas das línguas naturais*. Pontes Editores. São Paulo, 2018.

HOLMBERG, *Is there a little pro? Evidence from Finnish*. Linguistic inquiry 36.4. MIT, 2005.

HUANG, C.-T. J. *Pro-drop in Chinese: a generalized control theory*. In: JAEGGLI, O.; SAFIR, K. (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht, Boston & London: Kluwer, 1989.

KRATZER, Angelika. *Severing the external argument from its verb*. In: ROORYCK & ZARING (eds.): *Phase structure and the lexicon*. Dordrecht, 1996.

_____. *The event argument and the semantics of verbs*. University of Massachusetts, 2006.

Kulikov, Leonid. *Causatives*. In: *Language typology and language universals: An international handbook*. Vol. 20. Walter de Gruyter, 1996.

LOBO, Maria. *Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do português*. Dissertação de doutorado. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2003

_____. *Dependências temporais: a sintaxe das orações subordinadas gerundivas do português*. Veredas Portugal. Lisboa, 2006.

_____. In.: RAPOSO, NASCIMENTO, MOTA & MENDES (org.). *Gramática do português, Vol.II*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

LOPES, Josmária Madalena. *Orações Gerundivas adjetivas no português do Brasil*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2004.

MARTIN, Roger. *Null case and the distribution of PRO*. *Linguistic inquiry*, v. 32, n. 1, p. 141-166, 2001.

MATEUS, Mira et. al. *Gramática da língua portuguesa*. Editorial Caminho, SA. Lisboa, 2003.

MÓIA, Telmo. *A sintaxe das orações relativas sem antecedente expresso do português*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa. Lisboa, 1992.

MÓIA, Telmo & VIOTTI, Evani. *Sobre a semântica das orações gerundivas adverbiais*. Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, 2004

MOUTELLA, Emília Manuela R. *O gerúndio oracional em português*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 1995.

PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. Parábola Editorial. São Paulo, 2010.

PILATI, E. *Aspectos sintáticos e semânticos da ordem verbo-sujeito no português*. Tese de Doutorado. Brasília: UnB, 2006.

PILATI, E.; NAVES, R. R. *Desenvolvendo a hipótese da cisão da categoria pronominal no português brasileiro*. In: MOURA, D.; SIBALDO, M. *Estudos e Pesquisas em Teoria da Gramática*. Edufal, p. 233-253.. Maceió, 2013.

PILATI, E.; NAVES, R.; SALLES, H. *On the Syntax of Subjects in Brazilian Portuguese: Using the ‘Split’ Pronominal System as the Basis for an Alternative Analysis*. *Diadorim*, Revista 19, volume especial. Rio de Janeiro, 2017.

PIRES, Acrísio. *Clausal and TP-Defective Gerunds: Control Without Tense*. NELS 31, University of Maryland at College Park. Maryland, 2001.

_____ *The Minimalist Syntax of Defective Domains: gerunds and infinitives*. University of Michigan, Ann Arbor. John Benjamins Publishing Company Amsterdam/Philadelphia. Philadelphia, 2006.

_____ *The derivation of clausal gerunds*. *Syntax*, v. 10, n. 2, p. 165-203, 2007.

REULAND, Eric J. "Governing -Ing." *Linguistic Inquiry*, vol. 14, no. 1, 1983.

RODRIGUES, Patrícia. *O gerúndio e as leituras concreta e imaginativa dos verbos de percepção em português brasileiro*. *Caderno de Estudos Linguísticos*, 49(1):29-38. Campinas, 2007.

_____ *A complementação e a interação dos verbos de percepção*. *Revista Letras*, nº81, Editora UFPR. Curitiba, 2010.

SALLES, Heloisa. *Construções oracionais reduzidas de gerúndio: um estudo preliminar*". Resumo estendido SBPC. Brasília, 1993.

SOUZA, Otilia & ESTRELA, Antónia. *A construção gerundiva: uma construção problemática?*. In.: PINTO, Paulo (org) *Gramática, para que te quero?! O ensino de gramática: Sentido(s) e possibilidades*. Associação de Proponentes de Português. Lisboa, 2009.

SPORTICHE, D. *Structural Invariance and Symmetry in Syntax*, Tese de doutorado, MIT. MIT Working Papers in Linguistics, 1983.